REVISTA DA SEMANA

Nº 51 19-12-53 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



EDIÇÃO DE NATAL

300 MIL APARTAMENTOS VAZIOS NO RIO!



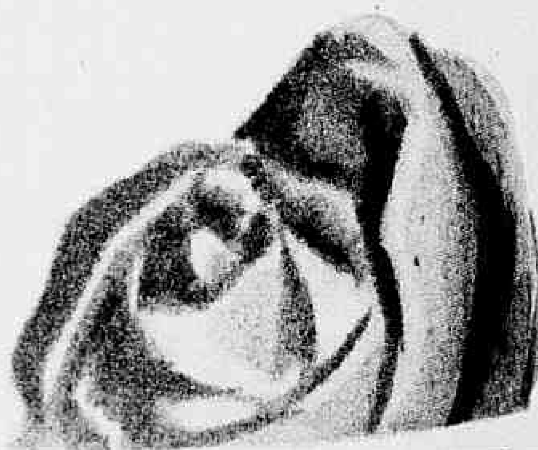
Beleza

impregnada de "it" — a palavra incluída no vocabulário universal para expressar o encanto, a misteriosa sedução que algumas mulheres possuem.

It — êsse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segrêdo do sucesso feminino, entre nós se celebrizou através do LEITE DE ROSAS, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquêle misto indefinível de graça e sedução.

LEITE DE ROSAS





REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 51 ★ 19-12-53

SUMÁRIO

Há sempre um presente inesquecível ... 8/ 9
Como vejo Dutra ... 10/11
De Pau Grande para a Copa do Mundo ... 14/15
Papai Noel corre os bastidores ... 16/17
Acredito em Deus, não acredito é que Deus acredite em mim ... 20/21
Les frères Jacques, os atletas da canção ... 22
300 mil apartamentos (vazios) no Rio de Janeiro ... 26/29
Seu nome era Jesus ... 31/35
O Natal também se renova ... 38/39
Joan Crawford e seus 25 anos de glória ... 46/47
A Escolinha é como um conto de Andersen ... 52/55
Era nos corredores a dança dos milhões ... 72/73
História de Natal ... 3
Por êsse mundo de Deus ... 4/ 6
Guajurá, Natal e Família ... 19
Natal 53 ... 36/37
Femininas ... 40/41
Semana literária ... 58/59
Bom humor ... 64/65
Semana política ... 68/69
Semana em revista ... 70/71
Último flash ... 74

CAPA:

ANN BLYTH

(Universal International)

● Redator-Chefe: **Joel Silveira**
● Assistente: **Hélio Abreu**
● Paginação: **Victor Tapajós**
● Desenhos: **Alberto Lima**
● Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

● Diretor: **Gratuliano Brito**
● Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15 Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569 Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses ... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 280,00
Seis meses ... Cr$ 140,40

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ... Cr$ 400,00
Seis meses ... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.

História de NATAL

JOEL SILVEIRA

O homem era obrigado, de instante em instante, a passar o lenço sujo nos vidros da lanterna, que a neblina úmida fazia foscos. Então a luz vacilante da chama se derramava mais forte no chão, numa nódoa leitosa. Tal a treva que, nas pessoas dispostas em tôrno do círculo luminoso, só se distinguiam os sapatos e o comêço dos capotes; e assim fechados pelo muro de gente cortada ao meio, os ursinhos passeavam mecânicamente, minúsculos e autênticos, num caminhar manso e exato. O homem de voz rouca, o corpo embrulhado num sobretudo cheio de remendos, os oferecia a mil liras cada, e não a dois mil, explicava, que era quanto êles custavam em qualquer loja ali da Piazza della Signoria ou nas casas do lungarno.

Mais do que neblina, era o «nebbione», compacto, oleoso, que, ao menor contato, se rasgava como sêda podre, e que fechava as ruas de Florença em sucessivos e aparentes compartimentos estanques, cada qual com a sua escuridão mais densa. E ainda chegava, vez por outra, o lúgubre vento apenino, assoviado pela bôca de fantasmas e tiritando no seu agourento frio de cemitério.

Afogo-me mais ainda no casaco pesado, esfrego as mãos enluvadas, guardo-as fundo nos bolsos amplos — e ali fico, os pés acesos na luz da chama e a cabeça se anulando na escuridão, a acompanhar o fidalgo e solene caminhar dos ursinhos mecânicos. Chega, não sei de onde, a música de um cântico de Natal, molhada e difusa como se viesse do leito do Arno; e o pesado carrilhão do Duomo acabou de martelar, pausado, as cinco horas daquela tarde florentina que a neblina e o frio haviam empretecido numa noite fechada.

● Então um pequeno animal forçou a parede de pernas e saltou, inesperado, no centro luminoso: era uma criança, uma menina, não podia ter mais de cinco ou seis anos. Um casaco quase em molambos guardava o corpo transido, sapatos velhos e grosseiros calçavam os pés que deviam ser muito menores do que as pesadas botinas herdadas de algum dono mais idoso. E os cabelos são longos, muito louros, caindo em ondas mais luminosas que o triste amarelo da luz da lanterna.

À vista do mágico caminhar dos ursinhos, os olhos se acendem, deslumbrados; mas logo uma névoa triste desce sôbre êles, e a criança olha em tôrno do círculo adulto, ansiosa e grave, na espectativa de encontrar um rosto amigo no grupo que a neblina forte reduziu a uma estranha coleção de monstros decapitados. Sinto a angústia da cabecinha loura que se mexe lá embaixo, aos nossos pés, como uma outra pequena chama que o vento quer apagar. Abaixo-me, faço o meu rosto surgir, amigo e sorridente, na zona banhada pela luz. A criança espânta-se, mas a um sinal de paz, aproxima-se, o dedo na bôca, os olhos presos aos meus. Apanho um dos ursinhos, entrego-lhe. Os olhos vão explodir de alegria. O vermelho das faces são duas papoulas sangrentas — é o sadio vermelho dos anjinhos do Ghirlandaio. Na primavera, imagino, aquêle casaco velho e aquêles sapatos grosseiros se partem e caem como um casulo maduro; e logo asas brancas levarão aos céus o corpinho côr-de-rosa daquela minúscula borboleta loura — pois assim, sei, é que nasceram todos os anjinhos do Cinqüecento.

«É meu?» («Veramente mio?») — e à pergunta, medrosa, segue-se um gesto de posse, as mãos ferozes apertando de encontro ao peito o ursinho cinzento. Pago ao homem, ergo-me. A criança me encara, adivinho nela a presença de um sentimento para cuja expressão ainda faltam gesto e palavra. «O senhor é bom», dizem os seus olhos; mas como talvez os olhos não estejam dizendo tudo, ela pousa o ursinho no chão, entre os seus sapatos sujos, segura, rápida, uma das minhas mãos, a esquerda, e cobre-a de beijos molhados. E, mais rápida ainda, apanha o brinquedo e desaparece por um dos sombrios túneis abertos na parede da pernas e capotes.

● Era Natal, a mão foi esta, a esquerda, e quem a beijou era um anjo. Olho-a: é uma mão comum, uma feia e dura mão de homem. Um anjo a beijou, contudo, e sinto que ela sobreviverá ao corpo que será dos vermes; sobreviverá, dura e feia, ao coração mágico, ao cérebro augusto, aos músculos tão confiantes, sobreviverá à carne e ao sangue.





Por êsse Mundo de Deus

CANNES — A invenção acima é sobra do verão passado, mas só agora, ao que parece, o seu criador parece ter tirado patente da mesma. O engenho é simples: com essa espécie de «bikini», ventilado e quase com molas (naturais) o nome do bem-amado, ao ser beijado languidamente (ou furiosamente, se o sol fôr o de Copacabana...) pelos raios solares, inscreve-se meigamente no corpo da bem-amada, numa tatuagem que poderá durar o verão inteiro.

DISSERAM

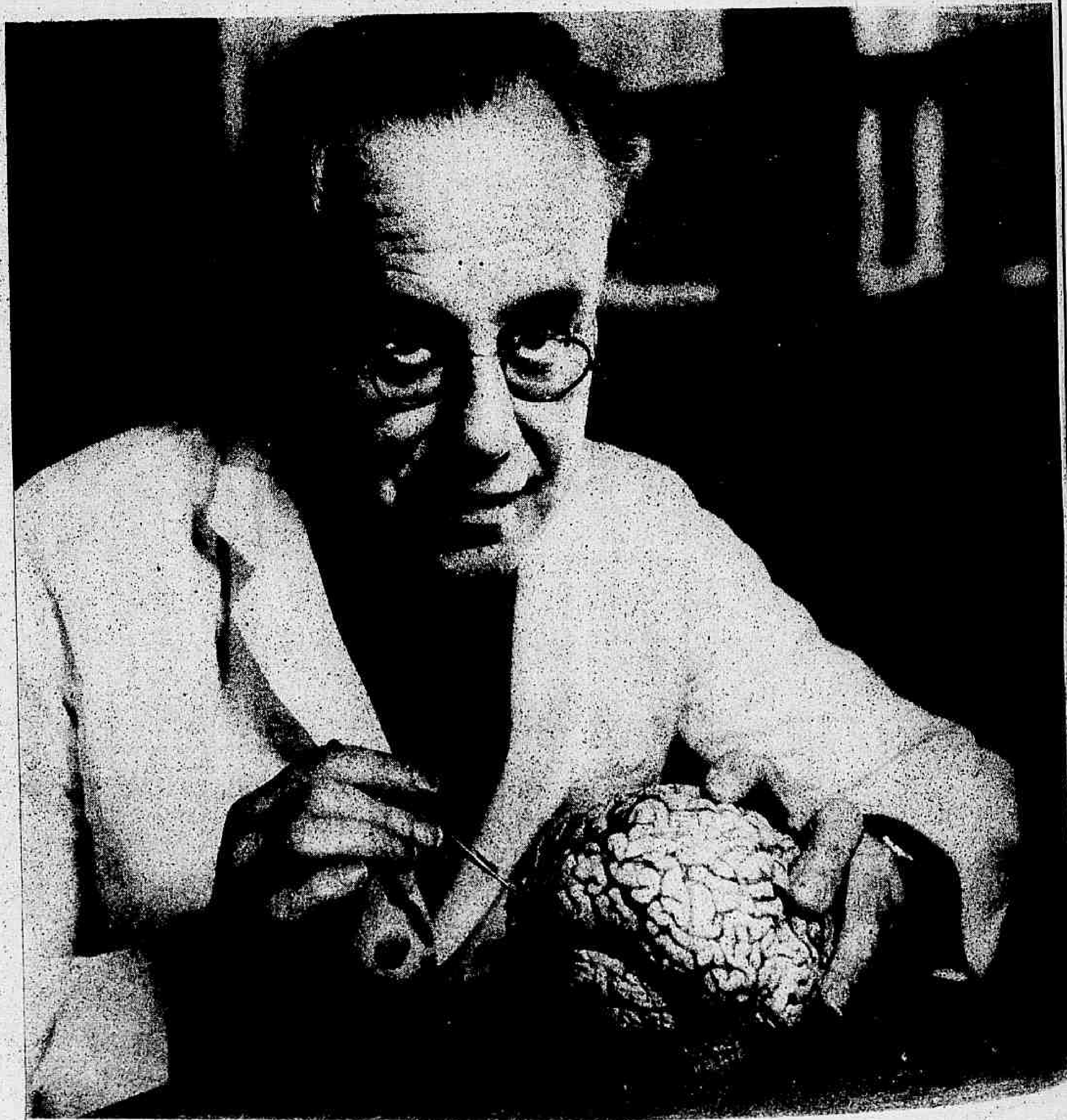
PAUL LÉAUTAUD, escritor, nonagenário e misógino: "Não há mulheres fiéis mas é possível encontrar mulheres que ainda não são infiéis".

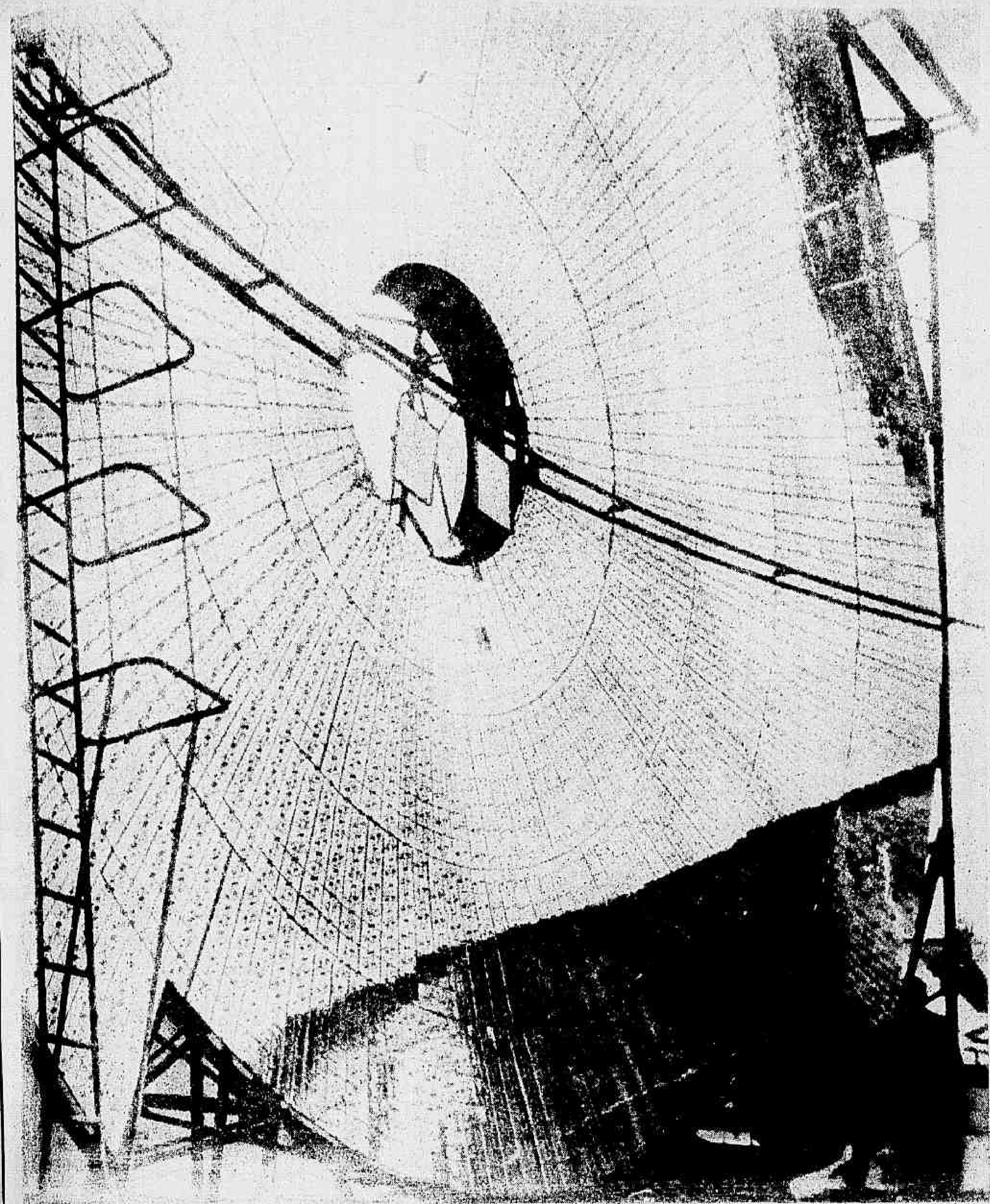
O FILÓSOFO e octogenário Bertrand Russell: "Para viver muito, aconselho quatro coisas: fumar muito, não alimentar ambições, evitar as correntes de ar e ter um péssimo caráter".

A ATRIZ Marilyn Monroe: "O professor Kinsey cometeu um êrro apenas em seu relatório, que foi o de não me interrogar: eu lhe teria sugerido coisas interessantes".

O ATOR E DIRETOR teatral Jean-Louis Barrault (intraduzível): "Ce qu'il y a de plus difficele dans le commencement, c'est la faim".

DO EX-CANDIDATO Adlai Stevenson: "O político é um homem que se aproxima de tôdas as questões com a bôca aberta e o coração fechado".







A senhora Barbara Graham, mãe de três criancinhas, poucos momentos antes de morrer na câmara de gás, em Los Angeles, a que foi condenada pelo tribunal, por ter participado do assassinato de uma vizinha com mais dois outros cúmplices.

Um homem chora nos escombros do que foi a casa paroquial de Olivetto (Reggio de Calábria). Essa região italiana foi invadida pela lama de uma enchente que destruiu noventa por cento das casas e matou dezessete pessoas.

Parece uma escultura concretista mas é um aparelho construído pela França para recolher os raios do sol e transformá-los em energia. Quando um aparelho dêsses fôr comercialmente aproveitável, as zonas sêcas do nordeste brasileiro terão a sua chance de produzir, valendo-se do sol constante. No centro do aparelho, o calor é de 3.300 graus.

O PROF. WILFRID F. LE GROS CLARK, da Universidade de Oxford, Inglaterra, sábio anatomista, especializado em pesquisas e investigações no campo da pré-história, declarou que o crânio exibido há já quarenta anos, no Museu Britânico, como sendo de um «Piltdown Man», do pleistoceno superior, contendo dentes, não pertence, absolutamente, ao homem primitivo, mas sim a um moderno chimpanzé, ou orangotango. Esta declaração causou grande sensação nos meios científicos, tendo-se intimado o naturalista para provar sua descoberta.



Por êsse Mundo de Deus





NAPOLES — A atriz Ingrid Be... liza presentemente, nesta ... temporada teatral, na qual ... sentando, com estrondoso suce... de Shaw, O'Neill e outros dra... contemporâneos. Vemo-la, no ... acima, quando chegava ao T... Carlos na noite da «première» ... Joana», de Bernard Shaw.

ESCOLA DE SOGRAS

Um "Congresso de Sogras" acaba de reunir-se em Copenhague. Os trabalhos concluíram pela redação de 3 mandamentos que devem ser divulgados pelo mundo inteiro:

1) Sorrir, mesmo quando se tem vontade de esbofetear o genro.

2) Lembrar que a vida de sua filha não pode ser pior do que foi a sua.

3) Ter o cuidado de possuir sempre à mão uma garrafa de bebida para oferecer a seu genro.



● Êste rapaz de Providence, EE. UU., ganhou o título de «o homem mais gordo do mundo». Chama-se Eral W. Goodwin (apelido de «Mindinho»), pesa 213 quilos e tem 155 centímetros de circunferência.

● REAPARECEM OS MONSTROS DA ANTIGUIDADE — Os Ciclopes eram uma raça de canibais de um único ôlho que a mitologia colocou na Sicília. No filme de Mario Camerini sôbre o «Ulisses», de Homero, voltam os monstros e os heróis da Grécia antiga. Os dois atores principais são Kirk Douglas (que possìvelmente fará na tela um Ulisses um pouco Brooklin) e Silvana Mangano.





Uma mensagem de felicidades pelo Natal... um lindo vestido feito com os maravilhosos tecidos da

Tecidos finos
Importação direta
Seção especializada para crianças

Casa das Novidades

Matriz — Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 611 — Filial — Rua Visconde de Pirajá, 118

O PAPAI NOEL da infância não erra nunca

HÁ SEMPRE UM PRESENTE INESQUECÍVEL

Portinari não esquece a «pombinha de vidro», que foi um dos seus deslumbramentos infantis, e o goleiro Castilho ainda tem vivo na lembrança o primeiro «terno de homem», presente do bom velhinho ao menino de oito anos.

QUAL FOI O SEU PRESENTE? — Natal é tradição. Festa de todos, mas principalmente festa infantil, celebrada com farta distribuição de brinquedos e presentes, para alguma alegria das crianças e real gáudio dos lojistas. Que êstes últimos gostam da festa não resta dúvida. Mas o caso das crianças dá mais o que pensar. Elas também gostam da festa, do festejo pròpriamente dito. Quanto aos presentes, é melhor investigar. E isto só se pode fazer por intermédio dos adultos. Apesar do trabalho, do sacrifício por vêzes, do carinho com que sempre é escolhido cada presente, realmente, qual o efeito que produz? Como cala na criança? O que será eleito para dado biográfico? E foi pensando nisto que perguntamos aos adultos que se seguem, alguns muito famosos, qual o presente de Natal que lhes deixou mais viva recordação.

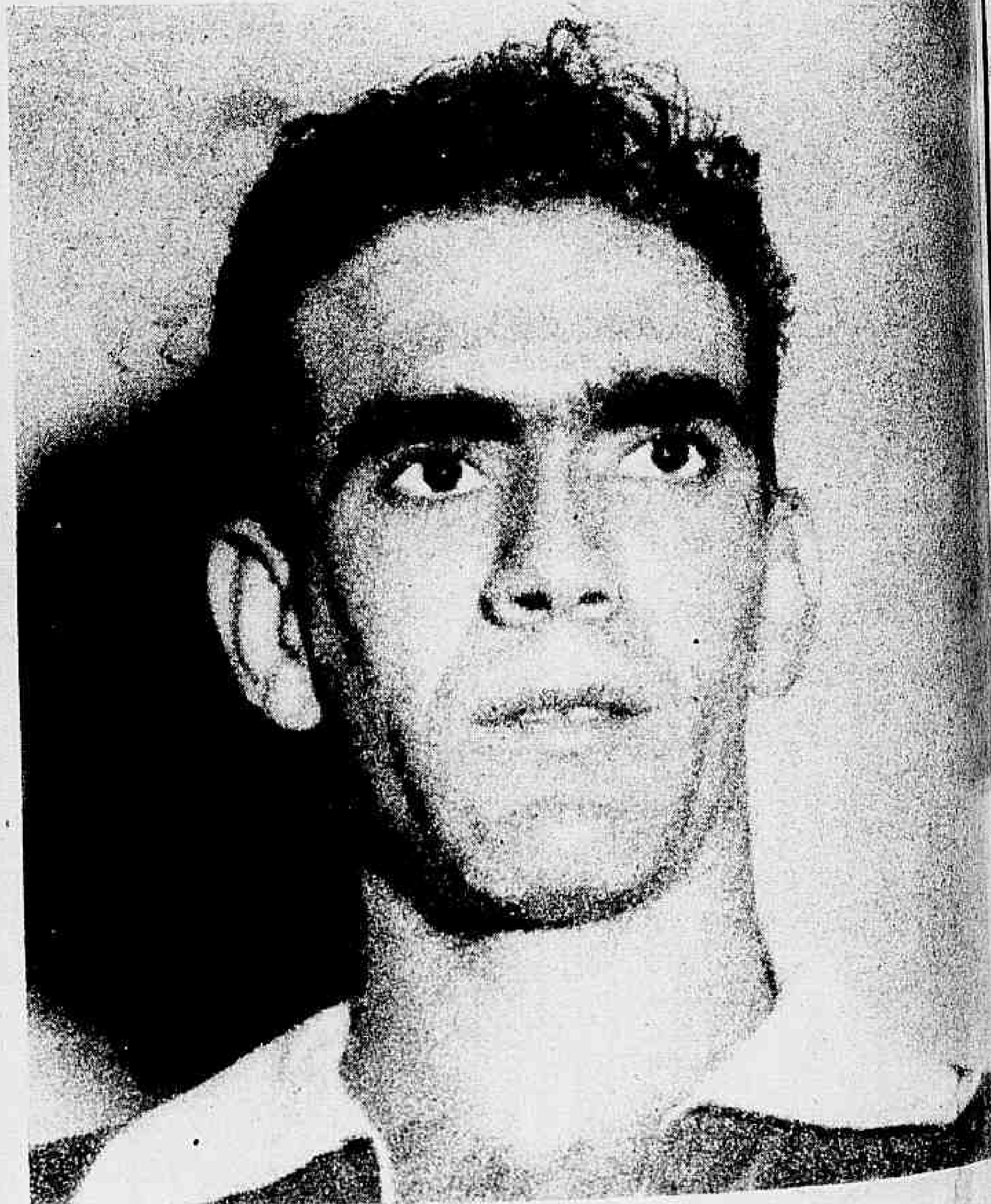
ONILDO SAGAIS

Onildo é pescador desde menino. Acedeu à nossa reportagem com alegria, movido pelo fato de ter a fotografia publicada. Mas quase não entendeu a pergunta. E quando compreendeu o que queríamos, surpreendeu-se: «O que? O melhor presente de Natal? nenhum. Não ganhei nunca presente de Natal. Quer saber de uma coisa, moça? Na minha vida inteirinha só ganhei um presente: uma camisa. Mais nada».



PORTINARI

O grande pintor respondeu de forma lírica. Com simplicidade. Pensou um pouco, e após um mergulho introspectivo, disse: «Foi a pombinha. Era um alfinete com uma pombinha de vidro na ponta, que um vendeiro de Bradowsky me deu. Faz muito tempo... Eu ainda era menino»



CASTILHO

O «crack» foi outro que não teve que puxar pela memória. Só não se lembra muito bem que idade tinha, na ocasião. Devia ser coisa de oito a dez anos. Mas o presente êle lembra. Foi a primeira roupa de homem. Um terno de casemira, com calça comprida e tudo.



ELSIE LESSA

«Que pergunta! O presente melhor nunca é o que a gente ganha. O melhor é o que não se ganha, nem se vai ganhar. Em versos brancos ou rimados, não há poeta que se prese que não tenha defendido esta teoria. Eu poderia, com algum esfôrço de imaginação, tentar fazer um exame de consciência e verificar se foi a sombrinha de palha de sêda dos meus sete anos, ou uma bola de côres, ou uma espingardinha de menino, ou um livro de histórias longamente desejado. Mas teriam sido bons presentes. Nunca o melhor. E em tempo de Natal não se deve mentir...»



TÔNIA CARRERO

«Não faz muito tempo que recebi o presente de Natal do qual mais gostei. E gostei pela piada. Quem me deu foi um aviador, que, aliás, conheço muito pouco. Logo que atendi ao telefone nem me lembrei quem era. Mas êle disse que tinha me comprado uma coisa especial, em Miami, como presente de Natal, e mandou me entregar. Confesso que estava um tanto curiosa, mas fiquei absolutamente surprêsa, quando recebi uma melancia. Sim senhora! Uma melancia. E nem sequer era grande. Apenas uma melanciazinha pequena e pálida.»

ANTÔNIO MARIA



«A história do meu melhor presente de Natal é muito comprida. Meu pai tinha morrido, e as coisas lá por casa andavam diferentes. Primeiro pensaram em me comprar um boi. Mas era muito caro. Então, resolveram me dar um cavalo. Um cavalinho castanho, do engenho, muito famoso na redondeza. Mas a coisa não foi simples. Quando iam chegando ao final do negócio, alguém achava caro e desandava tudo. Ficaram naquela discussão de prêço a noite tôda. E eu ali, esperando. Finalmente, às sete horas da manhã, chegaram a um acôrdo e compraram para mim o cavalo. Eu tinha oito anos. Fiquei louco de alegria. E êste cavalinho acabou morrendo de velho. Sempre meu.»

HERCÍLIA AMARAL



Trabalha como balconista numa loja que agora tem grande movimento, para as Festas. Gostou da pergunta: «Até hoje me lembro, quando eu tinha seis anos de idade e me deram uma boneca tão grande que era quase do meu tamanho. Foi uma beleza».

LÍGIA CUNHA



A bibliotecária ficou bastante atrapalhada com a pergunta. Tentou falar num e noutro presente, mas depois desistiu. Acha que o melhor não se ganha. Pelo menos, não ganhou até hoje. E depende muito de quem o dá. O presente, em si, pode ser até um vidro de «Je Reviens»...

ANÍBAL MACHADO



«Foi um que recebi antes de saber o que era, isto é, antes de desembrulhá-lo. Era um pacote enorme aos pés da cama. Mal acordara, dei com êle. «Puxa! Que haverá lá dentro?» (Na verdade, não me exclamei com esta interjeição, ainda inexistente no idioma). Comecei a imaginar no que seria. Pensei em navio, em locomotiva; depois, em qualquer brinquedo maravilhoso e ainda sem nome. Retardei o momento de abri-lo, para que não se definisse logo a coisa desconhecida, para prorrogar a delícia dêsse jôgo. Por fim, parei de respirar e rasguei o invólucro. E fiquei segurando uma carrocinha de madeira. Não devia ter custado mais de dois mil réis, na moeda do tempo. Como se vê, um presentinho vagabundo. Mas enquanto não o desembrulhei, foi o maior e melhor que até hoje recebi pelo Natal.»

Moralidade: — O melhor presente é o que ainda vive em estado de embrulho.

Como vejo

DUTRA



O PRIMEIRO DE UMA SÉRIE

● «Castelo» é o pseudônimo de Carlos Castelo Branco, escritor (de mérito) da nova geração e um dos mais categorizados comentaristas políticos da imprensa carioca. Sua seção «Diário de um repórter», que êle mantém há perto de cinco anos naquele matutino, é uma espécie de Raio-X da política — a crônica dos bastidores, o flagrante da inconveniência que se esconde aos olhos do público ou do segrêdo (quase sempre de Polichinelo) que procura escapar à curiosidade dos jornalistas.

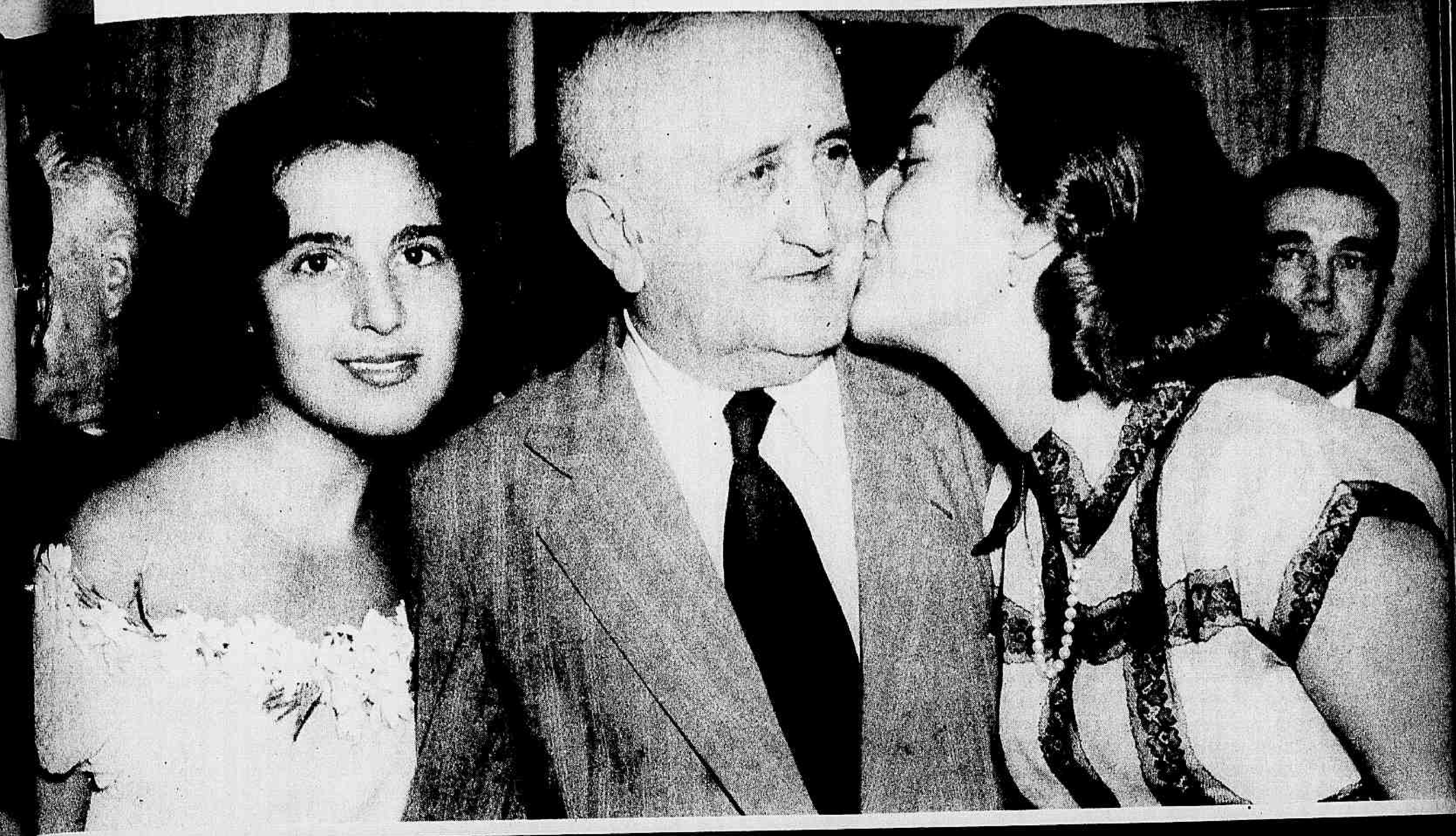
O longo contacto com a política e os seus homens fêz Carlos Castelo Branco um dos repórteres políticos mais bem informados do país; e um daqueles, bem poucos, que gosam da intimidade, do respeito e da confiança de líderes e figurões.

«Como eu vejo Dutra» é o primeiro de uma série de perfis-reportagens que Carlos Castelo Branco publicará na REVISTA DA SEMANA, e nos quais, como bom alfaiate da política que é, procurará revelar aos nossos leitores as medidas exatas da fauna, miúda e graúda, que povoa o instante político nacional.



Dutra 1937

«... o marechal e eu já tínhamos [illegible] damente a mesma cara que temos hoje [illegible] o seu simples nome me inspirava pavor».



Dutra 1953

«Hoje êle é para mim uma figura humana, um pouco triste, um pouco velho, um pouco astuto. Já passei em sua casa uma manhã. Serviu-me café, falou-me com simplicidade e sensatez e deu-me seu telefone».

TENHO há muito tempo secreta simpatia pelo marechal Eurico Dutra. Quem me conhece e até quem apenas me viu poderá pensar que a simpatia é natural, tanto insistem na semelhança física entre mim e êle. Quando duas pessoas se parecem uma delas há de ser tomada como caricatura da outra. O lógico é que, sendo o marechal quase quarenta anos mais velho, e a despeito da expressão infantil e das bochechas rosadas, fôsse êle e não eu tomado como a deformação. A vantagem, porém, não é dada pelos anos, mas pela notoriedade. Quem não conhece, sobretudo depois da presidência, a silente cara de coruja do marechal? O fato justifica a impressão de alguns de que a caricatura sou eu. Impressão de tal maneira forte que um jornal chegou a ver em mim uma espécie de Dutra feio.

Quem localizar nessa parecença a razão de minha simpatia pelo marechal estará enganado. Em primeiro lugar, os feios não são solidários. Em segundo, o fenômeno visível a ôlho nu, me escapa. Se percebo às vêzes no velho um certo jeito de cara que é meu, essa sensação é fugidia. A visão que cada um guarda de si tem pouco da composição externa. Quando nos referimos a nós mesmos, pensamos numa certa maneira de ver as coisas, tão mais constante do que as imagens que os espelhos refletem, por mais que freqüentemos os espelhos.

No que sou não vejo nem poderia ver o marechal. O nariz, os olhos injetados, o jeito de abrir a bôca, o ar sonso impressionam apenas aos estranhos. E' o reverso da minha ilusão.

Finalmente, em terceiro lugar, o marechal e eu já tínhamos aproximadamente a mesma cara que temos hoje quando o seu simples nome me inspirava pavor. Durante o Estado Novo, nos meus tempos de estudante, Dutra era a reação, o nazismo, a guerra. Era um poder terrível a cuja fôrça maligna nem Getúlio escapava. Era êle pròpriamente a banda negra da Ditadura.

Não votei em Dutra para presidente e ao levar meu voto à urna o fiz na convicção de que votava contra êle.

Entretanto, foi no correr da campanha que a simpatia brotou. O retrato colado nas palmeiras do Mangue, uma cara feia irradiando alegria inocente — o retrato ficou conhecido como «da primeira comunhão» — eis o primeiro abalo. O segundo, um alto falante no Largo da Carioca o dia inteiro a berrar: «O general Dutra tem cultura. O general Dutra tem cultura». Uma sensação incômoda, desconfortável, predispunha à simpatia. Depois, a humildade. O complexo de inferioridade de quantos estavam encarregados de convencer o país da necessidade de votar em Dutra, missão que me parecia verdadeiramente lancinante. Enfim, no dia da eleição, um carro maluco correndo pela praia de Copacabana brigadeirista com dois ou três rapazes a gritar: «Viva Dutra!». Irresistível.

O comêço do govêrno, com o choque entre hábitos adquiridos ou reforçados na Ditadura e uma índole que se amansava ao desejo de servir ao livrinho que o prof. Lira lhe dera — deixou-me ora apreensivo, ora indiferente.

Afinal duas revelações me decidiram. Contou-me um dirigente do PSD as dificuldades de Israel Pinheiro na campanha eleitoral. Havia a geral convicção da derrota de Dutra. O dinheiro deixava-se arrancar com extrema dificuldade. Abatido, algumas vêzes o general quis desistir. Duas delas, candidato no aeroporto, o avião não saía. Explicava-se ao general: defeito nos motores. A verdade: a companhia se recusava a dar ordem de partir antes que fôsse paga a viagem. Israel Pinheiro sumia do aeroporto, batendo na porta de amigos.

Certos dias, a situação era tão ruim para Dutra que, na hora da viagem, não aparecia no aeroporto um só dos políticos designados para formar a comitiva. O secretário do partido suplicava a um e a outro, terminando por colocar no avião quanto picareta ainda rondasse por perto.

— Nunca os chatos foram tão úteis — desabafava então Israel Pinheiro.

A outra revelação que me abalou ocorreu por volta do terceiro ano do govêrno Dutra. Um dos funcionários que colaboravam na feitura das mensagens presidenciais perorava a introdução com a seguinte afirmativa: «... certo de haver promovido o bem estar do povo brasileiro».

— Corta isso, moço — disse-lhe Dutra. — Não sei se fiz o bem do povo.

Naquela época eu acreditava que o general efetivamente não fizera o bem do povo. Depois inclinei-me pela hipótese contrária, pois, apesar de tudo, vivemos sem maiores temores e as coisas terminaram como todos desejavam: govêrno cumprido, govêrno passado.

Hoje êle é para mim uma figura humana, um pouco triste, um pouco velho, um pouco astuto. Já passei em sua casa uma manhã. Serviu-me café, falou-me com simplicidade e sensatez e deu-me seu telefone.

— Quando quiser contar alguma coisa sôbre mim, me telefone e pergunte se é verdade. Se fôr, eu digo.

Nunca telefonei. Mas tenho sabido de pessoas que o têm feito. O velho diz a verdade. Apenas não é para publicar.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.

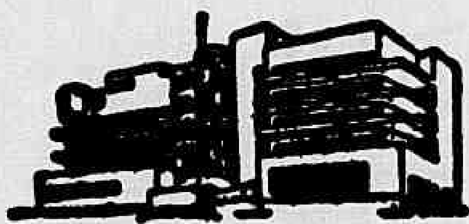
A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

MATERNIDADE ARNALDO DE MORAIS

DIREÇÃO DO PROFESSOR

ARNALDO DE MORAIS



OPERAÇÕES DE SENHORAS

★

PARTO SEM DOR

CLÍNICA APARELHADA COM TODOS OS RECURSOS MODERNOS

Serviço especial de assistência ao parto, com internação por seis dias em quarto de Cr$ 250,00, incluindo a assistência médica, por Cr$ 3.000,00 mediante pagamento no ato da inscrição e exame obrigatório com um mês de antecedência.

CONSULTÓRIO PREVENTIVO DA MULHER

Exames de seio e útero pelos métodos mais modernos (transiluminação dos seios, colposcopia e colpocitologia), por médicos especializados do Instituto de Ginecologia da Univ. do Brasil.

ACEITAM-SE DOENTES DE MÉDICOS ESTRANHOS A MATERNIDADE

Rua Constante Ramos, 173

TELEFONE: 27-0110

COPACABANA

Lidergrama

Nº 84

A	Tornem alheio →	2	51	146	106	86	49	14
B	Fio; traço →	3	101	113	11	26		
C	Ação de benzer ou abençoar →	65	108	123	30	47	84	
D	Lâmina de vidro que reproduz as imagens →	43	148	1	96	107	61	82
E	Esférico →	57	120	33	92	89	111	147
F	Acanhado; que tem temor →	102	69	4	117	46	56	
G	Oposto ao leste →	103	39	68	90	112		
H	Tornou a viver →	66	36	76	105	129	94	53
I	Estender na lareira →	18	60	77	22	128	118	
J	Moeda divisionária →	78	45	71	59	115	131	
K	Adquirir no jôgo →	27	109	136	83	67	28	
L	Burlou; iludiu →	121	81	58	29	143	41	72
M	Combateram; brigaram →	134	124	79	12	85	55	23
N	Ligeiro; pronto →	70	9	38	17	132	62	
O	Torna úmido →	95	37	5	63	73	137	126
P	Agitarei; resolverei →	119	34	97	130	13	140	21
Q	Pecaram; enganaram-se →	19	7	54	80	110	144	125
R	Resultado; produto de uma causa →	32	20	98	122	52	64	
S	Da Cafrária →	145	8	104	99	24		
T	Inábil; que não é capaz →	6	40	100	50	141	135	87
U	Afecção renal degenerativa →	16	75	116	42	88	35	133
V	Cuidadosos; que têm zelos →	25	142	74	15	93	48	139
W	Certificar →	31	44	91	10	114	138	127

EXPLICAÇÃO: Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos cada letra numa casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

D 1	A 2	B 3	F 4	O 5	T 6	Q 7	S 8	■ !	N 9	W 10	■	B 11	M 12
P 13	A 14	V 15	U 16	N 17	J 18	■	Q 19	■	R 20	P 21	J 22	M 23	S 24
V 25	B 26	■)	K 27	K 28	L 29	C 30	W 31	■	R 32	■	E 33	P 34	U 35
H 36	O 37	N 38	G 39	T 40	L 41	■)	U 42	D 43	W 44	J 45	F 46	C 47	V 48
■	A 49	■	T 50	A 51	R 52	H 53	Q 54	M 55	■ !	F 56	E 57	L 58	J 59
I 60	D 61	N 62	■	O 63	R 64	■	C 65	H 66	K 67	G 68	F 69	N 70	■
J 71	L 72	O 73	■	V 74	U 75	H 76	I 77	J 78	M 79	Q 80	■	L 81	D 82
■	K 83	C 84	M 85	A 86	T 87	U 88	E 89	G 90	W 91	■	E 92	■	V 93
H 94	O 95	■	D 96	P 97	R 98	S 99	T 100	B 101	F 102	G 103	■	S 104	H 105
A 106	D 107	■	C 108	■	K 109	Q 110	E 111	G 112	B 113	W 114	J 115	■)	U 116
F 117	I 118	P 119	E 120	■	L 121	■	R 122	C 123	M 124	Q 125	O 126	W 127	I 128
H 129	P 130	J 131	■	N 132	U 133	■	M 134	T 135	K 136	O 137	W 138	V 139	■
P 140	■	T 141	V 142	L 143	Q 144	S 145	A 146	E 147	D 148	■	Otaner-Rio		

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA Nº 83 — OLAVO BILAC — CRITICA E FANTASIA — «Sôbre os rosais silvestres, abertos em flores, nas faixas de ouro dos últimos raios do sol, dança o vôo das abelhas; e ùnicamente o seu sussurro povoa a solidão dêstes sítios ermos».

Qualidade e Segurança

EM E ... MOBILIÁRIOS

Completando seu 12.º ano de atividades imobiliárias, a C. I. I. C. aproveita o ensejo para agradecer a confiança e a preferência com que o público tem correspondido à linha de suas realizações.
Com a colaboração de firmas construtoras como:

Pires Santos & Cia. Ltda.
Cia. Construtora Nacional S. A.
Construtora Mello Cunha S. A.
Construtora Duvivier S. A.
Construtora Mantiqueira S. A.

e arquitetos como:

M. M. M. Roberto, Jacques Pilon,
Oscar Niemeyer e Hélio Uchôa,
Henrique Mindlin, João Khair e S. Gost,

a C. I. I. C. construiu nesse período, um total de 24 edifícios e mais de 1.000 casas populares.

PRESIDENTE
Henryk Alfred Spitzman Jordan

VICE-PRESIDENTE
Dr. Rodrigo Octávio Filho

DIRETORES
Dr. Carlos de Sabóia Bandeira de Mello - Henryk Landsberg - Stefan Neuding - Dr. João Pedro Bandeira de Mello - Dr. Julio Zalszupin.

CONSELHO CONSULTIVO
Dr. A. J. Peixoto de Castro Junior - Dr. Antônio Gallotti - Dr. Dornelles - Dr. E. Batista Pereira - Dr. José Armando d'Affonseca - Senador Ivo d'Aquino - Dr. Vicente Galliez - Dr. Vicente Noronha.

CONSELHO FISCAL
Senador Francisco de Assis Chateaubriand - Senador Arthur Bernardes Filho - Mário d'Almeida.

CIIC

Vaga Publicidade

Companhia de Importações Industrial e Construtora: Av. Nilo Peçanha, 155 - 4.º andar - Salas 401/407 - Edifício Nilomex - Tel.: 52-0366 - Rio de Janeiro

Garrincha tem vinte anos e

começou a chutar bola aos dez —

O Vasco e o Fluminense

não o quiseram —

Um colecionador de "goals".

Reportagem de
JORGE RANGEL e PAULO CARVALHO



De Pau-Grande

EM 18 de outubro de 1933 em Pau-Grande, 3º distrito do município de Magé, vinha ao mundo uma criança de côr parda que trazia dentro de si e sobretudo em suas pernas tortas um destino: o dom do futebol. O menino recebeu na pia batismal o nome de Manoel Francisco e no registro civil o sobrenome de dos Santos. Anos mais tarde, quando começou a entrar nas primeiras peladas de sua terra e quando um Zizinho, um Geninho, um Gerson já brilhavam em campos internacionais, Manoel Francisco dos Santos ganhou o apelido de Garrincha, com um N que o dicionário não registra mas que é também, sr. Aurélio Buarque de Holanda, uma forma muito popular no interior brasileiro de designar a garricha, ou garriça, ave que a história natural classifica entre a família dos troglodíteos, e que nós todos sabemos que é um passarinho pequeno e feio que dá pulos no fio da cêrca enquanto guincha desafinadamente.

REJEITADO NO VASCO E NO FLUMINENSE

O futebol nasce nos péis de Garrincha como os versos nasciam nos dedos do menino Alvares de Aze-

GARRINCHA: vinte anos apenas, veiu da reduzida glória municipal de Pau-Grande para a glória federal do Maracanã. Dizem dêle que tem um chute atômico



PARA A COPA DO MUNDO DE 54

vedo: por aquela fatalidade da vocação. Não teve escola futebolística. Começou a dar chutes aos dez anos de idade e, antes do Botafogo, não teve outro clube senão o de Pau-Grande. Antes disso, entretanto, Manoel Francisco, casado com dona Nair dos Santos, pai de uma menina de nome Terezinha, pensou em suas responsabilidades e procurou por si mesmo o profissionalismo. Talvez tenha sido infeliz em sua primeira escolha, o Vasco da Gama, um time de veteranos cheios de glórias e algum reumatismo, time que não podia levar a sério um garôto de Pau-Grande, cheio de entusiasmo e inocência. O Vasco é uma espécie de Academia Brasileira no terreno do futebol e não deu importância às pretensões de «imortalidade» do imberbe Garrincha: o menino uniformizou-se e não teve a chance de sequer tomar contato com a bola.

Garrincha tentou, então, o Fluminense, um time de moços, e treinou meio-tempo sob a orientação de Gradim. Para a infelicidade de Bigode, que o enfrentaria mais tarde, os tricolores não fizeram muita fé com êle. dizendo-lhe convencionalmente que voltasse na semana que vem. **(Cont. na pág. 60)**



preciso como o tiro de um fuzil bem calibrado. No instantâneo ao lado, o «goal» que decidiu a sorte do Flamengo, naquela sensacional partida de há dias.

UM BOM TEATRO — o presente que todos querem



PAPAI NOEL corre os BASTIDORES

CACILDA BECKER

A maioria dos artistas pede ao bom velhinho boas casas de espetáculos, mas o cômico Colé, previdente, sonha com um hospital aparelhado e amplo ★ Oscarito quer mais água em Ribeirão das Lajes e Henriette Morineau, além de sonhar com a sorte grande, gostaria de ver organizada no Brasil «uma grande escola de arte dramática para os jovens que amam o teatro».

Reportagem de **SOUTO DE ALMEIDA**

O Natal nos traz reminiscências do tempo das calças curtas, quando se sonhava com a visita de Papai Noel instalado no trenó que a tradição européia fêz transportar para terras tropicais... Uma legenda que povoou nossos sonhos de criança, fazendo-nos aguardar, de coração ancioso, a manhã do dia de Natal quando, por certo, o velho de barbas brancas premiaria a boa intenção de alguns minutos de bom comportamento com um brinquedo ornando o sapato velho, de véspera colocado junto à janela ou ao fogão... Mas, mesmo com a certeza adulta da inexistência de Papai Noel, ficou-nos a tradição do pedido de Natal... Gente de teatro também pede a Papai Noel, pedido que encerra, afinal, anseios e velhas aspirações da classe à espera de realização...



HENRIQUE PONGETTI



PEDRO BLOCH



PASCOAL C. MAGNO



NELSON RODRIGUES

★ CACILDA BECKER

Eis alguns pedidos a Papai Noel: que o Teatro Brasileiro de Comédia pudesse vir ao Rio de Janeiro para uma temporada em que mostrasse realmente os grandes valores de seu elenco e de seu repertório, o que poderia ser o primeiro passo para a criação de uma filial no TBC na Capital da República. E que «Os Comediantes» voltassem a se organizar prosseguindo no seu trabalho admirável, no qual obtive os meus primeiros grandes resultados de minha carreira

★ HENRIQUE PONGETTI

Para o teatro brasileiro eu pediria a Papai Noel menos cabotinismo e mais idealismo, menos subvencionalismo e mais fé no autor nacional, mas casas de espetáculos e mais razões para o seu aumento. Não esqueçamos que o primeiro problema da existência do teatro é a qualidade do teatro. Para certo teatro há sempre casas demais...

★ PASCOAL CARLOS MAGNO

Que os meus amigos de fortuna — e são centenas — tenham pena de mim e dos meus sonhos e me ajudem com um chequezinho (magro ou gordo) para que eu possa levar avante minha obra que é a favor do teatro brasileiro. Mas o diabo é que êsses meus amigos gastam o dinheiro numas casas mais ou menos misteriosas nas imediações de Copacabana, onde se morre de tédio em salas mais ou menos refrigeradas. E o teatro brasileiro continua, vai com muito sacrifício e Papai Noel não se lembra do meu enderêço...

★ PEDRO BLOCH

Que Papai Noel traga a solução do problema básico: casas de espetáculos proporcionando emprêgo para os artistas de valor que se acham sem teatros para trabalhar. E que o govêrno considere o teatro, realmente, como fator educacional e o auxilie de forma positiva. E se Papai Noel não resolver, nós vamos mesmo apelar para o Vovô Índio.

★ NELSON RODRIGUES

O que eu mais desejaria era a possibilidade de fazer teatro sem público, um teatro sem platéia, para cadeiras vazias. Ou por outra, um teatro para um únic



MORINEAU



PAULO AUTRAN



RODOLFO MAYER



PROCÓPIO



ALDA GARRIDO

espectador, que seria eu mesmo. No dia em que atingisse êsse ideal, estaria feita a minha felicidade de autor dramático. Mas, como é impossível excluir a platéia de uma representação, cultivo o objetivo futuro de excluir a encenação de minhas peças escrevendo-as para mim mesmo e para a gaveta. Desgraçado o autor que não deseja a solidão, porque não poderia viver sem público.

★ HENRIETTE MORINEAU

Um presente admirável: um bilhete de sorte grande, premiado, que me permitisse fechar o teatro por uma semana para que eu pudesse passar a noite de Natal na minha terra. E para o teatro brasileiro: uma grande escola de arte dramática para os jovens que amam o teatro.

★ PAULO AUTRAN

Eu peço a Papai Noel que me permita conservar a liberdade de espírito, liberdade de opinião e liberdade de crítica que eu prezo acima de tudo.

★ RODOLFO MAYER

Particularmente, que Papai Noel continue me trazendo o presente de todos os anos: saúde, paz, felicidade, muito amor e muito carinho pelo teatro. Papai Noel deveria, também trazer, mais ajuda, isto é, um amparo maior às companhias: facilidades de viagens, isenção dêsses impostos terríveis e construção de casas de espetaáculo não só nos centros das grandes cidades como também nos subúrbios. A criação de um teatro padrão, teatro de comédia, também seria bem recebida...

★ PROCÓPIO FERREIRA

Gostària que me trouxesse uma peça que resistisse à chuva, à estiagem e ao «black out»...

★ ALDA GARRIDO

Papai Noel seria uma verdadeira mãe para mim se me trouxesse um bom teatro, grande e confortável, com uma caixa bem grande que permitisse montagens cuidadas e a utilização de todos os recursos técnicos pois o nosso teatro está evoluíndo e o público é exigente. E para o teatro brasileiro Papai Noel bem que podia trazer um saco cheio de boas peças nacionais...

★ EVA TODOR

Eu gostaria que Papai Noel trouxesse mais público, porque com o amparo do espectador haverá bom teatro.

★ SILVEIRA SAMPAIO

Creio que o meu pedido de Natal a Papai Noel já foi feito por muitos outros. Mas, torno a repeti-lo: Papai Noel, por favor, teatros, teatros e mais teatros...

★ JARDEL FILHO

Sou modesto em meu pedido: apenas um teatro com 400 poltronas estofadas, ar condicionado, etc.

★ SÉRGIO CARDOSO

Que Papai Noel mantenha a minha felicidade com Nídia Lícia, acrescida agora pela nossa filha Sílvia. E um grande papel que me permitisse um bom trabalho em teatro também seria muito bem recebido...

★ BIBI FERREIRA

Eis um bom presente de Natal para o teatro brasileiro: que fôssem abolidos os impostos que oneram o preço dos ingressos, a exemplo do que sucede com o futebol. Seria um presente admirável, vocês não acham?

★ OSCARITO

Bem, o meu pedido deve ser o desejo de todos os artistas de teatro: que chova muito no Ribeirão das Lajes. Chuva quer dizer luz e assim as casas de espetáculos não sofrerão com as restrições do racionamento. Gostaria também que Papai Noel espalhasse pelos bairros da cidade uma porção de teatros...

★ COLÉ

Pois aqui vão alguns pedidos para o bom velhinho das barbas brancas: em primeiro lugar, que o Papai Noel dê um jeito de exercer sua influência para que o artista de teatro seja enquadrado na categoria de profissional liberal; em segundo lugar, que venha a construção da sede própria da Casa dos Artistas no terreno da Avenida Passos, onde vamos ter um bonito teatro também; e finalmente, que seja construído, também, o hospital da Casa dos Artistas — um velho anseio da classe...



EVA TUDOR



SILVEIRA SAMPAIO



JARDEL FILHO



SÉRGIO CARDOSO



BIBI FERREIRA

SEU AUTOMÓVEL ESTÁ VALENDO MAIS

● *Acompanhe as alterações do plano Aranha sôbre o negócio de automóveis, lendo a revista que publica o preço dos carros anunciados, no Rio e São Paulo, confirmados por telefonemas e visitas pessoais aos vendedores.*



● *E mais: Estudos, comentários, e notícias sôbre PROMOÇÃO DE VENDAS, IMPRENSA, RÁDIO, TV, PROPAGANDA e MERCADOS.*

LEIA 

a revista dos que precisam estar bem informados.

Nas bancas — Cr$ 5,00

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Puxe Pelo Cérebro



1 — Qual destas cidades bíblicas era conhecida como «Cidade de Davi»:

— **Belém?**
— **Nazaré?**
— **Jerusalém?**

2 — Quem governava a Galiléia ao tempo do nascimento de Cristo:

— **Pilatos?**
— **José de Arimatéia?**
— **Herodes?**

3 — Que quer dizer Natal:

— **Nascimento?**
— **Jesus?**
— **Alegria?**

4 — A exibição dos Pastoris no Nordeste é realizada no:

— **Mês de junho?**
— **Carnaval?**
— **Pelo Natal?**

5 — Quem imperava em Roma, quando Cristo nasceu:

— **Augusto?**
— **Nero?**
— **Constantino?**

6 — Em que país se inventou a ficção do Papai Noel:

— **Alemanha?**
— **Itália?**
— **França?**

7 — Que significa Papai Noel?

— **Anjo do Céu?**
— **Papai Natal?**
— **Menino Jesus?**

8 — Que personagem foi idealizada, no Brasil, para substituir o «Papai Noel»:

— **Saci?**
— **Vovô Índio?**
— **O Velho Pastor?**

9 — A Era de Cristo se conta:

— **Do seu nascimento?**
— **De sua morte?**
— **Do seu batismo no Jordão?**

10 — Em qual destas localidades nasceu Cristo:

— **Nazaré?**
— **Jerusalém?**
— **Belém?**

11 — Quantos dias depois de seu nascimento foi Cristo circuncisado:

— **Trinta?**
— **Oito?**
— **Ou nunca recebeu a circuncisão?**

12 — A cerimônia da circuncisão é:

— **Judaica?**
— **Indiana?**
— **Cristã?**

13 — Qual foi o Papa que fixou a data do nascimento de Cristo em 25 de dezembro:

— **S. Telésforo?**
— **Leão II?**
— **Júlio I?**

(Respostas na página 50)

Guajará, Natal e Família

EVANDRO OLIVEIRA BASTOS

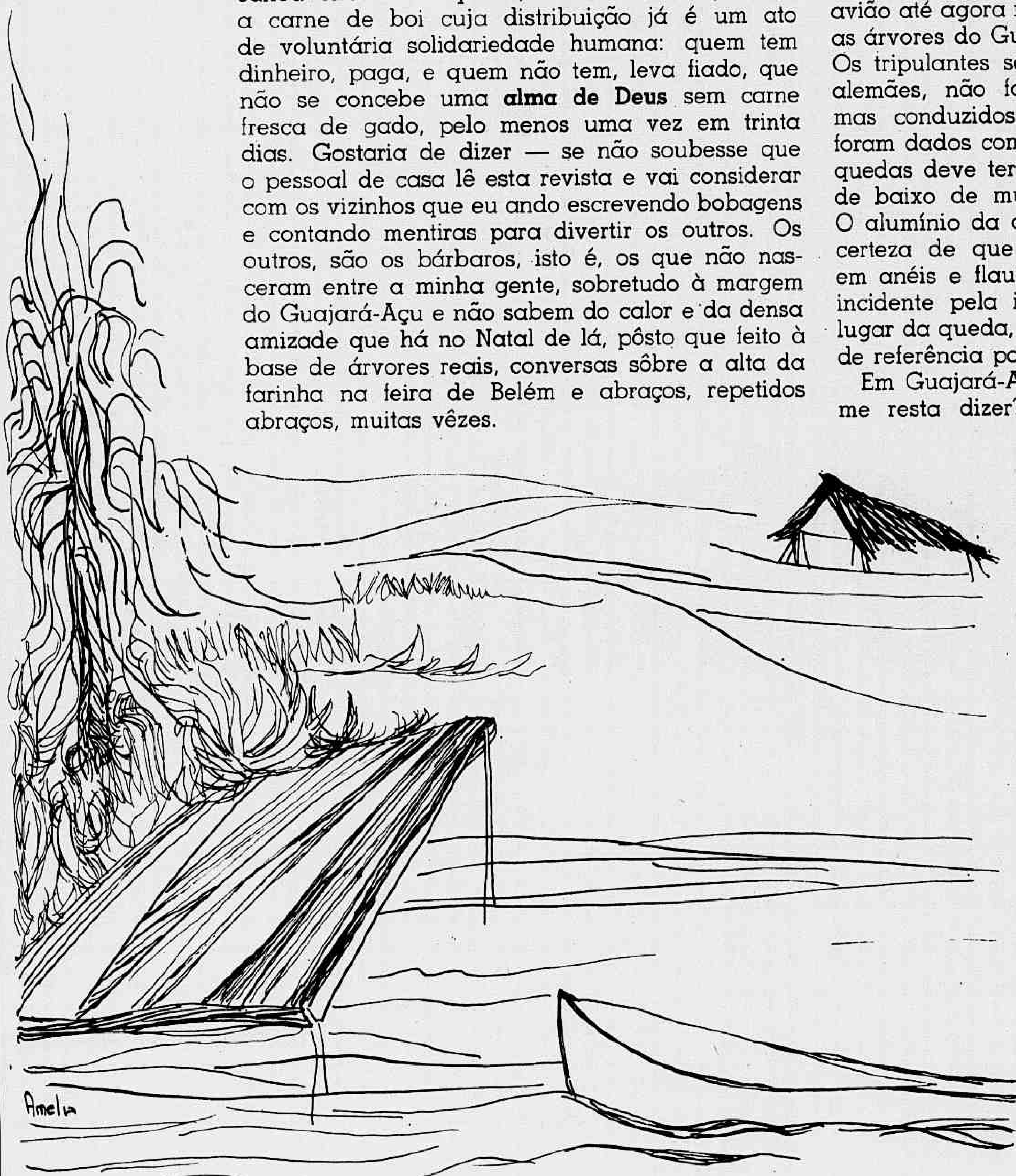
DEPOIS que houve o avião a jacto ficou difícil calcular em horas a distância que vai daqui ao lugar onde nasci, um sítio próximo à cidade de Belém, chamada assim mesmo. Terra de igarapés, a minha casa ficava à margem de um dêles, onde meu avô José Antônio, que dizem ter nascido com música no sangue, ensaiava a orquestra para as festas mais tocantes como a de Santa Maria, em maio e a do Natal, agora.

Impossível falar dessa gente e dessa terra a sangue frio. Gostaria, por exemplo, de dizer que lá sempre é Natal, que uma vez por mês uma canoa encosta na ponte, vinda de Marajó, com a carne de boi cuja distribuição já é um ato de voluntária solidariedade humana: quem tem dinheiro, paga, e quem não tem, leva fiado, que não se concebe uma **alma de Deus** sem carne fresca de gado, pelo menos uma vez em trinta dias. Gostaria de dizer — se não soubesse que o pessoal de casa lê esta revista e vai considerar com os vizinhos que eu ando escrevendo bobagens e contando mentiras para divertir os outros. Os outros, são os bárbaros, isto é, os que não nasceram entre a minha gente, sobretudo à margem do Guajará-Açu e não sabem do calor e da densa amizade que há no Natal de lá, pôsto que feito à base de árvores reais, conversas sôbre a alta da farinha na feira de Belém e abraços, repetidos abraços, muitas vêzes.

Depois, quem decifraria atrás de nomes como Paulo Gonçalves e Joana, Gregório, Pedro Marinho, vulgo Jaboti, Fileta, Diquinha Abílio Marques ou Adelino Bastos, a carga de ternura humana e a resistência no afeto que cada um guarda consigo, seja dia de Natal ou uma segunda-feira qualquer, nesse sítio onde nem eleição cria inimigos? A erosão das palavras não atinge o sítio, alheio às heresias como esta e às fáceis confidências que faço aos meus amigos quando quero falar de vida autêntica.

Faz muitos anos já, quando era guerra, um avião até agora não identificado espatifou-se entre as árvores do Guajará. Devia ser tempo de Natal. Os tripulantes salvos, reconhecidos como ferozes alemães, não foram linchados nem amarrados, mas conduzidos mansamente para Belém onde foram dados como americanos. O pano dos pára-quedas deve ter servido, no Guajará, para roupa de baixo de muita mulher forte. Não sei bem. O alumínio da cauda do avião, entretanto, tenho certeza de que foi imediatamente transformado em anéis e flautas pelos artistas locais. Conto o incidente pela importância que veio a tomar o lugar da queda, hoje transformado em único ponto de referência para os turistas que vão lá.

Em Guajará-Açu sendo Natal, diàriamente, que me resta dizer? Apenas isto: prometo com o pagamento desta crônica começar juntar dinheiro e com êle comprar um clarinete novo para o meu avô José Antônio, o que nasceu com música no sangue e, afinal de contas, nem é bem compreendido por lá...



ENTREVISTA "PING P[...]

Presume-se brasileiro (até Carlos Lacerda provar o contrário) e acha que "o casamento é uma instituição tão admirável como as gaiolas de passarinhos".

DADOS SÔBRE MILLÔR FERNANDES

Altura, 1.69; pescoço, 37; sapato, 39. Diâmetro aórtico ao nível da crossa: 25,0 mm. Nasceu no dia 27 de maio de 1924, como pode ser constatado nas fôlhas 62 e 63, do livro 91, sob o têrmo 468, do registro de nascimento da segunda pretoria cível. Quando está nervoso toma Neuro-Fosfato Eskay (a corretagem é nossa). Até 1949 o seu sangue era negativo sob Wassermann, Kahn ou Kline. Carteira de identidade nº 714.114, título de eleitor 63.0[...], automóvel Morris Minor, coração batendo [...] milhões de vêzes por ano. Tem olhos castanho-esverdeados e nariz comprido. Aprendeu jiu-jitsu com Hélio Gracie e faz quase todos os esportes. Paga a conta da Light 15 dias após a data da entrega. Presume-se brasileiro até Carlos Lacerda provar o contrário.

VÃO GÔGO ENSINA (PELO MÉTODO CONFUSO) A FAZER HUMORISMO

"Acredito em Deus. Não acredito é que Deus acredite em mim"

Texto de MARCELO GUIMARÃES

«QUAL O NOME DO GARÔTO?», perguntou o camarada do cartório. Então o pai de Vão Gôgo escreveu: Milton Fernandes. Ora, aconteceu que a caligrafia paterna tomou-se de tremuras emocionais e o «t» do Milton além de ganhar uma barriga bem burguesa, ainda perdeu o traço da sua proverbial elegância, que foi cair em cima do «o» vizinho, quase no jeito de um acento circunflexo. Daí que, engraçado desde as suas origens mais remotas, Millôr (ex-Milton) Fernandes continua engraçado até hoje e tudo faz crer que completará o seu estágio neste mundo sem que qualquer outro concorrente lhe tenha sequer igualado os recordes, na arte de fazer rir. Fazer rir, queremos frisar, sem o uso de baixos recursos, como sejam a cócega e a pornografia. O humorismo do famoso Vão Gôgo é essa coisa inteligente e fina, que atinge, muitas vêzes, alturas filosóficas. Millôr não é apenas um engraçado que sabe ler e escrever (em várias línguas), mas que, na realidade, escreve e lê, levando a sério o humorismo que é o seu pão de cada dia e o «wisky» de algumas noites. Tem em casa uma biblioteca de humorismo que é uma preciosidade. Desenhista por paixão e profissão, Millôr desenha e faz piadas com a mesma facilidade com que qualquer de nós salva o Brasil. As perguntas desta entrevista ping-pong foram respondidas num ritmo que deixaria envergonhado o mais vertiginoso «Meteor» da FAB. Apesar de tudo, Vão Gôgo é um rapaz sério e responsável, preocupado com as tragédias dêste mundo de Deus. O Meyer ainda lhe erigirá uma estátua, com o seguinte oferecimento: «A Millôr o milor do Brasil!»

1 — Você é humorista porque quer ou se considera uma vítima da sociedade?

R — Sou, realmente, uma vítima da sociedade. Na outra geração voltarei cantor de rádio, que canta sempre a mesma canção e não precisa nunca (jamais, em tempo algum) ler um livro.

N.I. Quando você emprestar um livro a um cantor de rádio, é preciso avisá-lo que não se come de garfo e faca.

2 — Dê uma receita de humorismo para os piadistas infames desta República.

R — Em primeiro lugar, ter como amigo um humorista. 2) Pegar uma velha piada que de tão velha já não seja lembrada por ninguém, depilá-la, escaldá-la, fazê-la enorme e cheia de detalhes se ela fôr pequena, reduzir a uma simples frase se fôr enorme, contá-la a uma pessoa que rirá e contará a outra, de maneira inteiramente diferente. Você, então, deverá seguir essa pessoa num táxi, depois pelas gargalhadas verificar quem é a pessoa a quem ela conta a história. Quando a história tiver passado por dez pessoas, você aborda a última e, apontando-lhe o revólver da sua imaginação ardente, deve dizer-lhe: «A anedota ou a vida!». Ela, então lhe contará uma história completamente diferente da que você contou. A isso se dá também o nome de folclore.

3 — Você acha graça nas próprias piadas?

R — Apenas nas que eu não conheço.

4 — Quais as pessoas que lhe parecem engraçadas, neste país sem graça nenhuma, ou melhor, desgraçado?

R — Profissional: Mesquitinha. E', sem dúvida, de todos os comediantes que eu conheço, o que tem mais o gênio do humor. Entre os não profissionais o homem mais engraçado que conheço é o escritor mineiro, Oto Lara Rezende. Quanto à arte de escrever humor pròpriamente dito, o melhor humorista é Rubem Braga. Conseguiu atingir o objeto fundamental do humor, que é a poesia.

5 — A poesia é necessária?

R — E' fundamental. Ali, onde os humoristas se encontram com as poetisas é que está o Nirvana. Por outros também chamado «Juca's Bar».

6 — Por falar em bar, você acha que se está bebendo muito no Brasil?

R — Claro. Conseqüência natural dos tempos. Sobretudo os políticos bebem desbragadamente (isto é, à maneira do Braga). O que não compreendo é que, apesar disso, sejam tão desumanos. Se são desumanos assim quando bêbedos, imagine o que seriam se não bebessem.

7 — Quanto lhe custa e quanto lhe rende cada piada?

R — Em média, mil cruzeiros. Agora, se a pergunta se refere ao esfôrço dispendido e não ao lucro auferido, ah!, isso só as criaturas que me perderam horas, as que se viram privadas de mim durante dias, aquelas que nunca me usufruíram durante anos ou ainda as que nunca me tiveram poderão avaliar pròpriamente.

8 — Você acredita que a Instrução 70, do sr. Osvaldo Aranha, conseguirá baixar o nível de vida?

R — Segundo o sr. Osvaldo Aranha, sim. Homem acostumado aos efeitos da retórica e ao emprêgo de palavras de significado dúbio, êle será capaz de provar a um morto de fome que o país vai em franca prosperidade. A única coisa que não consegue é dizer que não disse o que disse ao «New York Times». Aliás, nessa nova política econômica, como em tudo o mais, quem sofre é sempre o pobre. E' muito fácil falsificar uma operação financeira. O impossível de falsificar é o salário mínimo.

9 — E sôbre Marilyn Monroe, em que dimensão você a prefere?

R — Na verdade, Marilyn Monroe só nos satisfaz na quarta. E aqui, evidentemente, não se fala em dimensão, mas nesse aposento contíguo à sala, o qual, ninguém sabe porque, é masculino na língua portuguêsa.

10 — Visto que Marilyn Monroe nos lembra a República Sindicalista, qual a sua opinião a respeito desta?

R — Acho uma maneira a mais dos poderosos continuarem mais poderosos e dos oprimidos serem mais oprimidos. Perdoem-me os marxistas, perdoem-me os democratas, perdoem-me os fascistas, perdoem-me os protestantes e católicos — mas, sindicalista ou não, qualquer forma de govêrno tende à opressão. O homem só é verdadeiramente livre no recesso de seu lar. Refiro-me, é evidente, aos homens solteiros.

11 — Passemos à mulher ideal. Como você a imagina?

R — Cara de Ruth Roman, corpo de Ruth Roman, olhos de Ruth Roman, bôca de Ruth Roman, pluralidades da Ruth Roman, pernas de Ruth Roman e temperamento da minha mulher, que me acho formidável.

12 — Porque é que o Brasil não funciona? Falta de homens, excesso de política ou porque a Light não deixa?

R — Falta de homens, portanto excesso de política, da qual a Laite (por favor, sr. revisor, mantenha a grafia. Pelo menos isso eu quero nacionalizar) se aproveita para os seus escuros desígnios. Eu disse escuros? Eis-me empregando um adjetivo com rara propriedade. (Acho, também, que há um certo excesso de Brasil. O país é muito grande e, portanto, muito lerdo).

13 — Que companheira você escolheria para uma viagem de ida à Lua?

R — Ruth Roman, naturalmente. Em caso da moça estar ocupada no momento, convidaria a minha doce e íntima amiga Leslie Caron.

14 — Que lhe parece a arquitetura funcional?

R — Está cada vez menos funcional, com sérias tendências ao rococó. Hoje em dia, quando se entra numa residência funcional, não se sabe se é o dono da casa que está tomando banho na sala de jantar ou se foi a sua linda filhinha quem resolveu ir jantar no banheiro.

15 — Aqui entre nós, para que o Malenkov não nos ouça, você acha que a Rússia quer realmente a paz?

R — Tanto a Rússia quanto os Estados Unidos não desejam a guerra. O mal é que ambos se estão preparando para vencê-la.

16 — E o Brasil? E' o país do futuro?

R — Sem dúvida. O futuro do Brasil continua absolutamente intacto.

17 — Será que o govêrno pretende mesmo resolver o problema da carne?

R — Não acho. Sei de certas seitas religiosas que suspenderam o jejum de carne uma vez por semana. Já basta o dos dias em que a não encontram.

18 — Todo homem tem o seu preço?

R — Sim. O pior é que alguns só têm preços de liquidação, o que desmoraliza o mercado.

(Cont. na pág. 66)

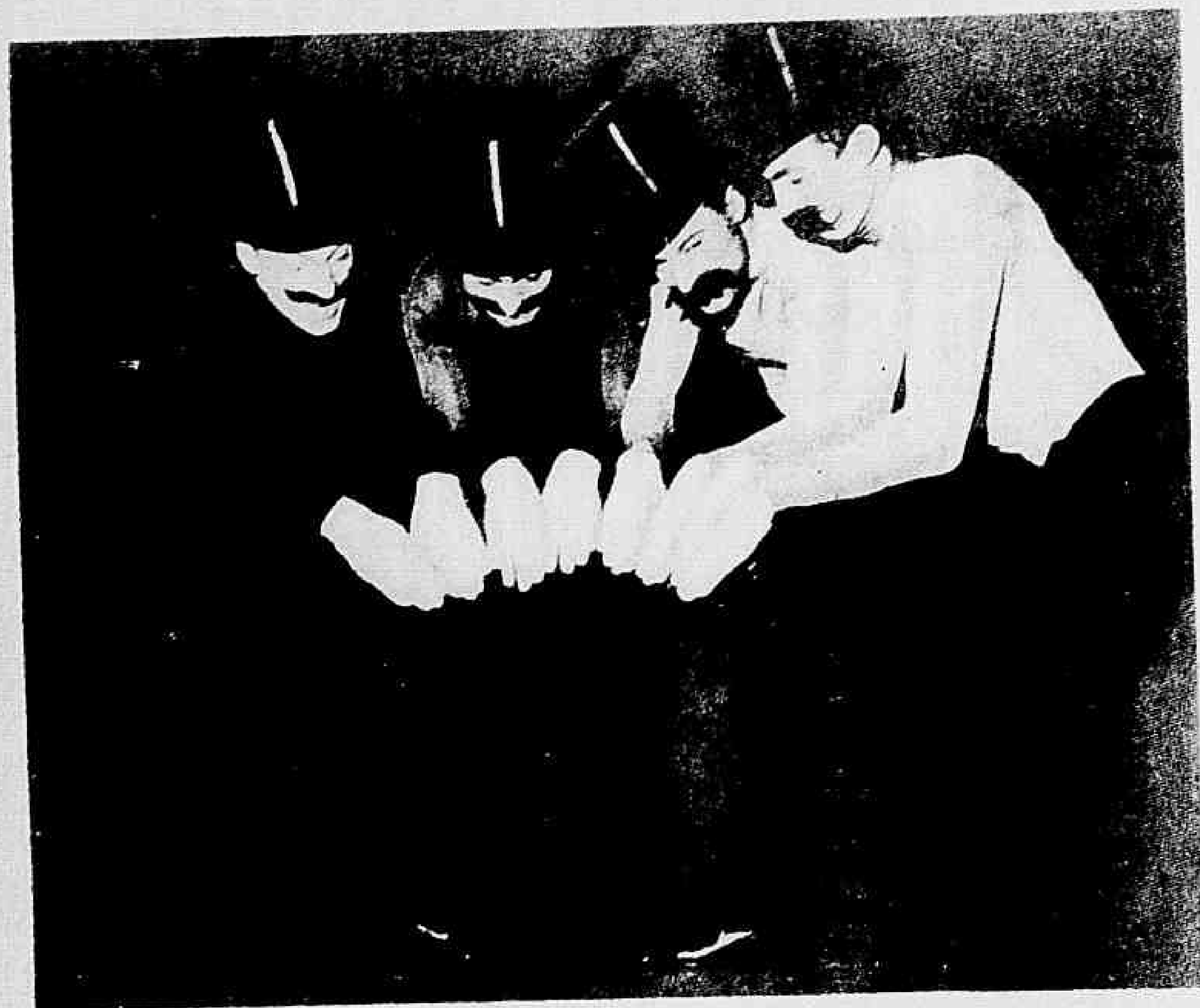




"Les Frères Jacques"

OS ATLETAS DA CANÇÃO

UMA CARTOLA, UM BIGODE E UMA BENGALA EIS OS INGREDIENTES DE UM ESTILO NOVO DA CANÇÃO BREJEIRA E PICANTE. — DESCOBERTOS HÁ POUCOS ANOS, SÃO HOJE FAMOSOS NO MUNDO INTEIRO. — A EUROPA RI COM O "RABO DO GATO".



Não faz muito os Irmãos Jacques iam a pé para trabalhar no cabaré «Rose Rouge»; mais tarde, cada um já possuía seu auto; e hoje só viajam de avião. Paris, Rio, Roma, onde rodam um filme, os aplaudem e onde êles são já famosos.

E' a glória. E essa glória êles a conquistaram com alguns chapéus, luvas brancas e uniformes colantes coloridos, e, especialmente, pelo senso estupefaciente de representar em público. Quando os irmãos Bellec toparam com dois rapazes que não eram irmãos, os quais concordaram em unir suas vozes às dos outros para cantar em conjunto, pôde-se afirmar que se havia criado um quarteto excelente. Mas tudo obedeceu ao estilo que os Jacques criaram.

Um estilo moderno, com a precisão dos gestos do cinema, a sobriedade das boas performances ajudadas pelos recursos acessórios: um bigode, e aí temos um general; um apito, e eis jogadores de futebol; um guarda-chuva, e evocaremos a «Saint-Médard». Alguns anos depois da Libertação os Irmãos Jacques reinavam sôbre o gênero «music-hall» a tal ponto, que hoje nada se faz senão imitá-los. E êsse estilo novo provocou a criação de canções novas. E é uma delas que aqui apresentamos agora: «O rabo do gato».



«La Queue du Chat», uma das canções dêsses endiabrados artistas, impressiona de tal forma o público, que muita gente mais impressionável jura que o «rabo de um gato» passou mesmo pela sala. E também ficam «atuados», como em mesa de sessão espírita. Mas tudo finda bem.

O TOQUE DE IMORTALIDADE

**ATRAVÉS DO TEMPO
AS OBRAS PRIMAS
SE TORNAM MAIORES**



Os grandes artistas, na sua genialidade criadora, imprimiram às suas obras o toque de imortalidade, eternizando-se na admiração dos pósteros.

Transforme sua vida numa obra-prima de previdência. Dê-lhe, também, o toque de imortalidade, eternizando-se no coração dos seus através do Seguro de Vida.

SEGUROS DE VIDA

COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL

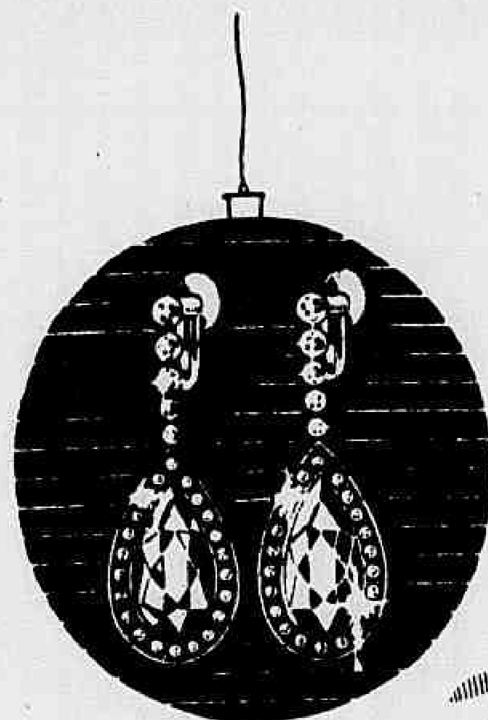
BELO HORIZONTE — MINAS

INCÊNDIO - TRANSPORTES - ACIDENTES PESSOAIS - ACIDENTES DO TRABALHO

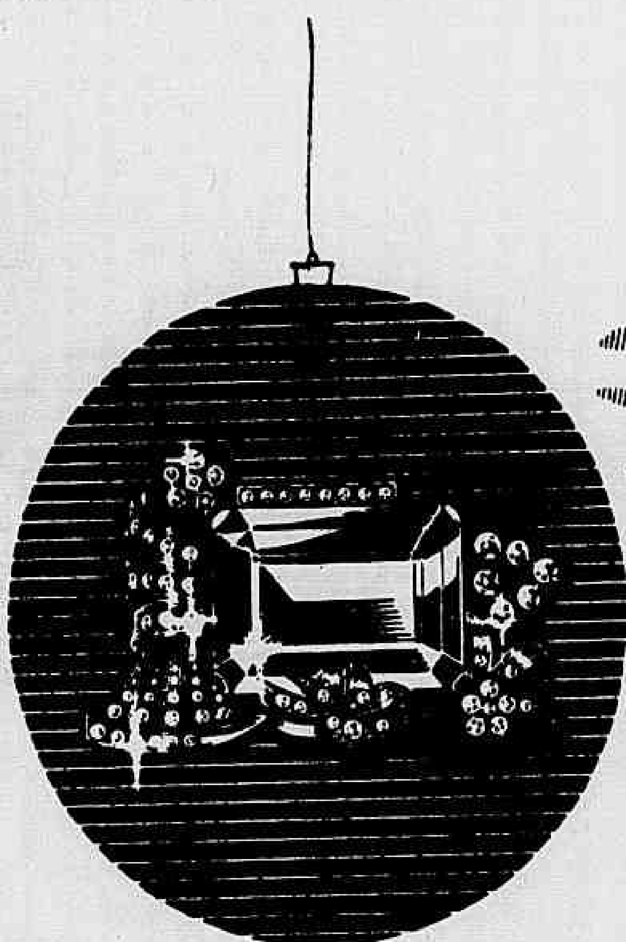
Ilumine o seu Natal com
as admiráveis fulgurações das famosas

Águas Marinhas Brasileiras

Inspirando uma nova moda,
elas levaram a Londres,
nas festas da coroação, a mensagem
de nossa terra. Mappin & Webb sugerem,
para presentes de Natal,
as lindíssimas águas-marinhas do Brasil.







Mappin & Webb

RUA DO OUVIDOR, 101 — RIO

LONDRES — PARIS — JOANESBURGO — BIARRITZ — BOMBAIM — BUENOS AIRES

IA-447

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 19 E 25 DE DEZEMBRO DE 1953 — (Hemisfério Sul)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A situação não se estabilizou. As desfavorabilidades vão continuar, um tanto atenuadas, porém, nos próximos sete dias. Sua chance estará nas solicitações que fizer, nos pedidos que encaminhar. Os melhores dias serão 21 e 25.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Uma situação bem diferente, será a do leitor, na próxima semana. Um concurso de circunstâncias favoráveis dará lugar a uma reviravolta completa na sua posição, forçando os acontecimentos que virão nos moldes da sua vontade. Melhores dias: 19, 21, 23 e 25.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Seus projetos não tomarão forma nem terão um fundamento sólido. Dêsse modo, não conseguirão interessar. Não faça propostas nem solicite empréstimos. Livre-se de uma diminuição certa.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O novo período não aconselhará viagens, especialmente por via aérea. Haverá perigo de acidente em transportes coletivos. Tome suas precauções, principalmente nos dias 20, 22 e 24 pela manhã.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — As melhorias conseguidas na semana anterior, não terão solução de continuidade. O período será favorável à solução dos conflitos íntimos, às questões de família. Os dias fastos serão 21 e 24, para tais fins.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Se fôr possível, evite os companheiros habituais, nos dias 22 e 23. Haverá perigo de uma dissenção com pessoa íntima, levando o leitor a um esfôrço físico perigoso para sua liberdade. Os dias restantes serão bons.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Seus negócios entrarão numa fase mais próspera na semana entrante. Não é preciso forçar a situação. As propostas virão naturalmente, em função do seu próprio destino. Tudo na vida está devidamente previsto.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Uma posição mais satisfatória e equilibrada será possível agora no novo período. O planêta que o governa está desfrutando uma posição privilegiada. O leitor participará dêsses benefícios notadamente na vida do lar.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Os esforços em empreender em busca da solução dos negócios em andamento, não serão inúteis. Nesta semana os ventos bons soprarão para seu lado. Os melhores dias serão 21 e 23. Os piores, 19 e 22.

★ CAPRICORNIO (24/6 — 22/7) — Não exagere suas pretenções. Alguma coisa lhe será concedida, tudo porém, dentro das possibilidades normais. [illegible] matemàticamente, calculando tudo dentro da exata medida. Não haverá lugar para desvaneios e exageradas ambições.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — A semana entrante não se prestará para negócios novos, para o lançamento de projetos ou para o início de viagem. O que se inicia em tal período, não tem um desenvolvimento satisfatório.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Os negócios do leitor vão bem sucedidos. [illegible] sário agir, porém, com tôda discrição. Os maus aspectos do seu [illegible] o predispõem a traições, notadamente no dia 22 dêste mês.

OS NOMES DA SEMANA

Dezembro	19	—	Joaquim	—	Joana
"	20	—	Elton	—	Elisa
"	21	—	Viriato	—	Eitel
"	22	—	Elmiro	—	Júnia
"	23	—	Evandro	—	Raquel
"	24	—	Janúzio	—	Esmeralda
"	25	—	Otávio	—	Meema

EFEMÉRIDE DA SEMANA
Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Dezembro	19	—	27º - 18' - 18"	(Signo do Sagitário)
"	20	—	28º - 19' - 22"	(" " ")
"	21	—	29º - 20' - 27"	(" " Capricórnio)
"	22	—	00º - 21' - 32"	(" " ")
"	23	—	1º - 22' - 38"	(" " ")
"	24	—	2º - 23' - 45"	(" " ")
"	25	—	4º - 24' - 52"	(" " ")

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», «Fonte Vilena», «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

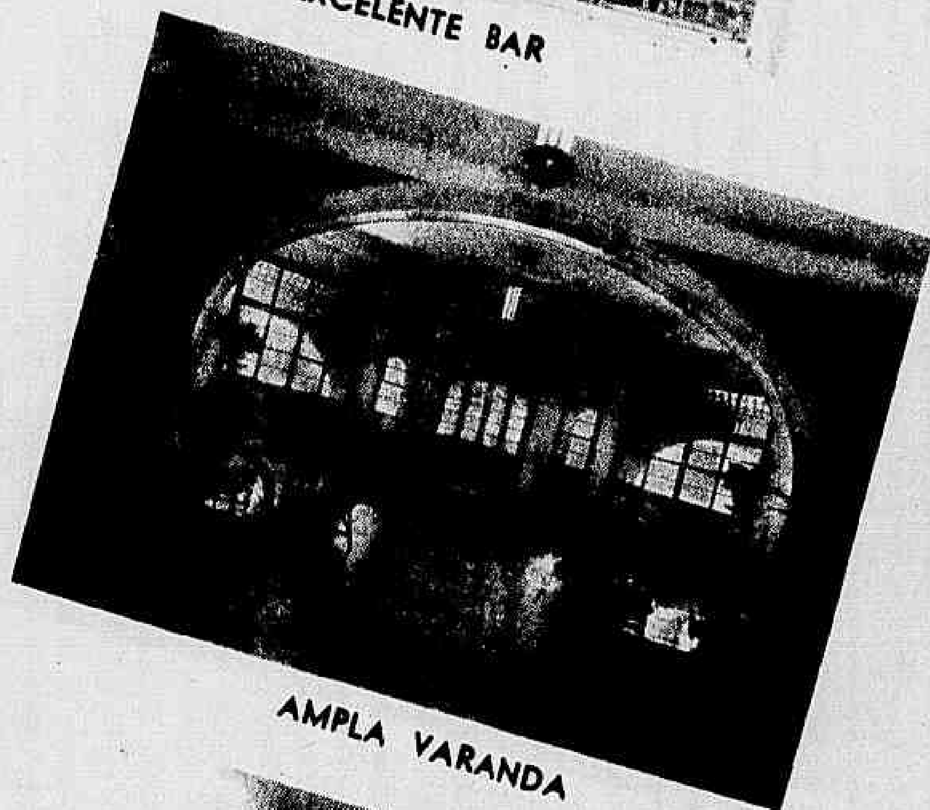
★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



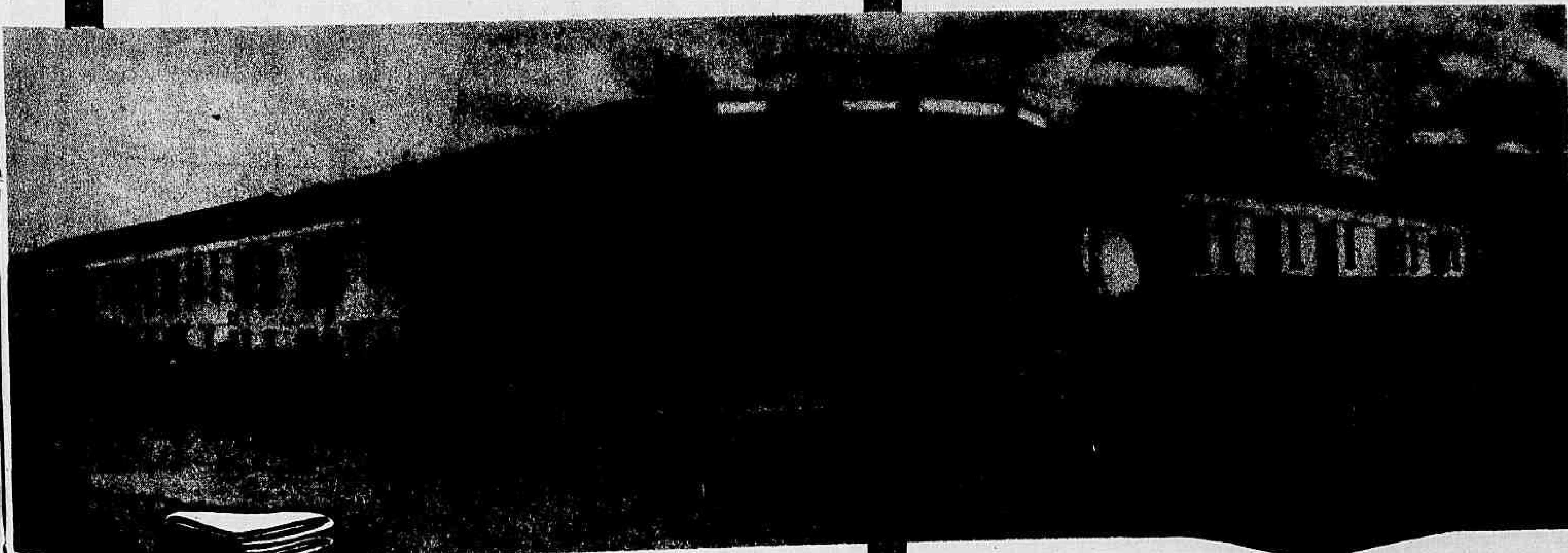
EXCELENTE BAR

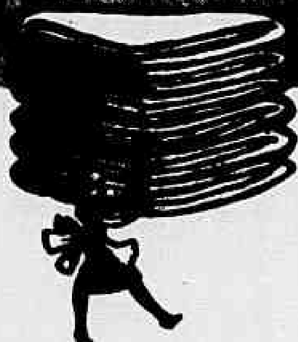


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





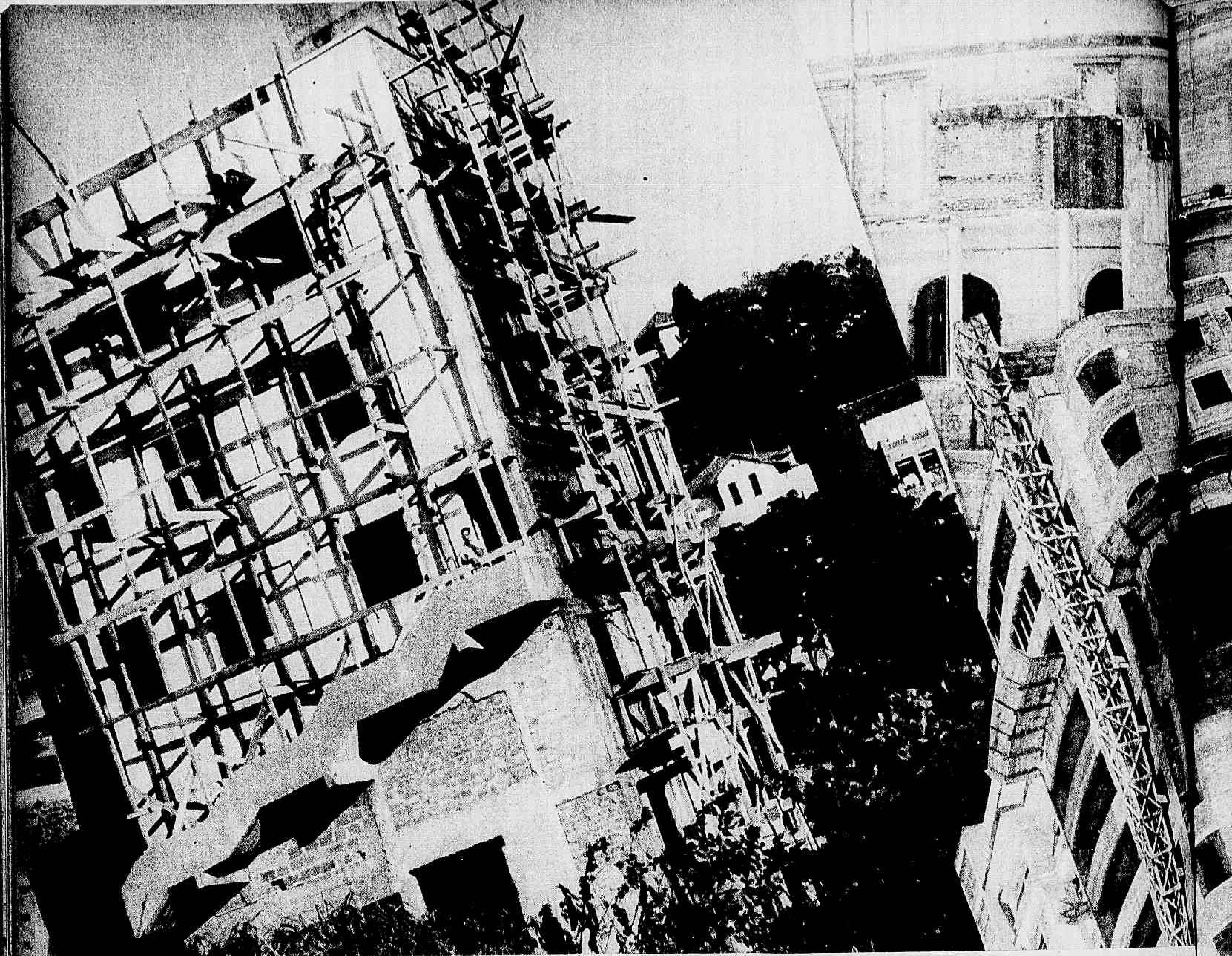
ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata 30 minutos de automóvel)



CRIANÇA E CACHORRO, OS GRANDES INDEJESÁVEIS

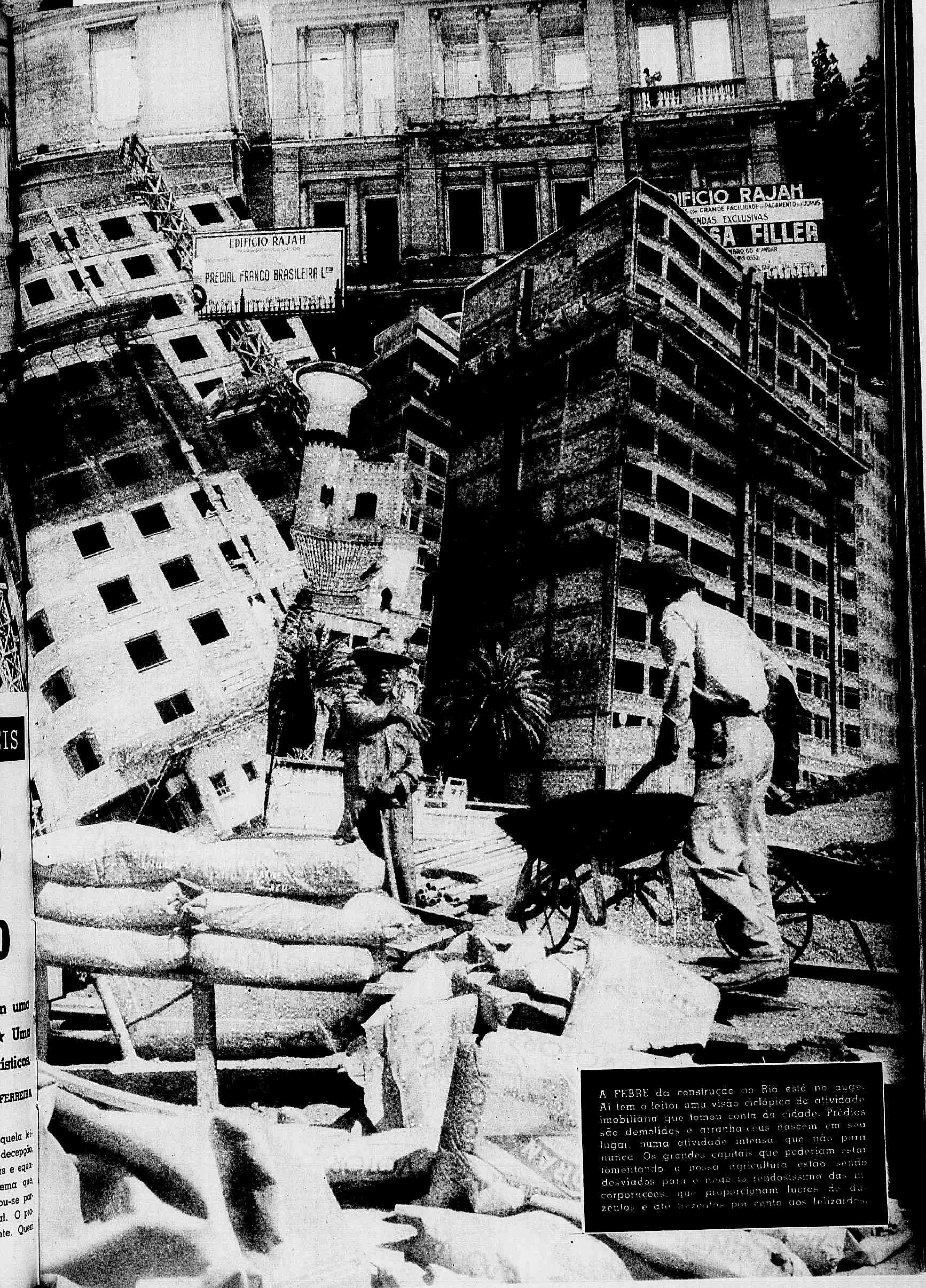
300 MIL APARTAMENTOS (vazios) no Rio de Janeiro

Estas são as estimativas feitas recentemente ★ Os dramas e os problemas que se encerram em uma página de anúncios de «aluguéis de casas e cômodos» ★ Casais sem filhos e casais com filhos ★ Uma das maiores especulações dos últimos anos, que se esboroará breve, segundo vaticínios estatísticos

Reportagem de WILSON MACHADO — **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

SENTIMOS não dar, nestas vésperas de Natal, uma reportagem amena, com lindas praias e belas meninas, para satisfação de vossos olhos. E isso por que amargas também são as fontes inspiradoras dessa ex-maravilhosa cidade. O resultado aí está... Expliquemos. Há vários dias vem o repórter, invariàvelmente, cada manhã, folheando as páginas de anúncios dos jornais, buscando, modestamente, um teto para morar. Um imperativo semelhante ao de tantos milhares de cariocas obriga-o a isso.

Acontece que, ao fim de uma semana inteira de cuidadosa sindicância através dos anúncios classificados, tudo resultou inútil. Mas nem tudo, convenhamos. Pois, em meio àquela leitura desagradável, de decepção em decepção, fomos aprendendo determinadas coisas e equacionando um problema. Um problema que, sendo grave no mundo inteiro, tornou-se particularmente crítico no Distrito Federal. O problema é: **morar**, como já ficou evidente. Quem



A FEBRE da construção no Rio está no auge. Aí tem o leitor uma visão ciclópica da atividade imobiliária que tomou conta da cidade. Prédios são demolidos e arranha-céus nascem em seu lugar, numa atividade intensa, que não para nunca. Os grandes capitais que poderiam estar fomentando a nossa agricultura estão sendo desviados para o negócio rendosíssimo das incorporações, que proporcionam lucros de duzentos e até trezentos por cento aos felizardos.





A SOMBRA do Corcovado, o carioca de hoje mora nesta cidade de maneira dramática. Ao

passa os olhos pelos anúncios de «aluguel de casas e cômodos», convirá que não falta teto onde se morar no Rio de Janeiro. Isto há aparentemente até de mais. Mas os preços são tais, que uma coisa mata a outra, e o número de «sem tetos», nesta cidade, vai engrossando.

Expliquemos agora alguns aspectos, talvez superficiais, dessa dolorosa situação que envolve uma vasta e massiça população, cada dia maior e com maiores solicitações. Por exemplo: atentemos especialmente para um determinado tipo de anúncio que quase predomina sôbre os outros na página de «aluguéis». É o que anuncia quartos, mobiliados ou sem mobília, em apartamentos ou casas de família, segundo rezam os textos.

ALUGAM-SE A CASAIS SEM FILHOS

Eis uma sentença condenatória numa meia dúzia de linhas impressas contendo os dizeres acima. **Alugam-se quartos a casais sem filhos.** Não importa que seja apenas filho único e que êste conte apenas dois ou três meses de idade. O anúncio é claro, e anda por aí, às centenas, quase aos milhares nas páginas de «classificados» dos jornais. Sôbre isso entretanto, algumas dezenas de perguntas têm sido feitas ao repórter por donas-de-casa, chefes de família, amigos e conhecidos e pelo próprio jornalista a si mesmo.

Quantos casais, nesse Rio de Janeiro, não possuem pelos menos um filho, ou a caminho do primeiro? Essas exceções podem ser classificadas em dois grupos, segundo a aguda opinião de uma senhora que conhecemos. Em



pé de arranha-céus vazios milhares e milhares vivem em favelas. Os proprietários de edifícios preferem manter seus prédios eternamente desabitados a baixarem um mísero tostão que seja nos altíssimos e absurdos alugéis pretendidos. Até quando perdurará esta situação? perguntamos.

primeiro lugar os casais recém-casados e os que recorrendo à ciência procuram evitar a concepção por motivos econômicos. Em segundo lugar, os casais clandestinos (e o seu número é considerável). Sòmente a êstes, em última análise, ficariam reservados os quartos para aluguel. Enquanto isso, os milhares de jovens casais, que enfrentam a vida com o primeiro rebento nos braços e que encontrariam na locação de um quarto a solução de emergência, lêem cheios de amargura os anúncios condenatórios. E quem são as maiores vítimas daquela exigência parcialista, senão os pequeninos, as crianças? — pergunta a senhora indignada. Como se vê, elas já nascem vítimas da exploração imobiliária.

A explicação para o fato é simples. A avalanche de quartos para aluguel, aumentando cada dia, segundo se pode observar lendo os anúncios classificados, é uma das demontrações mais eloqüentes da crise de habitação para os cariocas.

COMO RATOS EM TOCAS

Um estrangeiro que se hospedou no apartamento de um amigo em Copacabana observou sôbre a quantidade de gente que habita um mesmo apartamento, o que ocorre na maioria dêstes. É sabido que grande parte das famílias que se sujeitam a alugar apartamentos aos altos preços vigorantes, geralmente não pode manter fàcilmente a despesa, nem mesmo sacrificando outras necessidades como a comida e a vestimenta. A absoluta necessidade de morar obriga a tais larguezas com tôdas as privações que ela acarreta à economia doméstica. Em tais casos, a única saída para minorar o pesado encargo do aluguel é sub-locar um quarto ou dois a casais ou pessoas sós. Dêsse modo, quando não conseguem pagar todo o aluguel através do sub-locatário, abatem pelo menos a metade.

E assim se vive, desapertando uns aos outros os moradores de apartamentos ao longo de tôda a Zona Sul. Como ratos em tocas, se nos perdoam êsse doloroso símbolo.

APARTAMENTOS VAZIOS E GENTE SEM TETO

Quem pensa que a crise de moradia no Rio é conseqüência da falta de teto está enganado. Casas existem e aos milhares à espera de moradores. O que não existe é orçamento suficiente para garantir os fenomenais aluguéis exigidos pelos proprietários de apartamentos, como já dissemos no começo da reportagem.

Quais as causas, quais os motivos dêsse moderno suplício que se abate sôbre uma população de quase três milhões de habitantes apertados entre o mar e os morros? A resposta é: **especulação imobiliária**. Uma autêntica orgia de lucros, correndo como correm os rios. Especulação que encontrou nos negócios imobiliários uma aplicação de capitais tremendamente rendosa — e nisso não vai exagêro, pois os lucros, no comércio imobiliário, são de duzentos e mais por cento. E é sabido, que o que hoje falta em nossa indústria e agricultura, estrangulada, foi transformado numa floresta de arranha-céus.

Mas, quantos apartamentos vazios pensa o carioca existirem hoje no Rio de Janeiro? Dez mil? Cinqüenta mil? Êsses cálculos são modestíssimos, mesmo ridículos. Segundo estatísticas extra-oficiais, levantadas pela revista «PN», especializada em negócios em tôrno da fabulosa questão, podemos concluir que nada menos de trezentos mil apartamentos se encontram vazios no Distrito Federal. Trezentos mil apartamentos que esperam a alta de aluguéis ou que alguém concorde com os preços exigidos para venda (são vendidos por 600 mil cruzeiros apartamentos que não valem mais de duzentos!).

Os anúncios caríssimos aí estão cobrindo páginas e páginas de jornais, expondo novos planos, grandiosos, sensacionais, cheio de falsas facilidades para o comprador. E a marcha acelerada das construções cada dia vai espetando novas edificações sob o céu do Rio.

NÃO DURARÁ MUITO...

Segundo ainda elementos colhidos pela publicação especializada, êsse brutal estado de coisas não durará muito tempo, estando previsto para um prazo máximo de seis anos o esboroamento da especulação. Mas enquanto isso não acontece e outras medidas não são tomadas, a situação permanecerá. Os casais com filhos (e com cachorro...) não poderão alugar quartos, famílias se sujeitarão a elevados aluguéis e o problema da habitação nesta triste metrópole se tornará cada dia mais crítico, e cada um terá de se arrumar como melhor mandem seus magros vinténs do fim de cada mês. E, para contraste, muita gente morará sob o arco de uma ponte, ao pé de um enorme edifício de apartamentos vazios...

Quando São Paulo festeja seu 4.º centenario

O Decano dos jornais paulistas

CORREIO PAULISTANO

comemora
100 anos
de atividade
ininterrupta

1 Século de tradição a serviço do Brasil



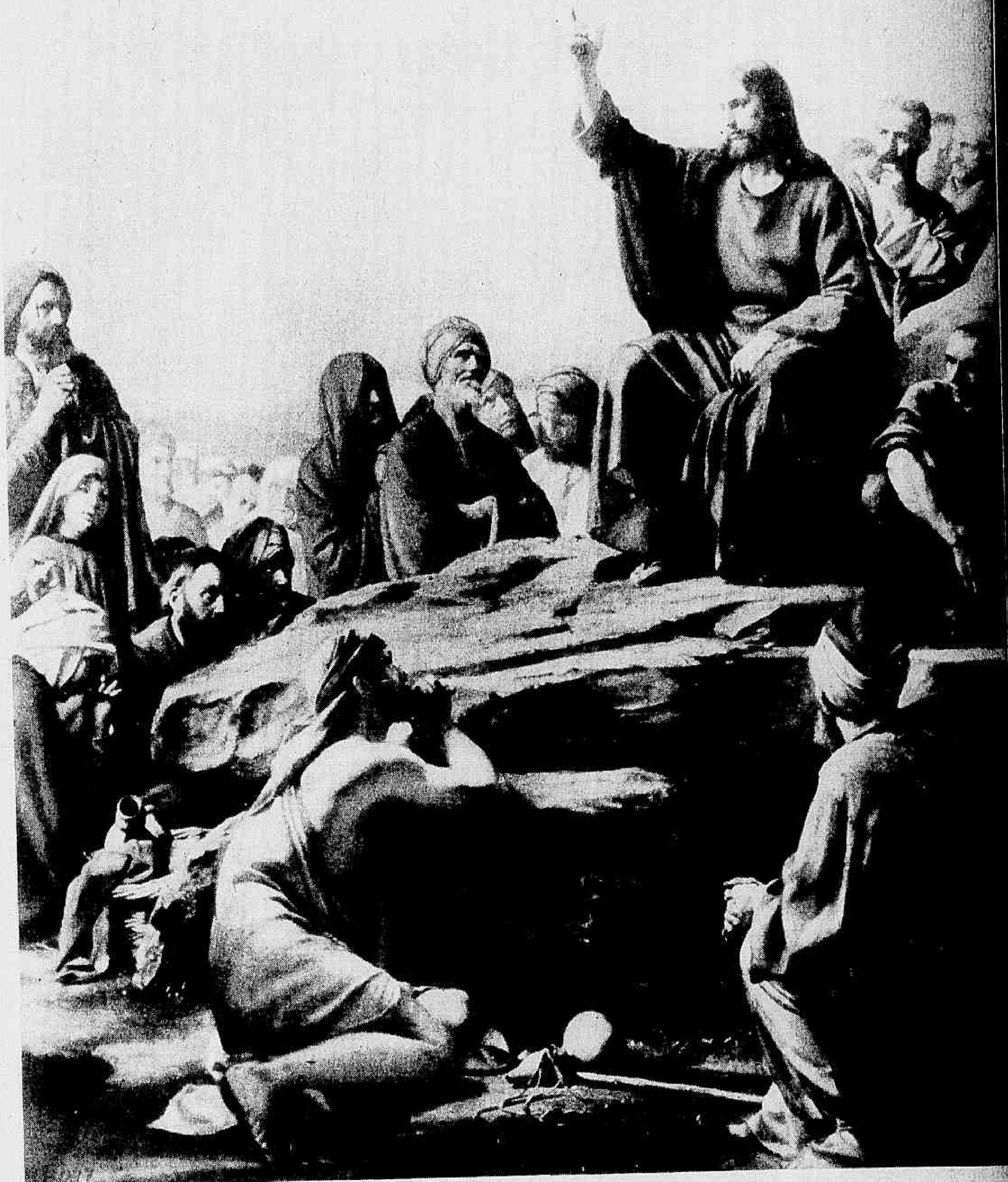
Garantindo um apreciável volume de negócios, porque circula num meio de alto poder aquisitivo

O SERMÃO da MONTANHA

"E vendo Jesus a grande multidão do povo, subiu a um monte, e depois de se ter sentado, se chegaram para o pé dêle os seus discípulos.

E êle abrindo a sua bôca, os ensinava, dizendo:

- ★ *Bemaventurados os pobres de espírito, porque dêles é o reino dos céus.*
- ★ *Bemaventurados os mansos, porque êles possuirão a terra.*
- ★ *Bemaventurados os que choram, por êles serão consolados.*
- ★ *Bemaventurados os que têem fome e sêde de justiça, porque êles serão fartos.*
- ★ *Bemaventurados os misericordiosos, por êles alcançarão misericórdia.*
- ★ *Bemaventurados os limpos de coração, porque êles verão a Deus.*
- ★ *Bemaventurados os pacíficos, porque êles serão chamados filhos de Deus.*
- ★ *Bemaventurados os que padecem perseguição por amor de justiça, porque dêles é o reino dos céus.*
- ★ *Bemaventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por meu respeito — folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso nos céus; pois assim também perseguiram aos profetas, que foram antes de vós".*



Êle ressuscitou Lázaro e multiplicou os pães

O SEU NOME ERA JESUS

A criança de Bethlém, ungida pelo Senhor, fugiu ao ódio de Herodes, passeou suas sandálias pela doce Nazareth, ensinou aos doutores, multiplicou os pães, ressuscitou Lázaro, curou o leproso e iluminou os olhos daquele que não via; tomado de indignação contra os vendilhões, expurgou o templo, mas, ameno como um cordeiro, deteu o braço daquele que o queria vingar; era puro, meigo, justo e obediente a Deus; e só uma vez, nos derradeiros instantes da Crucificação, ouviu-se d'Êle um lamento; mas logo seu espírito ingressava em paz no Mundo dos eleitos. Chamava-se Jesus, conheciam-no como **O Cristo**, e certa vez, no alto de uma mansa colina, tendo em volta de si pastores rudes e apóstolos atentos e humildes, traçou para o Homem a mais perfeita, justa e eloqüente plataforma que o mundo já conheceu: e com ela acolheu os pobres de espírito, os sedentos de justiça, e amainou nos corações atormentados a tempestade das paixões em fúria. Morreu pelos homens, para redimi-los e salvá-los. E sempre que os homens, através dos séculos, mentem, atraiçoam ou se entredevoram, Êle é crucificado novamente; e novamente a coroa de espinhos volta a rasgar a sua fronte serena e imaculada.

SEU NOME ERA JESUS



O nascimento de Jesus Cristo, magnífica tela de Botticelli, «Natividade», atualmente fazendo parte da National Gallery, da capital da Inglaterra.



«A fuga para o Egito», um dos culminantes episódios da história da Sagrada Família (Jesus, Maria e José), tela famosa de Joaquim Patinir.



São João Batista recebe Cristo, que chegava da Galiléia e o batiza nas águas mansas do Jordão, conforme S. Mateus. Quadro de G. Davis.



Quadro de Karl Bloch, representando Cristo curando o cego e dizendo-lhe: «Abre os olhos e vê. A fé te salvou». E o homem recuperou a vista.



«As Bodas de Caná», do pintor P. Caliri, chamado Paolo Veronese, quando Cristo fêz o milagre de transformar água em vinho. Segundo a história foi êste o primeiro milagre de Cristo, causando a maior perplexidade a quantos estavam na festa. A alegria tornou a reinar entre os convivas.



Jesus aparece aos seus discípulos, em espírito, e anda sôbre as águas revôltas. Quadro de C.J. Jalabert, reproduzindo o que está em S. Marcos, cap. 4, versículo 49, e em S. Mateus, cap. 14, vers. 25, mostrando o assombro causado aos discípulos, que não podiam acreditar no que viam.

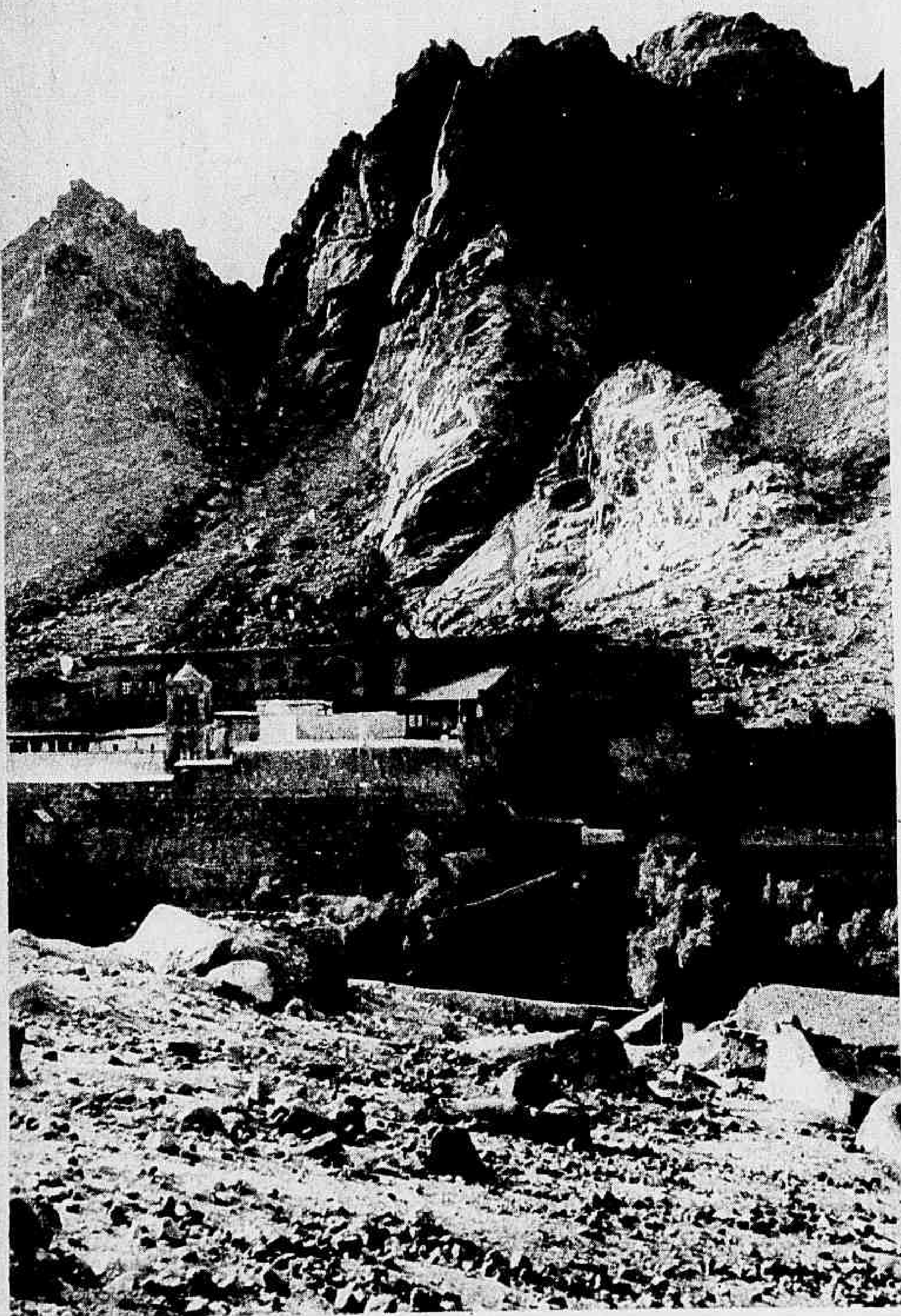


Cristo, depois de condenado como agitador do povo contra Roma, conduz ao cimo do Calvário a cruz em que foi supliciado. Foi durante o trajeto que se verificaram os dois fatos culminantes: o auxílio de Cirineu e o milagre da Verônica, ficando impresso na toalha o rosto de Jesus Cristo.

SEU NOME ERA JESUS



À famosa Praça da Mangedoura, na cidade bíblica de Belém, numa fotografia tirada dos altos da Igreja da Natividade. E' êste um dos mais visitados pontos da Terra Santa, por peregrinos que, de tôdas as partes do mundo, vão à Palestina.



O Monte Sinai, na estrada para o Egito, onde um Anjo apareceu em Sonhos a José e ordenou que fugisse de Herodes com a família.



A «Crucificação», um dos mais belos quadros de Andrea Mantegna, no monte do Calvário, em Jerusalém. Ponto culminante da histório de Jesus.



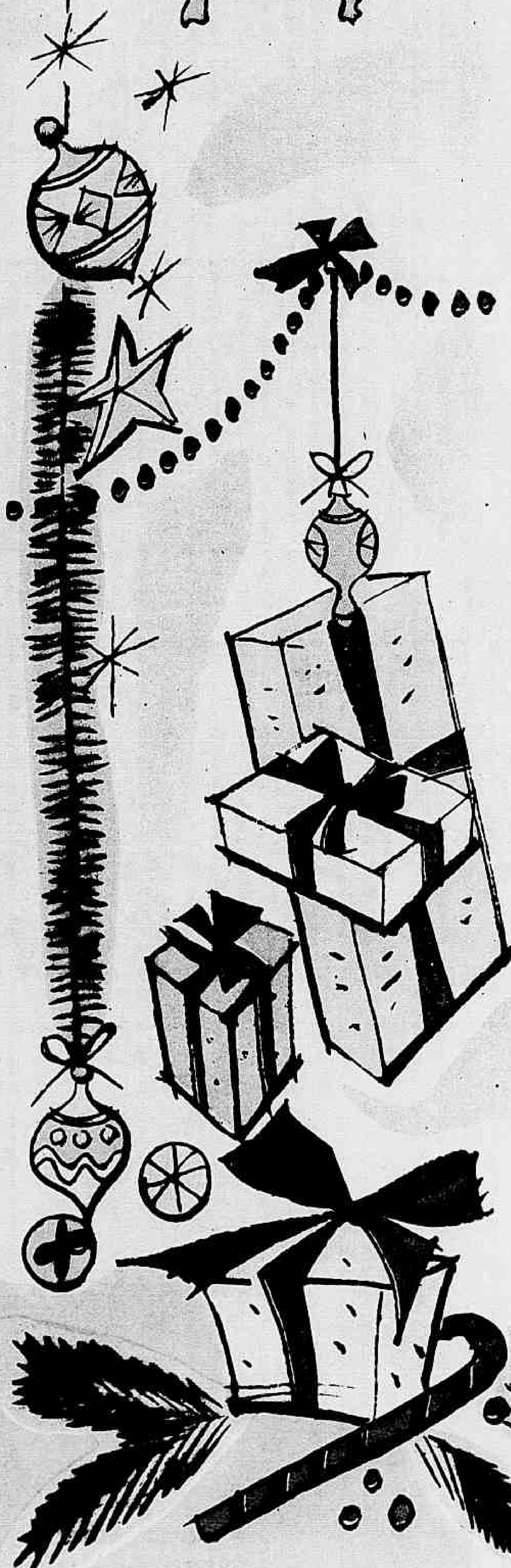
Cena da Ressurreição, segundo um antiquíssimo desenho, sem ascensão ao céu e sim, apenas a ressurreição de Jesus Cristo entre os seus.



«CRISTO» por CARRACI



Natal



MUDARAM ambos, Joaquim Maria: o Natal e eu. Êste homem que aqui está diante da máquina de escrever, onde as palavras se mecanizam, êste homem a quem Papai Noel presenteou um dia com um velocípede, também tenta relembrar na noite amiga a viva dança, a lépida cantiga.

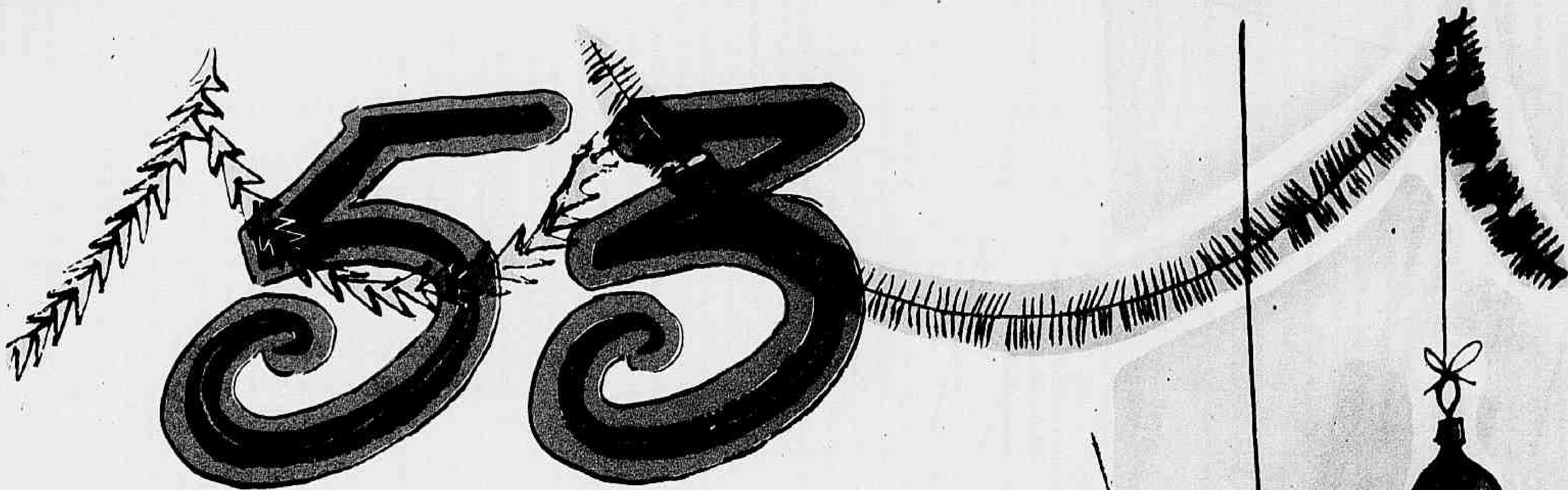
Mas que cantiga é essa? «Não há muito o que dizer», advertiu comovidamente Vinicius de Moraes no seu poema de natal. E enumera: «uma canção sôbre um berço; um verso, talvez, de amor; uma prece por quem se vai». Mas isso já são outros natais. Natal de 1953, não terás prece, nem verso, nem canção.

Portanto, escolho a crônica. Por sua própria natureza a crônica é o gênero da falta de assunto por excelência. E o natal, grande festa do comércio, data magna do mundo consumidor, celebração dos lucros, renovação de estoques, orgia das liquidações, já não é assunto digno. Pobre daquele que, como eu, começa falando em Papai Noel ou, pior ainda, respondendo ao triste, surrado e gasto decassílabo de Machado. No Código dos Assuntos Interditos dever-se-ia dedicar ao Natal uma carinhosa atenção. A ninguém seria dado falar mais em Menino Jesus, presépio, crianças pobres, árvore de natal, mangedoura, reis magos, missa do galo, noite cristã, berço de Nazareno. Um espantoso silêncio teria de descer sôbre a literatura nas vésperas de 25 de dezembro, silêncio universal que refletisse o pasmo dos que nunca mereceram o seu mistério e que até perderam o direito de revivê-lo. Não há muito que dizer e menos ainda que lembrar.

Mas me salvo: mudaram ambos porque o Natal mudou de ano eu mudei de casa. O que quer dizer que, tudo considerado, mais um ano está terminando e para sentir-me um ano mais velho busquei domicílio novo. Mais um ano vai começar e com êle meu novo contrato de locação. E aqui desta nova moradia vou lembrar. . .

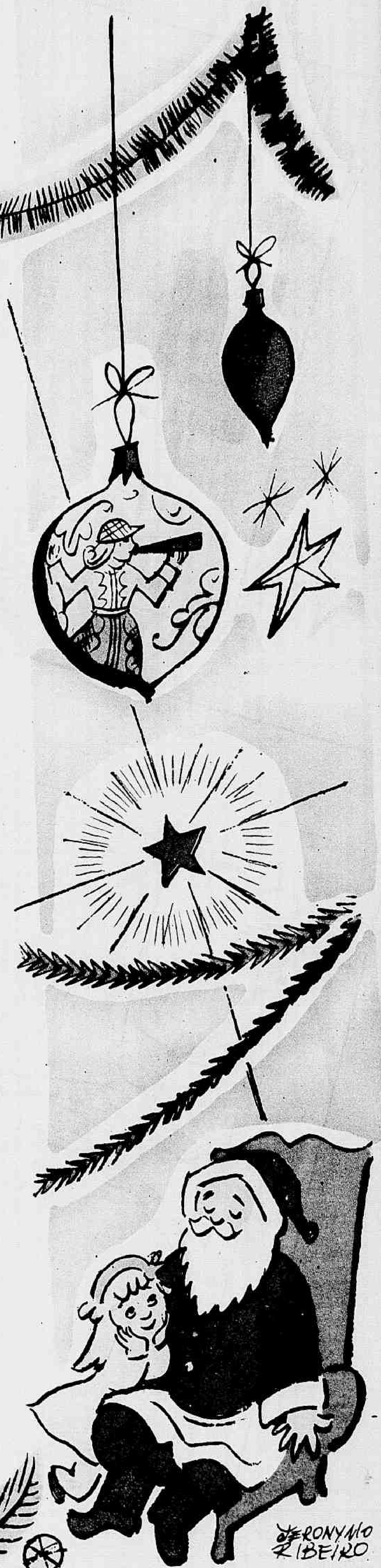
Lembrar o que? Os dias de pequeno? «As sensações da sua idade antiga?» Já cometi também essa imprudência de ir buscar inspiração para outras crônicas de Natal nos perdidos natais de minha infância. Falei na grande festa em família a





FERNANDO SABINO

cada ano renovada, castanhas comidas ao pé do fogão, nozes e avelãs quebradas no batente das portas sob pretesto de meu pai, os mais velhos saindo para a Missa do Galo, nós meninos lutando contra o sono na esperança de desmascarar Papai Noel. E o velho barbado, temeroso de nossa vigília, acabava despejando o saco na sala de visita mesmo e dava o fora pela porta da cozinha. Um dia a irmã mais velha me apontaria com o dedo, a rir: «Olha o bôbo, ainda acredita em Papai Noel.» E minha mãe sacudira a cabeça em desalentada reprimenda, sussurrando não tão baixo que eu não escutasse: «Não faça isso, minha filha; não tire a inocência do menino».



POIS é isso, tiraram a inocência do menino. Lembrar o quê? pergunta êle agora dentro dessa noite em que nenhuma estrêla anuncia o Nascimento. Inútil insistir num tema que ao sonêto deu um só verso sem resposta, mais inútil respondê-lo. São de um homem feito, êsses dedos que se atropelam no teclado da máquina cumprindo a insípida tarefa de alinhar palavras. Se êle mudou de casa, de profissão, de estado civil, constatando incidentemente que o natal mudou também, fazer dessa mudança assunto literário é imprudência que não dará mais que uma crônica, e má. Melhor falar de festas, bebidas e mulheres. Bem sei que nos clubes já se reservam mesas para as celebrações de fim de ano. Nas adegas as garrafas se acumulam, os homens sacodem o pó das almas e a naftalina dos «smokings», nos espelhos as mulheres se preparam. Todos sairão à rua para se divertir, fazer compras, celebrar e esquecer. Em casa ficará apenas um menino que os ruídos e nenhum canto de galo jamais acordarão. Melhor sair com êles, melhor ainda apagar a luz, deitar-se e dormir. Escrever uma crônica seria imprudente. Vinte e cinco de dezembro de 1953 — em breve êste natal também passará, mais um, e pronto, mais nada. Tudo continuará na mesma, o mundo continuará na mesma, os homens não mudam, nem os Natais, nem eu.

E que deixem para sempre em paz o teu triste e surrado verso, Joaquim Maria.

Composição de IVAN SERPA

O NATAL TAMBÉM

O MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO
TÕES DE BOAS-FESTAS COM ESTRÊLAS, ...OS, BOI
DADO: O NATAL ...U OS

A receita de um Natal é muito simples: um Menino, uma árvore, uma missa, um Papai-Noel, algumas frutas e uns cartões mais ou menos idiotas pelo academismo e a freqüência com que reproduzem a estrêla sôbre o estábulo, os animais sùbitamente iluminados, como os reis patrocinaadores do ouro, o incenso e a mirra.

Tão grande é o fascínio do acontecimento do Natal sôbre os homens que uma grossa literatura tem-se aproveitado da receita acima para despertar a comoção e a pureza ali onde ela se sente impotente para levantar êsses sentimentos, por si mesma.

Não é a literatura, entretanto, a única a se servir desta receita. Um homem pode acreditar honestamente que o Natal exista independente de sua comemoração, como outro, porém, pode honestamente crer que o Natal não passe dessa comemoração mesma. Há, então, a necessidade da armação da árvore, da valorização das frutas e do capricho no desenho dos cartões.

É sôbre êste último elemento, indispensável à dignidade de um Natal, que trataremos nesta reportagem.

Tôda ...
que as ...
os invo...
e bois, ...
veloz, ...
neve, ...
Êste ...
senhor...
inocên...
de su...
na atu...
merece...
rarmos...
tanto, ...
por su...
versos ...
pois s...
fêz co...



Desenho de CARLOS VAL

Original de DAREL

ÉM SE RENOVA

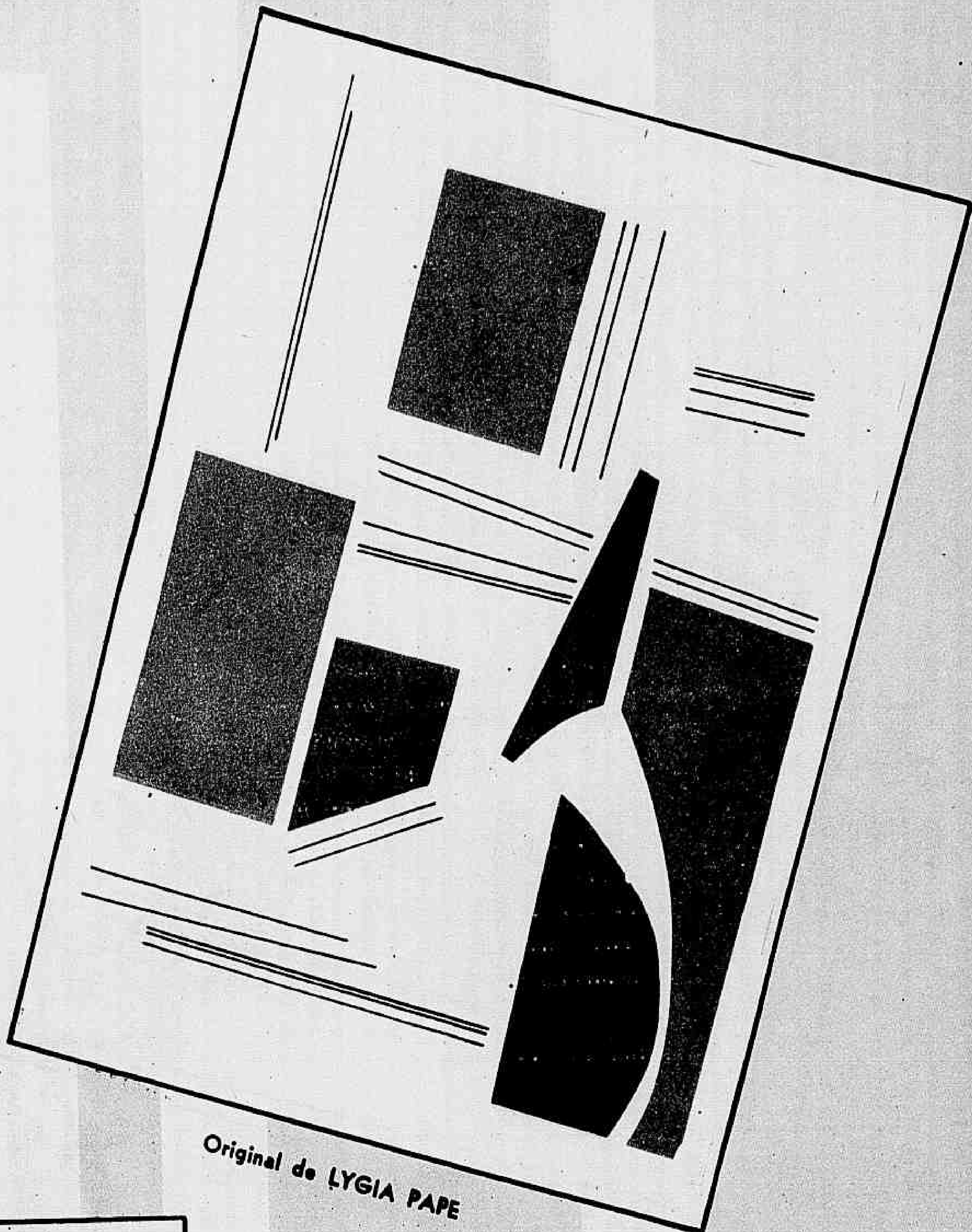
NEIRO ROMPE A TRADIÇÃO DOS CAR-
S, BOIS, NEVE, ETC. ★ QUEM TERÁ MU-
U OS PINTORES?

Reportagem de JAIME PEDREIRA

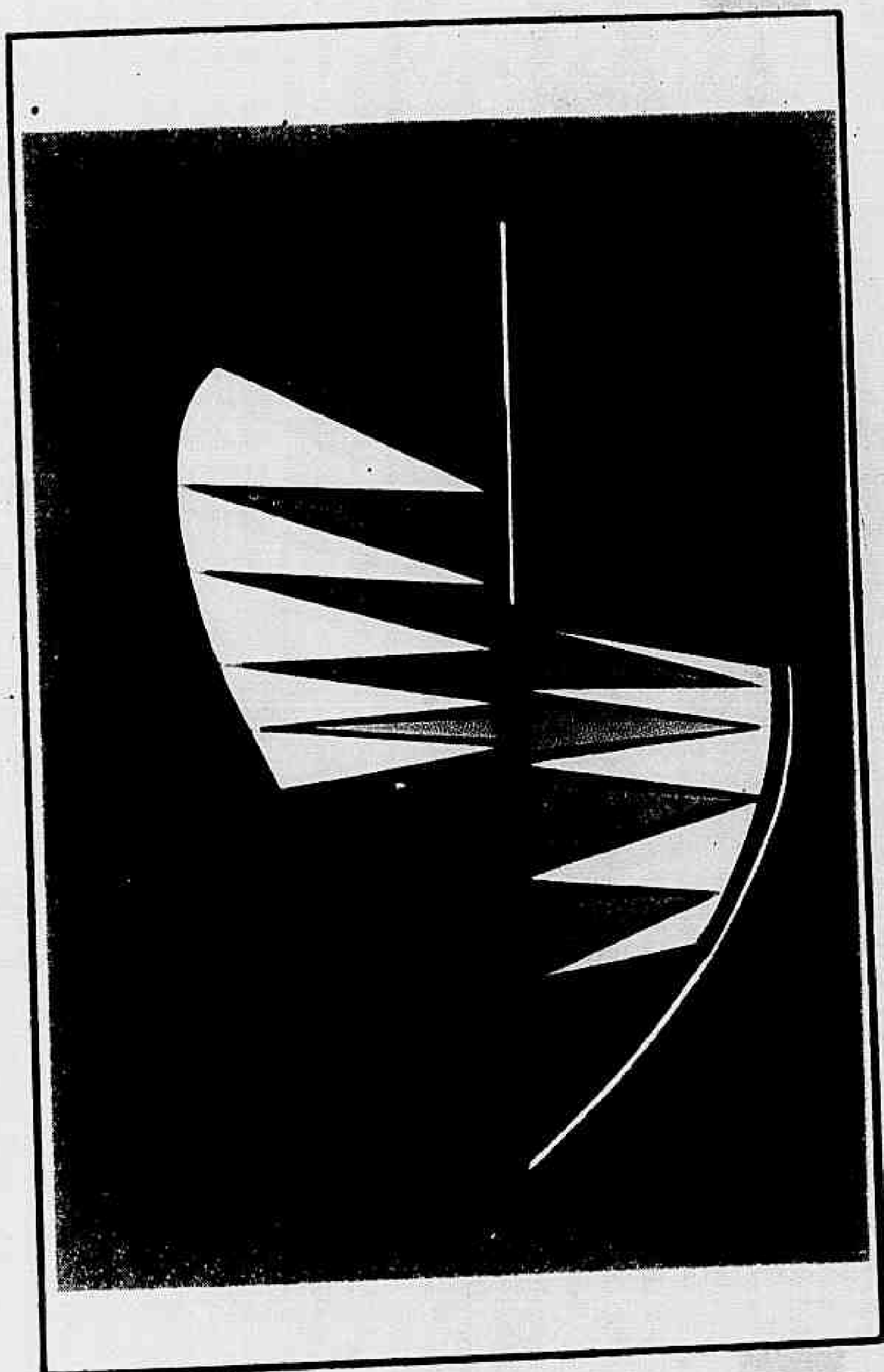
Tôda gente sabe como se faz um cartão de Natal, dêsses que as livrarias enchem as vitrinas por êste tempo, com os invariáveis desenhos da estrêla, o Menino entre palhas e bois, muitos bois... ou, então, Papai Noel em seu trenó veloz, puchado por uma parelha resfolegante de cães e neve, muita neve.

Êste ano, a cronista Eneida, que é mulher imaginosa e senhora de muitos passes, resolveu também cultivar a nossa inocência e a dos amigos, fazendo acompanhar os cartões de sua autoria com versos dos poetas mais em evidência na atualidade. Os cartões de Eneida estão nas livrarias e merecem mesmo um voto de originalidade se os compararmos com os cartões da estrêla ou do trenó. Dizem, entretanto, que foi infeliz na escolha dos poetas e que êstes, por sua vez, foram muito infelizes na escolha de seus versos. O fato mostra uma evolução crítica digna de nota, pois se bem nos lembramos, um bom Natal sempre se fêz com versos humildes como êsses dos cartões de Eneida.

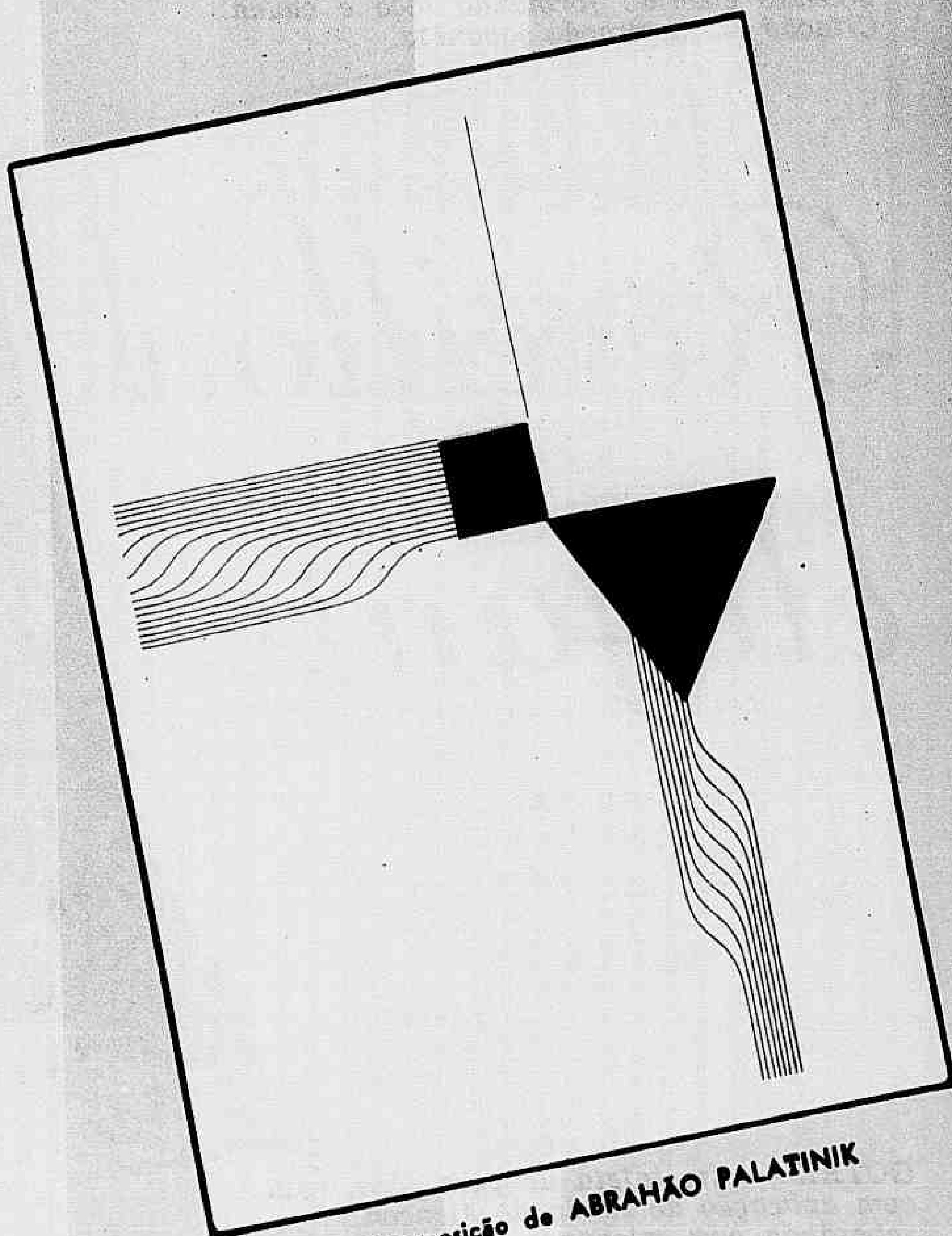
(Cont. na pág. 66)



Original de LYGIA PAPE



Composição de ALOÍSIO CARVÃO



Composição de ABRAHÃO PALATINIK





GIVENCHY — Em cetim de sêda branco magnólia, com uma larga faixa de brocado colorido formando laço e cauda. Criação de inspiração japonêsa.

Reveillon elegante

GOTHE — Em tafetá de pura sêda, rosa, com aplicação de renda de Alençon, rebordada com miçangas e pequeninas pérolas. A sobre-saia é destacável.

● Diz a tradição popular que "dá sorte" passar-se os útimos minutos do ano que se finda e os primeiros daquele que chega, com uma tualete completa, inteiramente nova. Como, porém, nas grandes cidades a "passagem do ano" é esperada em festas — quer nos clubes, quer em reuniões de família — o seu traje novo será um vestido festivo e, com maior probabilidade, um vestido de baile. Esta costuma ser, mesmo, a oportunidade para você mandar fazer aquêle modêlo encantador que viu num figurino francês, ou numa revista de New York.

● Entre franceses e americanos, selecionamos alguns modelos elegantíssimos para o dia 31. Talvez você ainda esteja indecisa sôbre o seu vestido para o "Reveillon" e aproveite essa nossa ajuda, que vai dada com todo afeto que nos merecem sempre as leitoras da REVISTA DA SEMANA — **FLAMA**



GOTHE — Renda de Chantilly e tulle de nylon combinados nesta magnífica criação para festas. A renda é delicadamente rebordada com miçangas e lantejoulas nacaradas.



GOTHE — Tulle de nylon côr de fogo, sôbre um fôrro de tafetá na mesma tonalidade, contrastando com o bordado em miçangas prateadas. A saia é tôda recortada para o franzido.

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

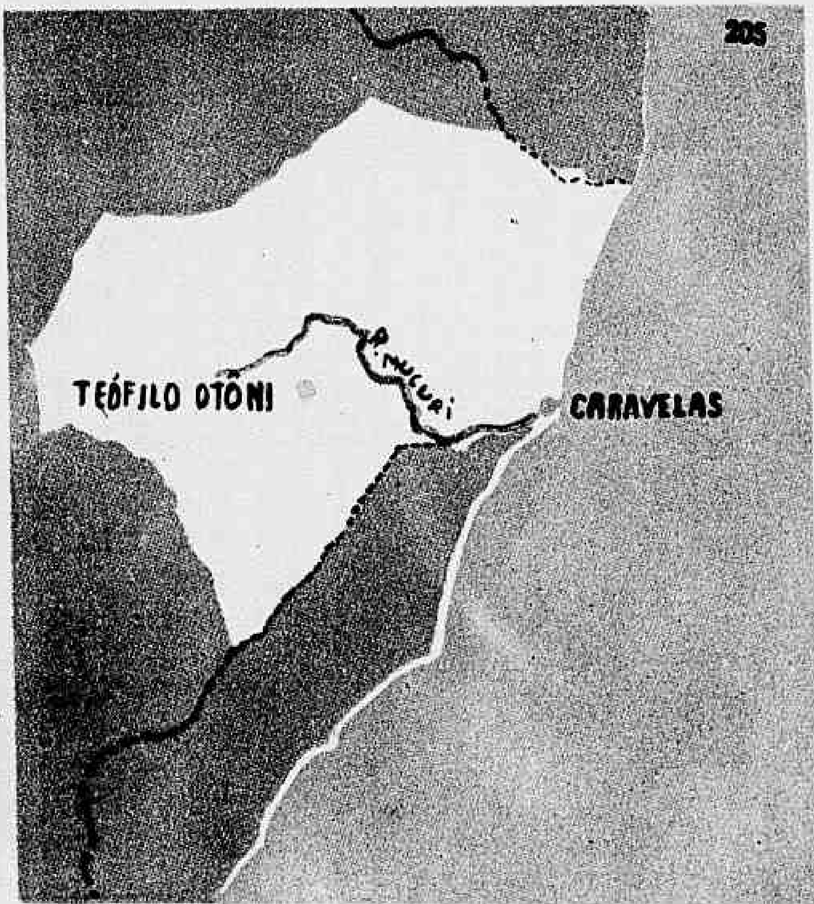
AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

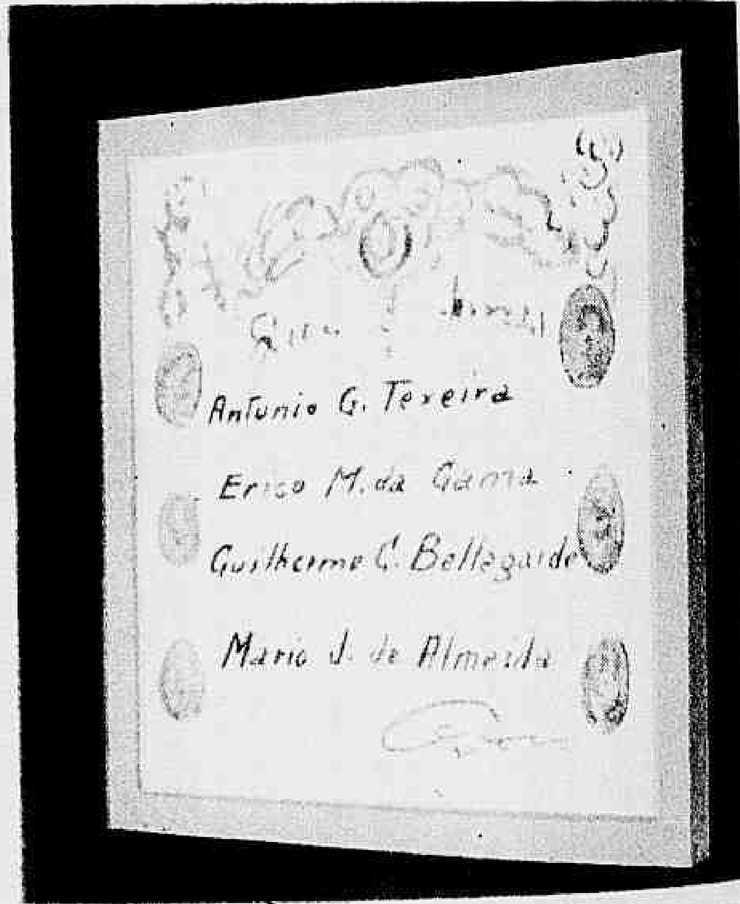
● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.



Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.













9 PEQUENAS PARA um RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIM

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

— Vamos lá? (perguntou meu amigo curioso).

— Vamos.

E como estava divertido nadar em busca dos tais pára-quedas coloridos... mas... quando resolvemos voltar e olhamos em volta... vimos que Deauville se perdia na distância como uma nuvem dourada e os turistas que tomavam sol na areia me pareceram ridículas formiguinhas insignificantes. E o coração parou de bater! Tentamos esboçar um sorriso indiferente, mas creio que não convencemos.

E então comecei a furar as ondas com uma regularidade e precisão cronométrica enquanto repetia para mim mesmo: isto está até divertido e aquêles turistas coloridos estão assim minúsculos por ilusão de ótica... devemos estar a apenas uns cem metros da praia e cem metros não são nada para um bom nadador.

Meu amigo não parecia compartilhar do meu suposto otimismo pois estava rubro de nervoso e bebia água do mar a grandes goles. E êle se debatia sem sair do lugar, como um peixe prêso na rêde.

— Não posso voltar, não consigo (disse êle angustiado).

— Eu também não (respondi tentando consolá-lo).

Comecei a notar que ficava sem fôrças. Então senti uma mão fria agarrar-se ao meu pescoço.

— Hei! (Gritei eu) vamos deixar de intimidades!

— Ajude-me (gemeu êle) estou perdendo as fôrças...

Bem que eu queria ajudá-lo mas êle se agarrava a mim prendendo meus movimentos e, como é de prever, afundamos. Voltamos à tona e afundamos outra vez, e começamos a fazer a linha fundo-superfície. Nada mais era possível, íamos morrer afogados. Uma coisa porém posso afirmar: não me recordava sequer da minha existência. Eu havia aprendido na aula de Filosofia que o homem que sente que se está afogando, vê a sua vida inteira desfilar em sua memória como um filme rapidíssimo; pois muito bem, com a devida permissão e com tôda objetividade posso afirmar que sou autorizadamente contra esta teoria de perigosa verificação.

Como chegamos à praia... isto não sabemos. Um se agarrando ao outro em busca de um amparo nós dançamos sôbre as ondas um «ballet» de morte que, no fim das contas, creio que nos salvou. Nadar, nadar é a solução. Êste é uma espécie de conselho que costumamos dar, cômodamente sentados em uma boa poltrona àqueles que esperam de pé numa fila, isto é, um conselho muito prático quando não é preciso usá-lo. Mas como dizia, com ardor nós procurávamos um jeito de sair daquela situação mas tínhamos a testa molhada de suor e água salgada. Nós já havíamos dançado e esperneado um longo tempo quando percebemos que estávamos num ponto onde dava pé. Paralisados de terror e cansadíssimos sentamos na areia e continuamos na água pouco profunda batendo braços e pernas com gestos frenéticos. Foi então que chegaram os salva-vidas com gestos heróicos. Levantamo-nos pálidos como quem já estêve mais para lá do que para cá e que viu a vida através do buraco da fechadura e quase perdida. Todos nos cercaram solícitos.

— Qual foi o que salvou o outro? (Perguntou um curioso).

— Está vendo? (Falou uma mulher ao marido) eu não disse que êles estavam se afogando? Há muito afogamento por aqui, ainda outro dia...

De dentes cerrados nós nos recusamos a qualquer declaração mesmo aos repórteres do jornal da manhã. E é por isso que não trago uma medalha de mérito por salvamento.

A água aqui estava extraordinàriamente morna e salgada. E eu nadei tranqüilamente em sentido paralelo à praia, esforçando-me para não dar ouvidos aos chamados das minhas dez sereias.

Nestas alturas imagino que todos na praia estariam curiosos por saber quem seria êsse Michel tão chamado, tão solicitado. E continuei nadando em sentido paralelo, não compreendo a mania que muita gente tem de nadar em direção ao horizonte; é o que eu chamo expôr a vida, arriscá-la inùtilmente; alguns o fazem talvez por vaidade para que as pequenas lá da areia comentem:

— Olha aquêle como está longe! Só se pode ver quando as ondas descem... é sim, é aquela manchinha escura lá longe!

— Você está enganada, aquilo é uma gaivota.

Gaivota ou não, o tal nadador em geral não volta mais.

E', mas comigo não. Sinceramente prefiro fazer bonito numa partida de «ping-pong».

— Porque você não veio quando nós chamamos? (perguntaram as meninas quando saí da água). Chamamos e gritamos por você! E eu respondi displicente que por curiosidade estivera explorando o litoral.

— Dali de cima você poderia fàcilmente ver tôda a praia (fala Gisèle).

— Não, por minha parte prefiro os detalhes... um arquiteto, você sabe, gosta destas minúcias.

E fiz ampla dissertação sôbre o ponto de vista de um arquiteto sôbre o assunto. Montenegro me observava com seu olhar calmo e com expressão de intelectual distinto.

Mas eu ainda não apresentei Montenegro, nós o chamamos assim porque o seu nome nos pareceu inteiramente impronunciável a qualquer pessoa de capacidade lingüística média.

Léna nos disse que êle tinha o tipo perfeito do Montenegro, alto, sêco, louro e com expressão de intelectual distinto. Admitamos que todos os Montenegrenses tenham expressão de intelectual distinto. Êste era estudante do Curso Diplomático e do curso de jornalismo de Belgrado e que deduzo devem ser o que há de superior no gênero; e fico imaginando que quando nasce um menino iugoslavo os pais dizem com expressão terna: êle estudará jornalismo e diplomacia! Montenegro é um amigo de Léna e deve tomar o vapor conosco em Rab. Afinal me haviam dado uma chance: eu encontrava um camarada com quem poderia conversar... mas qual... Montenegro não sabe uma palavra de francês! E' extremamente simpático, amável, parece inteligente, prepara-se para a diplomacia e não sabe uma palavra de francês! Qualquer velhinha iugoslava camponesa no trem que viemos sabia falar francês, justamente quando seria mais interessante que não soubesse e continuasse ignorando os comentários deselegantes que fizemos a seu respeito, e justamente êste companheiro com o qual eu contava poder discutir política e automóveis... êste, não sabe! Devo confessar que qualquer uma das meninas teria prazer em lhe ensinar a nossa língua, mas falaremos sôbre isso em outra ocasião, pois, como dizia minha avó, contando nos dedos, e fazendo uso do prestígio prematuro que gozava na família: cada coisa a seu tempo!

Indubitàvelmente nós estávamos fazendo sensação na praia. Talvez devido à coloração particularmente pálida de nossa cútis, esbranquiçada pelo Sena. E no meio daquela multidão de selvagens bronzeados nós éramos como raios de luar (?) em plena manhã. E a conversação então girou em tôrno da

(Cont. na pág. 66)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem arquiteto Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e seus apuros começam aí com os preparativos. No dia da partida pega a mala e corre à estação onde o «organizador» da viagem revela que êle viajará com um grupo de moças e lhe entrega os passaportes das que partem com êle e das que embarcarão nas estações seguintes. E o rapaz se vê às voltas com Catherine, Nicole, Denise, Andrea, Colette... Ao chegarem a Milão o expresso que deveriam tomar já partiu mas resolve a questão com um telefonema para a estação seguinte. Michel avisa também o guia que deve esperá-los em Rijeka. Cruzam com um grupo de turistas que voltam da Iugoslávia muito desanimados. Chegando a Sezana, Michel luta para comprar passagens para Rijeka. Embarcam em outro trem e na estação seguinte temendo a curta permanência aí fazem um desembarque precipitado que traz gargalhadas, pois o trem ficará parado aí horas. Embarcam a seguir num trem cheíssimo e viajam de pé conversando em voz alta e descobrem com pânico que os passageiros entenderam tôdas as críticas e comentários. Chegam a Rijeka! Para espanto de Michel, o guia que os espera aí é também uma moça e é êle quem carrega as malas até a casa onde se hospedarão. Aí como bom cavalheiro, tem de esperar cortêsmente que tôdas as pequenas tomem banho e se arrumem, para então tomar uma ducha geladíssima e quando se apresenta pronto para o almôço as pequenas mudaram de idéia e querem ir à praia nadar... um pouco...

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO LTDA.

Sucessora de L. B. de Almeida & Cia.

DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

BANCOS PARA JARDIM
OFICINA MECANICA EM GERAL
PRENSAS PARA LADRILHOS E ESCRITÓRIO
FOGÕES A GAS E LENHA, MARCA «PROGRESSO»
COLUNAS DE FERRO FUNDIDO PARA ILUMINAÇÃO DE JARDINS

IMPORTADORES DE

Chapas de Ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

★ **MESA-TRONCO: 52-2104** ★

SECÇÃO DE VENDAS	52-2102	SECÇÃO TÉCNICA	52-2103
SECÇÃO DE VENDAS	22-0409	CONTABILIDADE	22-1342
EXPEDIÇÃO	22-1584	GERÊNCIA	22-2549

Rua dos Arcos, 28/42

RIO DE JANEIRO

Há quasi
UM SÉCULO
Milhares de homens em todo o Brasil preferem êste calçado

AGORA elegantes modêlos em sola fina

Calçado **SOUTO**

Confôrto máximo
Garantia absoluta

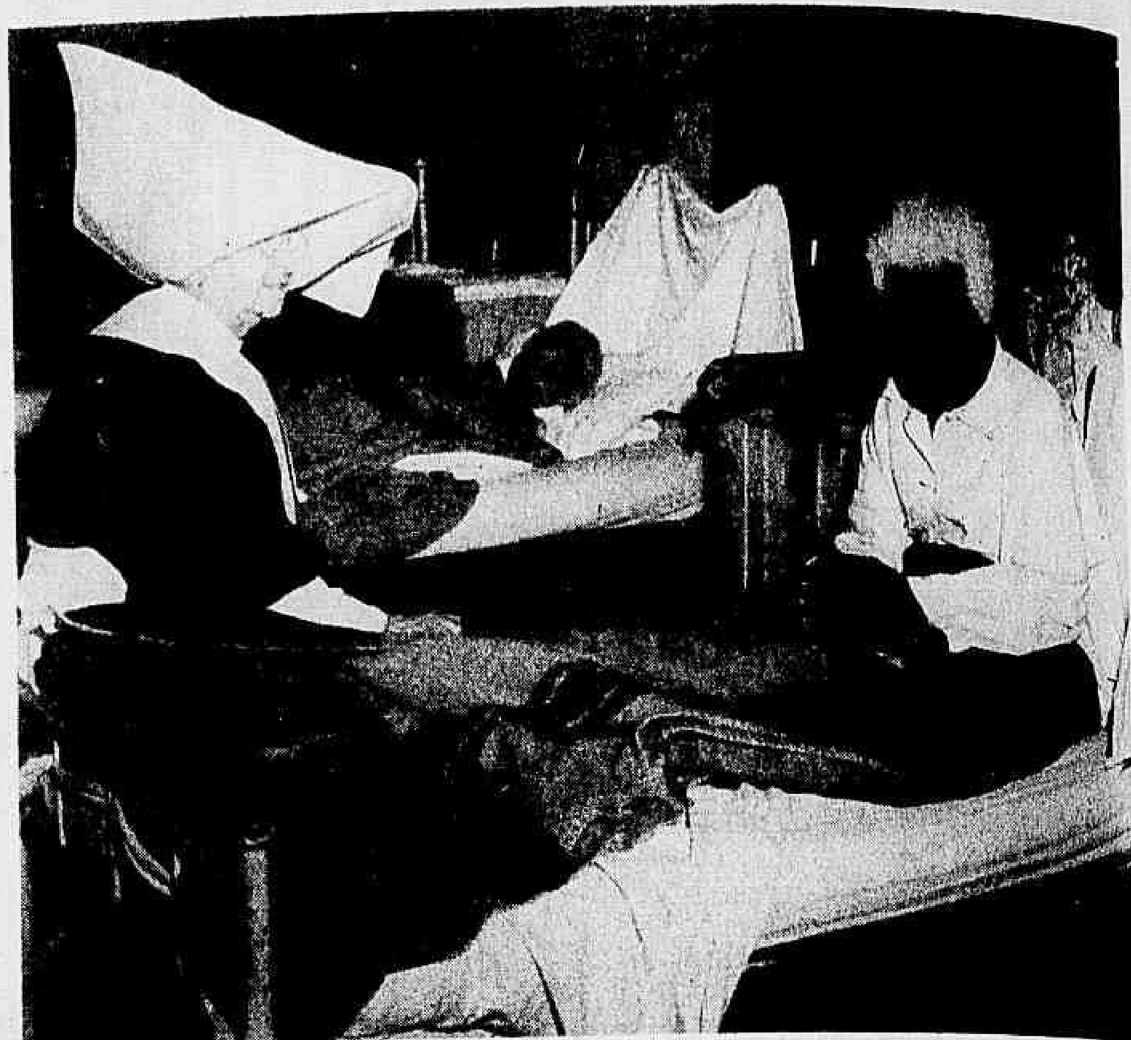
COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 - S. Paulo
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



DOCE REGAÇO DAS VELHINHAS...

O ASILO SANTA MARIA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA



DOCE e puro regaço das velhinhas! Teria que sê-lo assim não fôra honrar-se ali a sublime invocação da «Rainha» que ofertou ao mundo o «Salvador» da humanidade!

Escrevamos, pois, com emoção, o nome da vetusta casa, onde a Irmandade da Misericórdia cadastra mais um feito nos seculares anais de sua benemerência: — Asilo de Santa Maria.

Deparara-se-nos nessa casa bucólica, agarrada a escarpa da montanha, autêntico paradoxo: — a luz da mais bela claridade no anoitecer das vidas que se fortalecem na crença das leis do Senhor e na paz das consciências!

Magnífico espetáculo!

Oitenta leitos, tão alvos quanto a neve, circundados por mezinhas com os apetrechos adequados à distração: agulhas, carretéis, novelos, paninhos, tudo, enfim, que ajuda a passagem misteriosa do tempo, no descanço do trabalho que não fatiga, antes coopera a vitalidade.

E, nas horas dos lazeres, esvoaçam naqueles cérebros sãos recordações do passado!

Surgem as ilusões da mocidade, menos valiosas que a bonança da velhice!

E tôdas elas, as meigas oitenta valetudinárias confraternizam sob as vistas amáveis das edificantes doutoras do espírito: as Irmãs de Caridade!

Lá fora restaram as competições do mundo e elas poderiam repetir os versos de Lamartine:

«Mon coeuer est un répos, mon âme est un silence;
Le bruit lointain du monde expire en arrivant,
Comme un son éloigné qu'affaiblit la distance,
A l'oreille incertaine apporté par le vent.

● Cambiam, não raro, histórias de suas vidas. Grandes histórias!... São romances ocultos, talvez épicos e dolorosos, — quem sabe?

Mas, há nelas um viço que não extingue, antes se retempera. — E' a flâmula da religião.

Nas horas sacras da «Ave Maria», lá estão, contritas, com seus rosários, recitando, com unção, o verbo divino das orações! Há mãos trêmulas, fisionomias austeras que bem demandariam novas telas de um Rafael ou Miguel Angelo!

Chega o Natal, o dia imenso que nos recorda a data maior da humanidade cristã. Nessa data, a superior administração da Casa da Misericórdia envia delicados mimos as doces velhinhas do Asilo Santa Maria.

As religiosas, sob o comando da Irmã Andrada, a Superiora, percorrem o salão, apontando a cada uma das asiladas o presente que lhes coube.

E' assim a Santa Casa!

Bendita seja para sempre a Misericórdia!

Louvados os homens que a orientam!

O Provedor, ministro Lafayette de Andrade, é ali o legislador máximo da Caridade!

Raros tão atentos e solícitos as agruras do próximo, tendo sempre nos lábios o «sim» que aporta a ventura aos desafortunados. Grande homem!

Doce e puro regaço das velhinhas!

Seja Deus onipotente protetor da eterna Casa da Misericórdia!

de paris

a expressão máxima para o verão

"Silhouette Agile"

Organdi

PARAMOUNT

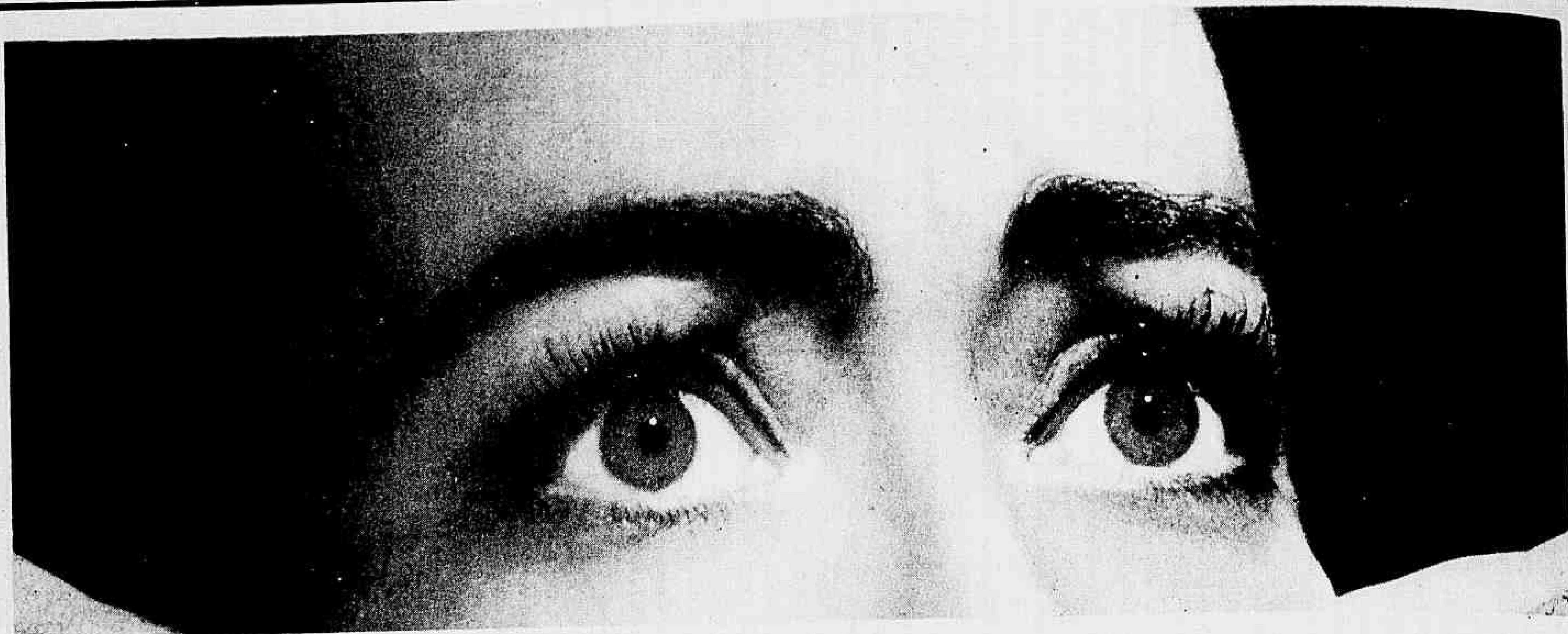
Paris se expressa na linguagem sutil das flôres... na leveza dos tecidos... numa silhueta ágil, que passa pelos olhos como dádiva divina. Assim é a moda parisiense para a primavera e o verão. Vaporosa, irradiante de vida e de côres, na composição de uma elegância única, que só um tecido de fina textura, leve, armado, como o Organdi Permanente Paramount pode compôr. Organdi Permanente Paramount em côres e desenhos modernos, mais um motivo de encanto para o verão brasileiro.



ORGANDI PERMANENTE PARAMOUNT

Um produto da **INDÚSTRIA DE TECIDOS PARAMOUNT S. A.**

À venda nas boas Casas do Ramo — Exija na ourela a marca Paramount



JOAN CRAWFORD e os seus vinte e cinco anos de glória

JOAN Crawford, «La Crawford», a Grande Crawford. Até os mais distraídos em matéria de cinema a conhecem. Ex-corista e ex-«flapper» («melindrosa» na terminologia da época), hoje, com 45 anos de idade, está transformada numa excelente atriz dramática e consegue manter ainda o seu lugar entre as mulheres reputadas mais belas de Hollywood.

Sorrindo com aquela sua bôca larga — que baniu da face das mulheres as boquinhas em coração — Joan revela seu segrêdo: «Muito simples. Tão simples que talvez não me acreditem, mas é verdade. Procuro não me preocupar, não olhar para trás, não lamentar os erros que cometi e que, provàvelmente, tornaria a cometer, dadas as circunstâncias».

Mas Joan tinha razão. Seu segrêdo parecia por demais simples, por isto, foi-lhe feita outra pergunta, a que respondeu: «Cremes e cosméticos? Sim, uso-os, naturalmente, como qualquer outra mulher. Mas não bastam. Que me

O segrêdo da grande artista: "Não se preocupar" ★ Aos 45 anos de idade, "La" Crawford deixa na sombra muita "starlet" promissora e rouba o público de muita "estrêla" jovem ★ Começou como bailarina e hoje é uma das grandes trágicas do cinema mundial.

Reportagem de T. MORAES

acreditem: a paz de espírito e a despreocupação constituem os maiores amigos da beleza feminina».

O sucesso do método que empregou, seja êste ou aquêle, é visível. Está na própria figura da atriz. E, realmente, quer-nos parecer que a receita utilizada foi essa mesma. Pelo menos, a grande «estrêla» vive calmamente, na tranqüilidade do lar, cercada por quatro filhos adotivos e bem pouco preocupada com sua carreira, embora bastante interessada pela mesma.

O INÍCIO

No entanto, as coisas não lhe correram tão fàcilmente desde o comêço. Nascida em Santo Antônio, no Texas, em 1908, chamava-se verdadeiramente Guglielmina Cassin. Aos 17 anos estreou em Kansas City, como corista, sob o nome de Lucille Le Sueur. Sòmente depois disto imigrou para Wollywood, onde não tardou em conquistar o seu lugar ao lado das grandes «estrêlas» da ocasião: Garbo, Dietrich, Bette Davis.

Mas não se limitou à sua arte. Apesar de só ter tido o benefício do ensino primário, estuda constantemente, e é uma grande devoradora de livros, coisa rara em Hollywood.





Cercada de seus quatro filhos adotivos, Christopher de 10 anos, Cathy de 6, Cindy também de 6, e Christina de 13 anos, que a foram visitar durante a filmagem de «Torch Song». Em 1925, Joan (a segunda à esquerda) fazia parte de um «show», em Kansas City. Mas, sendo o espetáculo considerado imoral, tôdas as coristas foram prêsas. Êste incidente, paradoxalmente, foi um fator decisivo na carreira de Joan Crawford, que teve assim seu retrato publicado nas colunas policiais dos jornais norte-americanos, chamando, por isso a atenção dos «olheiros» de Hollywood. E assim, obteve logo em seguida, um contrato cinematográfico.



Joan, aos dez anos de idade, em companhia de sua mãe, de origem mexicana, de onde se explica o temperamento da atriz, o seu ciúme e os três divórcios.



Aprecia os autores franceses — principalmente Voltaire — que lê no original, pois estudou e aprendeu o idioma sòzinha. Alguns trechos de suas leituras são anotados num caderno especial, de capa de couro.

MARIDOS

Quando se referiu aos erros cometidos em sua vida, provàvelmente ocorreram-lhe algumas de suas visitas à Pretoria. A primeira delas foi em 1929, quando desposou Douglas Fairbanks Júnior, apesar do snobismo da família do noivo, que não viu com bons olhos a aliança. Assim mesmo o casamento durou quatro anos, e até agora os dois são muito amigos.

O segundo engano — ou marido — foi cometido em seguida, com Franchot Tone. Mas desta vez o divórcio não se fêz esperar. E, em 1940, surgiu o terceiro êrro cometido, na figura de Philip Terry. Mas nunca é tarde para reparar um mal, assim, divorciaram-se em 1945.

Joan Crawford é uma mulher com a cabeça no lugar e de idéias claras. Se, como ela disse acima, a preocupação é uma coisa prejudicial, foi isto mesmo que ela quis dizer. E baseada nisto, declarou que jamais tornaria a se casar. Disse e fêz. Os homens, ao que tudo indica, perturbavam a sua paz de espírito, tão indispensável à conservação da beleza!



O primeiro casamento, em 1929, com Douglas Fairbanks Júnior, terminou quatro anos depois. Os ex-esposos, no entanto, continuam bons amigos até hoje. Douglas Fairbanks Júnior, apesar de todo seu talento, não conseguiu alcançar a glória de seu pai.



O segundo casamento, que também durou quatro anos, foi com o ator Franchot Tone. Nesta época, Joan já se encontrava no auge da sua carreira, e com isso passara a ser considerada uma das mulheres mais elegantes da ambicionada Hollywood.



Um advogado, Philip Terry, foi o terceiro marido de Joan Crawford. O casamento, porém, durou pouco, e no divórcio Joan alegou crueldade mental por parte do marido. Com seus insucessos nupcias, adotou logo em seguida, Christina e Christopher.

o natal em todo o mundo

NOS primeiros tempos do cristianismo não era o Natal a festa religiosa mais importante. A Páscoa e Pentecostes eram comemoradas com mais solenidade, e o nascimento de Cristo festejado na Epifania — em 6 de janeiro, como ainda se uso no Oriente. Foi em meados do século IV que a festa de Natal — em 25 de dezembro — começou a ser celebrada com pompa. Històricamente, o 25 de dezembro não corresponde ao dia do nascimento de Cristo. Segundo São Clemente de Alexandria foi em 18 de novembro que veio à terra o salvador dos homens, e segundo outras fontes históricas, o 20 de maio e 2 de abril, têm muito mais probabilidade de serem o dia verdadeiro do nascimento de Cristo, do que o Natal.

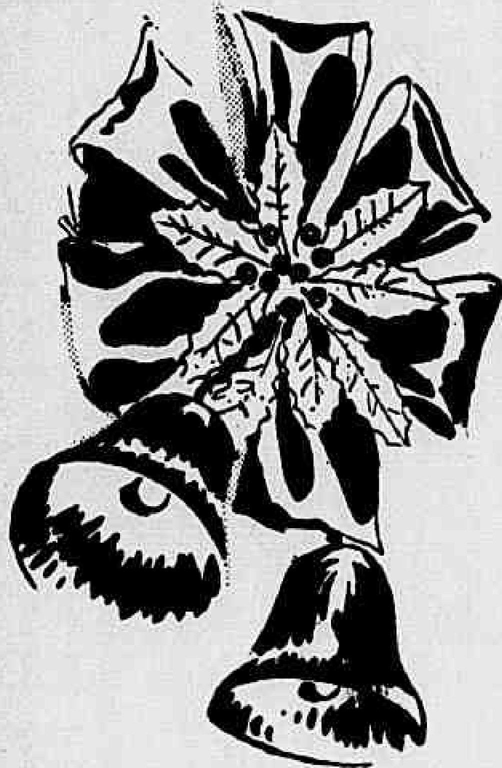
No entanto, em 25 de dezembro comemorava-se em Roma — que ainda era a capital do mundo — as festas do solstício de inverno, com cerimônias pagãs. Natural era que a Igreja quisesse contrapor a êsse culto uma festa cristã, a maior de tôdas, festejando nessa mesma data o nascimento de Jesus.

Muitos costumes do Natal atual derivam, pois, das festividades pagãs, em homenagem ao Sol. O uso de muita iluminação, de velas e de archotes tem essa origem. Lendas e tradições se transformaram e se criaram em tôrno dessa data, passaram de pais para pais, adaptaram-se, segundo o caráter diferente de cada povo.



O Natal, representado num quadro do pintor chinês Lu-Humg-Nien. Note-se que todos os personagens têm fisionomia oriental.

Uma das lendas mais curiosas, muito conhecida nos países da Europa onde o Natal se passa em meio à neve é que, nessa noite maravilhosa, as árvores florescem e se cobrem de frutos, dos rios corre vinho e azeite, os animais falam, os anos se ajoelham e os chifres dos bois se iluminam. Naturalmente, ninguém pode ver essas maravilhas, pois se as visse morreria imediatamente, e a morte assim, nesse dia, é considerada pela lenda uma felicidade.



★ O PRESÉPIO

O presépio teria surgido na Itália, e, segundo a tradição, foi São Francisco quem armou o primeiro. Talvez fôsse inspirado pelos quadros e pinturas mostrando o nascimento de Cristo. Também a êsse santo se deve a introdução de cantos religiosos nas festas de Natal, sendo que, êle próprio, deixou muitos cantos escritos em latim litúrgico e popular. A descrição de como se deu o nascimento de Cristo encontra-se nos chamados evangelhos apócrifos — pois nos quatro evangelhos reconhecidos pela Igreja poucas frases assinalam o importante evento.

★ A ÁRVORE

A árvore de Natal, segundo a lenda, recordaria a outra árvore que nascera na bôca de Adão, depois de sua morte e da qual fôra feito a cruz de Cristo.

A árvore de Natal em sua concepção atual teria surgido na Alemanha, lá pelo século VIII — e foi devida ao missionário inglês, São Bonifácio. Substituiria a árvore de carvalho, em baixo da qual os pagãos rendiam homenagem ao seu deus Odin, com sacrifício de animais. Outra tradição, cara aos protestantes, quer que tenha sido Lutero o primeiro a armar uma árvore de Natal, repetindo com as velas acesas a visão magnífica de uma noite estrelada.

O fato é que, da Alemanha, a árvore se espalhou em todos os países da Europa e do Mundo. Foi levada à Inglaterra pelo príncipe Alberto que era alemão de nascimento, e a primeira foi armada no primeiro Natal que êle passou com sua espôsa, a Rainha Vitória. Para as Américas veio trazida pelos emigrantes de tôdas as regiões da Europa.

★ SÃO NICOLAU E SANTA LUZIA

O velhinho de barbas brancas que traz os brinquedos para as crianças ajuizadas representa São Nicolau — taumaturgo e bispo de Mirra, do século IV. O dia de São Nicolau é o 6 de dezembro e na Bélgica e Holanda nessa data é que as crianças recebem seus presentes, sendo o 25 reservado para a ceia dos adultos e as comemorações religiosas. Na Holanda deixa-se fora de casa um monte de feno para o cavalo branco de São Nicolau se alimentar, enquanto o velhinho distribui os presentes.

Já na Suécia e nos Países Escandinavos festeja-se Santa Luzia (13 de dezembro) e nesse dia são as crianças presenteadas. Também nos países nórdicos são homenageados, nesse dia, os animais, com guloseimas especiais, em lembrança daqueles que adoraram Jesus na gruta de Belém. Nos campos se espalha, também, comida para os passarinhos.

★ NO BRASIL

Ainda que seja uma incongruência, a idéia do frio e da neve foi conservada nas comemorações natalícias, no Brasil. O Natal aqui coincide com uma das épocas mais quentes do ano, mas aí estão a neve de algodão e o velhinho vestido de lã, com barba de neve. Já houve quem tentasse substituir o nosso Papai Noel por uma personagem mais brasileira — o vovô Índio — porém, êsse último não tinha tradição e uma tradição não se cria de um momento para o outro. Ficou Papai Noel, ficou a neve, e ficou o presépio, como contribuições dos nossos antepassados portuguêses e dos muitos nossos antepassados de tôdas as nacionalidades. **L. J.**

Um pouco de Beleza



PENTEADOS

● Não se nota uma mudança muito grande nos últimos estilos de penteados apresentados pelos grandes salões de Paris, New York e Londres. No entanto, pode-se destacar certos detalhes, que caracterizarão a nova temporada elegante. O corte muito curto, estilo masculino, já passou de moda. Em vez dêle, atualmente, os cabelos, mesmo quando curtos, são penteados de forma a parecerem um pouco mais compridos. Isso se consegue, em geral, ajeitando-se os cabelos da raiz para o alto da cabeça, ou formando coques postiços.

A nuca, na maioria dos estilos apresentados, fica a descoberto, sugerindo em alguns a linha de penteado usada na antiga Grécia, e representada nas esculturas e baixos relevos da antiguidade clássica. Para manter os cabelos assentados, nesses novos estilos de penteados para cima, Barbara Hale (que atualmente trabalha para a Warner) dá o seu conselho: molhar os cabelos com água e açúcar — uma colher das de sôpa de açúcar para cada copo dágua.



PERFUMES

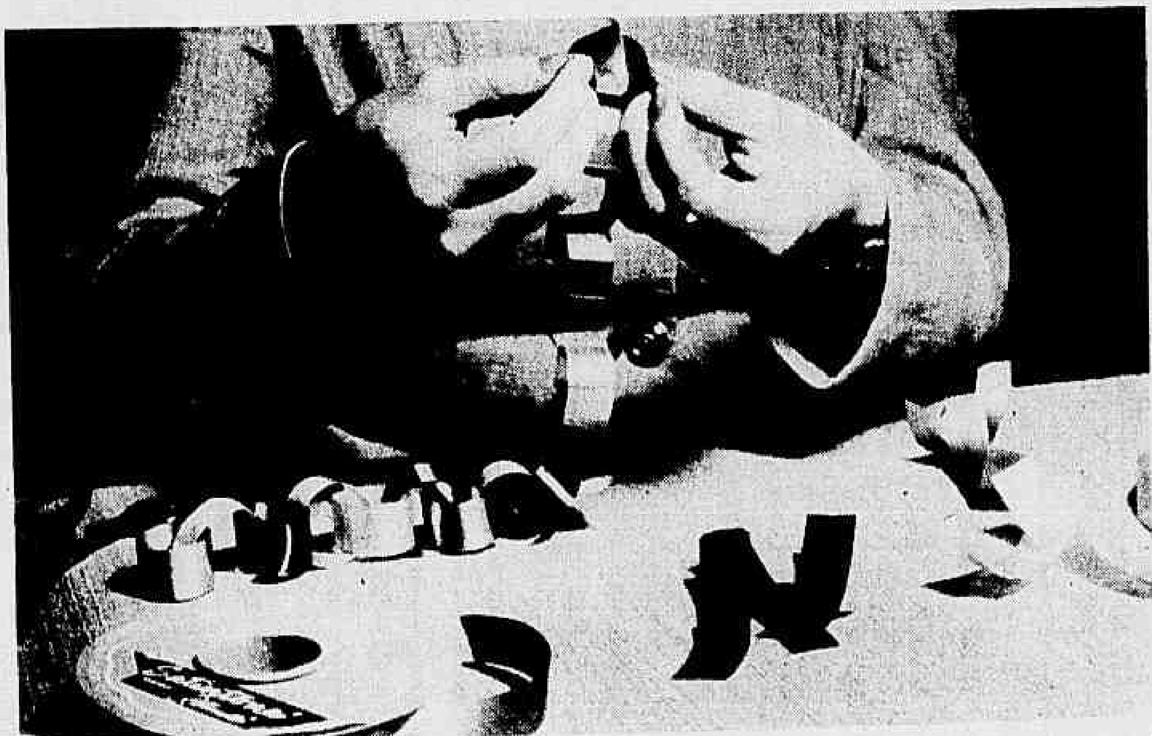
● O perfume aumenta o fascínio da mulher, pois acrescenta mais um motivo de agradável encantamento as já muitas e belas qualidades femininas.

Constitui parte essencial da elegância de mulher de bom gôsto, e de sua personalidade. Por isso o perfume deve ser escolhido com esmero, e nunca se deve usar mais de duas essências diferentes (uma para de dia outra para a noite — ou uma para o verão e outra para o inverno). O melhor, mesmo, é usar apenas o seu perfume preferido, para que sua presença seja cada vez mais caracterizada). Agora, com a época das festas, você terá oportunidade de ganhar, entre outras coisas, vidros de perfumes. Faça com que lhe dêem aquêle que realmente é o que você costuma usar, ou, havendo jeito, troque o perfume que «não vai com o seu temperamento».

Procure ter sòmente um vidro aberto, para que não se evole a essência. Existem qualidades que se tornam mais agradáveis quando passado muito tempo da época do enfrascamento, outras, que, ao contrário, perdem muito quando envelhecidas. Estude o seu perfume e saiba tirar dêle o melhor proveito.

PARA OS OLHOS CANSADOS

Quando, durante o dia, se fixa a vista em determinado trabalho, ou quando se trabalha muito tempo sob luz artificial, os olhos adquirem aspectos cansados e mortiços. Quando se tem que ir a uma festa à noite, é de desanimar a aparência que adquire a fisionomia com olhos tão pouco brilhantes. Para que fiquem outra vez vivos e com aspecto de repousados — use compressas de chá muito forte ou de camomila. Aplique-as, durante uns quinze minutos, sôbre as pálpebras fechadas.





Festões para árvore de Natal

O Natal está às portas e você anda pensando em como adornar — de maneira original e vistosa — a sua árvore. As tiras de festões que se encontram no comércio êste ano estão por um preço muito alto e você não se anima a adquiri-las em grande escala. Poderá, porém, você mesma, ajudada pelas crianças, confeccionar uma série de festões muito bonitos, em papéis metálicos coloridos. As tiras poderão ser adquiridas já cortadas, em rolos, ou, então, compre o papel em fôlha e corte as tiras bem regulares, que lhes sairão ainda mais econômicas.

Os festões, em corrente, são montados elo por elo, como se vê em detalhe numa das fotografias. Cada elo deve ser bem colado, trabalho que requer um pouco de paciência.

Os festões poderão ser dourados ou prateados, ou em côres de várias tonalidades, deverão ser colocados na árvore antes de pendurar os outros enfeites. — NICK

Mudanças
LOCAL OU LONGA DISTANCIA!
GUARDA-MOVEIS GATO-PRETO
TEL. 26-8899
R. DA PASSAGEM, 120
A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÊNERO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE......................
ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Fábrica de Canos de Chumbo

METAS: Linotipo - Monotipo - Estereotipo - Anti-Fricção (Patentes), etc.

S. CRIVANO FILHO

Telefone 48-5630
Escritório e Fábrica:
RUA ANTUNES MACIEL, 25-25-A
Rio de Janeiro

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

RESPOSTAS DA PAGINA 18

1 — Belém. 2 — Herodes. 3 — Nascimento. 4 — Pelo Natal. 5 — Augusto. 6 — França. 7 — Papai Natal. — 8 — Vovô Índio. 9 — Do seu nascimento. 10 — Belém. 11 — Oito. 12 — Judaica. 13 — Júlio I (século IV).

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender e aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO
Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de S. Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDEREÇO ....
CIDADE .... ESTADO..........

WEEK-END na Cozinha

Para o Natal, apresentamos hoje duas receitas tradicionalmente natalícias: a "rôsca" com frutas cristalizadas, e o "Rabo-de-Galo" (ou "eggnog" dos norte-americanos) — geladinho como convém ao nosso clima. — TIA DULCE

RÔSCA DE NATAL

● **INGREDIENTES**

- 1/4 de xícara de manteiga ou margarina (para untar a fôrma)
- 1/2 xícara de açúcar
- 2 colheres das de sopa de água
- 1/4 de xícara de cerejas em calda (partidas ao meio)
- 1/4 de xícara de cidra cristalizada (em tirinhas)
- 1 3/4 de xícara de farinha de trigo peneirada
- 3 colheres, das de chá, de fermento em pó
- 1/2 colher, das de chá, de sal
- 1/2 xícara de farinha de trigo integral
- 4 colheres, das de sopa, de manteiga ou margarina (para a massa)
- 2/3 de xícara de leite
- 2 colheres, das de sopa, de manteiga derretida (para pincelar a rôsca)
- 1/2 xícara de açúcar prêto
- 1 colher, das de chá, de canela em pó
- 1/4 de xícara de abacaxi cristalizado (em pedacinhos)

● **MANEIRA DE FAZER**

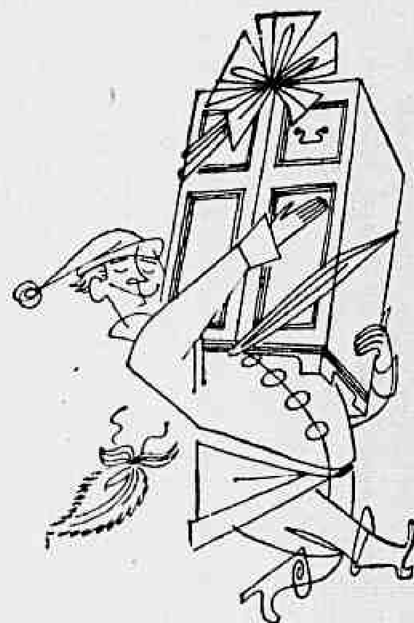
1. **Espalhe 1/4 de xícara de manteiga ou margarina no fundo e nos lados de uma fôrma em anel. Salpique o açúcar por cima da manteiga e, depois, as 2 colheres das de sopa de água. Arrume no fundo as cerejas e as tirinhas de cidra, de modo a parecer uma guirlanda. Deixe repousar, enquanto prepara a massa.**

2. **Peneire a farinha de trigo com o fermento em pó e o sal. Acrescente e misture a farinha de trigo integral e depois as 4 colheres das de sopa de manteiga ou margarina.**

3. **Adicione o leite, mexendo bem até a massa ficar macia. Ponha numa tábua enfarinhada e sove a massa durante 1 minuto. Abra com o rôlo, formando um retângulo de 15 centímetros mais ou menos com 1 centímetro de espessura.**

4. **Pincele com a manteiga derretida e salpique com açúcar prêto, canela e pedacinhos de abacaxi. Enrole, como se fôsse rocambole, e corte em 12 fatias. Coloque essas fatias na fôrma, uma junto à outra, com o lado cortado para baixo.**

5. **Asse em forno prèviamente aquecido, durante 35 minutos. Depois de tirar do forno deixe descansar alguns minutos antes de virar no prato o bôlo. Enfeite o centro da rôsca com raminhos de «gui» ou de pinheiro, ou com bolas coloridas.**



RABO DE GALO

RECEITA PARA 20 DOSES

● **INGREDIENTES**

12 gemas de ovos
250 gramas de açúcar
2 litros de leite
100 gramas de rum de Pôrto Rico
1 litro de creme de leite

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Bata as gemas de ôvo no liqüidificador (ou no batedor de bôlo), para que fiquem bem fofas. Adicione o açúcar, aos poucos, e continue a bater, até a massa ficar esbranquiçada. Junte o leite e o rum, e, depois, deixe descansar por 3 horas na geladeira para gelar.**

2. **Ponha na poncheira, misture o creme de leite batido, e coloque novamente no refrigerador, por mais 1 hora. Antes de servir espalhe por cima um pouco de noz-moscada em pó.**



IDÉIAS PARA O NATAL

★ *Enfeite suas janelas com festões coloridos ou prateados, na época festiva do Natal. Arrume os festões em diagonal, em várias filas cruzadas. Será uma ornamentação fácil de ser feita e muito bonita.*

★ *Uma coroa de pinheiro, com um grande laço de fita vermelha, na porta de entrada de seu apartamento ou de sua casa, dará as boas vindas a todos aquêles que forem visitá-la no Natal e fim de ano.*

★ *Bolas brilhantes, dependuradas da sanefa da janela da frente, com umas longas fitas vermelhas, será outra idéia para a ornamentação da sala, para a ceia do dia 25.*

★ *Para o centro da mesa, use seus dois castiçais de prata ou de cristal. Arrume-os sôbre um espelho de mesa, redondo ou retangular, com ramos de pinheiro em volta, amarrados com uma fita vermelha, ou tiras prateadas.*

★ *Coloque o seu pinheirinho na sala de entrada, sem enfeite nenhum. Vá pendurando os cartões de boas festas que receber, assim que chegarem, amarrando-os com lacinhos de fita ou nas mais diversas côres.*

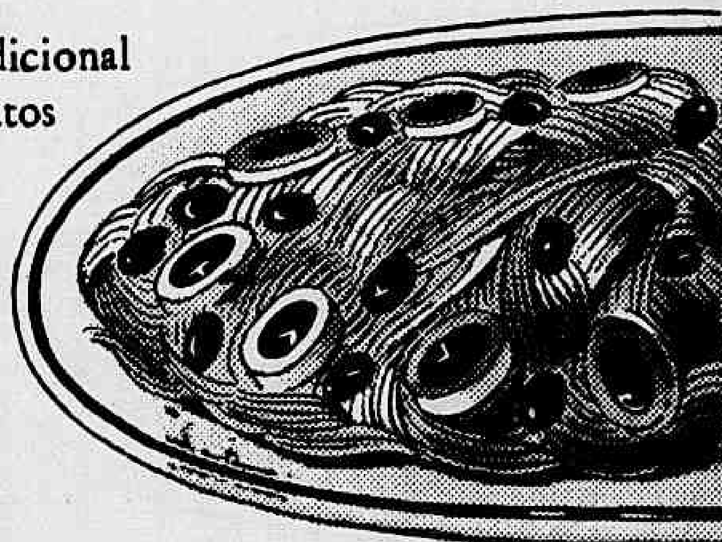
—Macarrão qualquer um faz...



...mas você sabe que não é qualquer macarrão que proporciona uma boa macarronada. O grande segrêdo está na qualidade da massa, como a Aymoré, cuidadosamente preparada e empacotada de forma a conservar seu sabor original.

Ao adquirir massa lembre-se da tradicional qualidade dos produtos





AYMORÉ

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE

Bolos, Biscoutos e Mingaus de

CREME DE MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado. Alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos.



Na última exposição de desenho e pintura realizada pela escola, estas meninas observam melhor os seus trabalhos.

● *A Escolinha de Arte da Biblioteca Castro Alves foi a primeira iniciativa que se fêz, no Brasil, intentando libertar a criança dos obsoletos métodos pedagógicos fundados à base da autoridade absoluta do professor sôbre os alunos.*

Esta reportagem não é bem o relato objetivo das atividades desta Escola, mas um hino em louvor de sua equipe de professôres, os primeiros entre nós a reivindicar a eficiência das conquistas da moderna psicologia infantil, à exemplo do que já vinha realizando a educadora suiça Helena Antipoff na Fazenda Rosário, em Belo Horizonte, e na Sociedade Pestalozzi, no Rio de Janeiro.

A exposição que se segue é a reprodução livre de uma conversa que tivemos com a srta. Lúcia Alencastro Guimarães, atual diretora da Escolinha de Arte.

Identificado com as crianças, Augusto Rodrigues considera com algumas delas a excelência de uma combinação de côres.

A ESCOLINHA é como um conto de Andersen

As vocações infantis desabrocham livres e inesperadas como as flores ★ A professôra Lúcia Alencastro Guimarães: «Não é objetivo desta escola estimular vaidades, mas desenvolver nas crianças tôda a fôrça do seu poder criador ★ A criança descobre em cada côr e em cada traço um sortilégio novo, e os desenhos nascem como inesperadas e mágicas invenções.

Reportagem de MÁRIO AUGUSTO

Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA

MARAVILHOSA DE UM POETA E DE UM PINTOR



No segundo andar do edifício do IPASE, próximo à Cinelândia, o pintor Augusto Rodrigues, com o auxílio de algumas professôras, construiu uma escola para crianças, cuja história poderá ser mais tarde compilada junto com os contos de Andersen, mais ou menos assim:

Era uma vez um rapaz chamado Augusto Rodrigues para quem o mundo estava sendo mal ensinado às crianças. No país em que êle morava, certa vez apareceu um poeta argentino que vivia de fazer teatrinho de títeres nas praças e jardins das cidades. O poeta Javier Villafene era também um homem fabuloso e as suas demonstrações, dirigidas sobretudo para as crianças, conseguiam criar uma atmosfera de encantamento e de magia que os meninos, sugestionados pelos passes mirabolantes dos títeres, sentiam fôrças para traduzir em desenhos as emoções de que estavam possuídos. Quando o poeta saía de uma cidade para outra, viajando em carroça, barco ou lombo de burrico, deixava nas crianças uma saudade imensa daqueles instantes que eram como que a projeção de seus próprios mundos interiores.

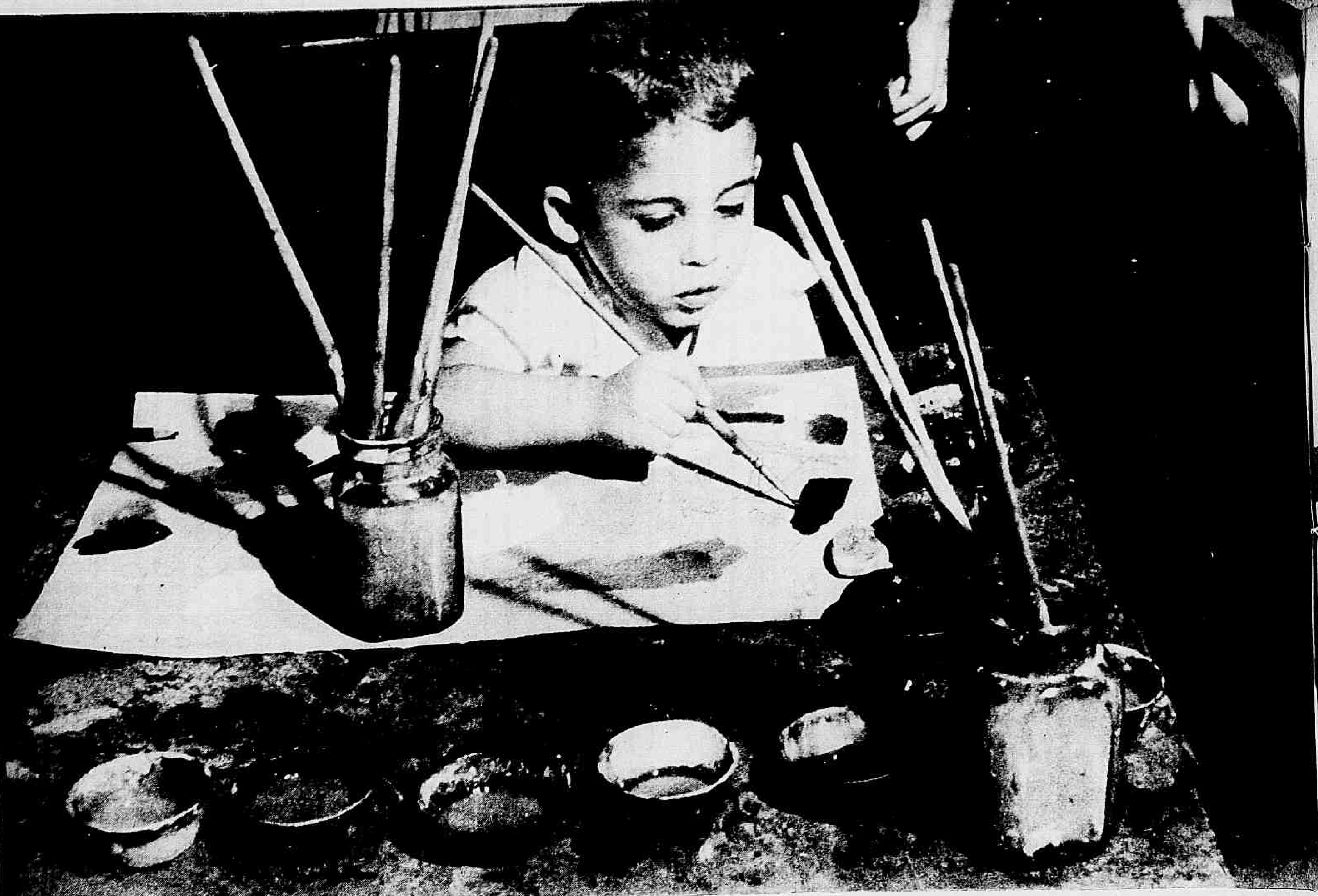
Longo tempo Augusto Rodrigues meditou num meio de fazer com que êsses instantes de encantamento não desaparecessem da vida das crianças. Meditou, por exemplo, na possibilidade de que todos os professôres de sua terra fôssem como o poeta Javier Villafene, de coração suave e aberto à compreensão das crianças. Meditou mais — baseado nas experiências realizadas em outros países — que era preciso não substituir abruptamente êsse mundo feérico das crianças pelas verificações da ciência adulta, pois essa troca violenta viria alterar profundamente a personalidade da criança que é, por natureza, **tenra como uma haste de flor**, como dizem os Evangelhos.

Feito isso, concluiu que se impunha formular e pôr em prática um método de ensino cuja validade repousasse na eficiência com que permitisse à criança dominar por si mesma êsse mundo feérico que é o seu coeficiente emocional, dando às suas próprias visões e encantamentos uma ordenação harmoniosa que a colocasse em condições de aprender o sentido definitivo do mundo real, de adultos.

O NASCIMENTO DA ESCOLINHA

Um dia, era no mês de maio de 1948, Augusto Rodrigues conseguiu reunir, com a cooperação de alguns amigos, um grupo de 10 crianças com o qual inaugurou êsse método de ensino destinado a revelar aos alunos as possibilidades de que eram donos para trabalharem com formas de expressão, sem nenhuma interferência exterior. No princípio, os meninos se surpreendiam de ver que aquilo não era bem uma escola, já que se assemelhava mais a um passa-tempo do outro mundo... Êles dispunham de material para o trabalho, restringido no início sòmente ao desenho e à pintura. Nenhum, entretanto, era obrigado a trabalhar e tanto podia dispor de sua liberdade para encher um papel com borrões ininteligíveis, para nós, como para cantar, ouvir histórias ou planos dos próprios professôres.

A essas dez crianças, outras dez e mais outras foram-se juntando com o correr dos dias, cada vez mais confirmando os promotores da



escola na sua grande mágica: tomar a validade do mundo das crianças e fazer com que, nêle, elas se sentissem adultas. Muitas professôras enganjaram-se à cruzada, auxiliando decisivamente para a imposição de uma nova concepção pedagógica. Eram as professôras Ciléa de Campos Ferdes, Heloísa Fenelon Costa, Irene Barnass, Irene Ermel, Ivete Vasconcelos, Lizete Almeida, Lúcia Alencastro Guimarães, Marieta Masson Jaques, Marta Diaz Lops, Salli Goldemberg, Ana Rabin, e muitas outras que foram vindo depois.

Pessoas que vinham de outras cidades, como Pôrto Alegre, Fortaleza, Recife, Belo Horizonte ou Cachoeiro de Itapemirim, entuziamavam-se com essa experiência e iam fundar, em suas terras, outros núcleos de educação infantil, inspirados no trabalho de Augusto Rodrigues e de suas amigas. Hoje, continua a crescer o número de adeptos e simpatizantes dêsse novo método de convivência com as crianças, tornando mais provável a idéia de que um dia os professôres se tornem para os meninos assim como era o poeta e titereiro Javier Villafene.

AS CRIANÇAS

Sustentadas, assim, por essa compreensão, as crianças passaram a usufruir de uma nova condição como estudantes. Passaram a enfrentar os professôres não mais como pessoas superiores que lhes viessem impor uma explicação do mundo a que cumpria se submeterem, embora sentissem que essa explicação muitas vêzes falsificava ou ignorava o mundo que elas mesmas percebiam. O resultado da aversão que as crianças sentem pelas escolas tradicionais, resulta dêsse choque de experiências entre alunos e professôres. Choque êsse que Augusto Rodrigues e suas companheiras procuraram anular através de uma identificação com as crianças, o que possibilitou irem descobrindo «juntos» uma nova forma, uma nova combinação de côres, um mundo novo, enfim.

As reuniões, por outro lado, não se limitaram apenas ao salão do primeiro andar do edifício do IPASE. Passeios e excursões são constan-



Levantar com um pé pedaços de papel e apanhá-los com as mãos, é exercício que desenvolve atenção e agilidade.

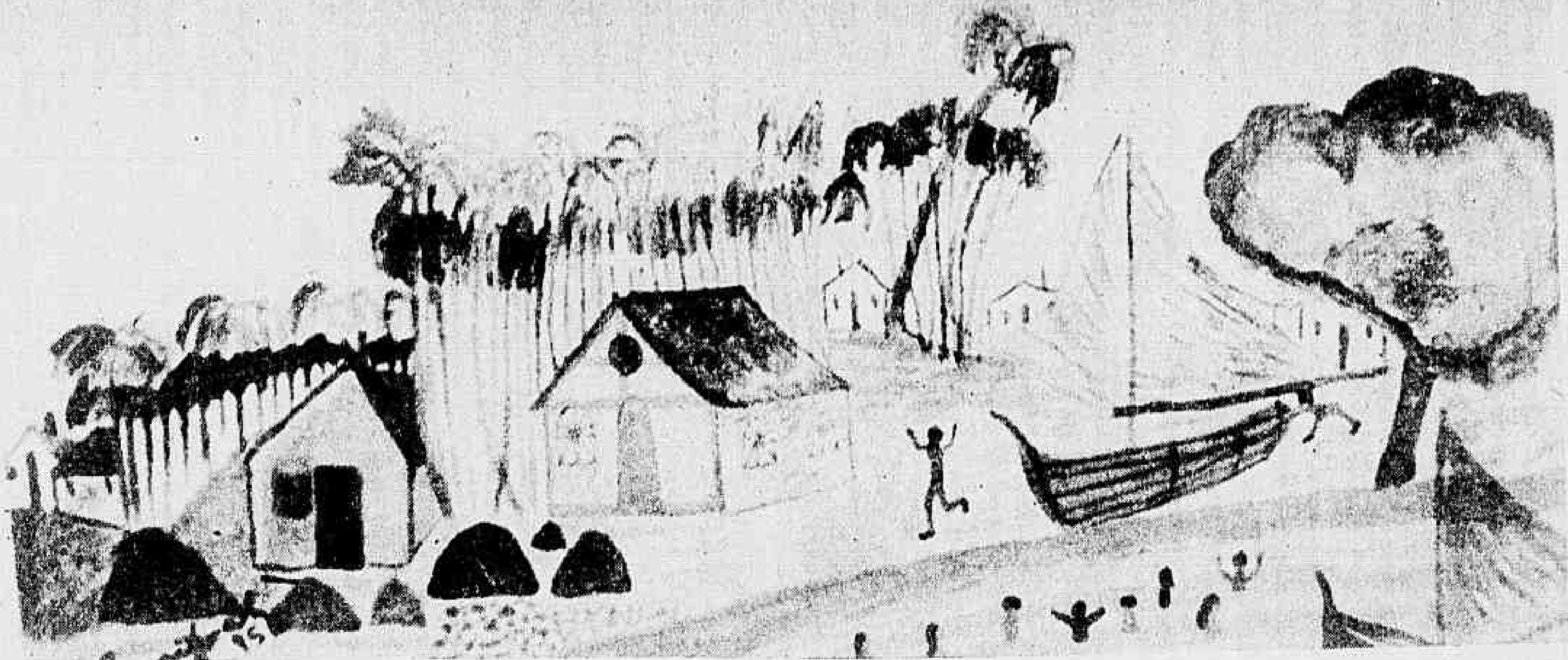


Afirma a professôra Lúcia Alencastro Guimarães: «No papel, no barro, com lápis e pincéis, são as crianças que experimentam e encontram suas próprias soluções».



Experimentar a possibilidade das côres antes do início de um trabalho definitivo, facilita a operação final.

Fincados nos tubos, os pincéis tornam-se objetos agressivos e mágicos que êste menino — 5 anos — apazigua.



Trabalho de um menino de oito anos — Cidade do interior — da Escolinha de Arte da Biblioteca Castro Alves.

Invenção maravilhosa de um poeta e de um pintor

temente organizados, intentando ajudar a criança a transplantar para a totalidade de sua vida, a atmosfera respirada no ambiente da Escolinha. Cumpria despersonalizar a escola, diziam os professôres, tornando-a, assim, um elemento vital.

Qualquer que seja o lugar, entretanto, em que se reúnam, os meninos dão mostras de um equilíbrio e uma responsabilidade admiráveis. Criam objetos, pinturas e situações que se diria inacreditáveis, caso não estivéssemos prevenidos de que a matéria que trabalham é a própria alegria sentida.

Anualmente os seus trabalhos mais significativos são expostos à visitação pública, sendo recompensados com o renome de que já desfruta a escola. No catálogo de uma dessas exposições de desenho, pintura e modelagem, está escrito:

«Não é objetivo desta escola estimular vaidades mas desenvolver nas crianças tôda a fôrça de seu poder criador. Para isso o grupo de professôres que se integram no trabalho da escola, confundindo-se com os alunos, cria uma atmosfera propícia à liberdade permitindo-lhes que se expressem sem inibições e afirmem suas personalidades. No papel, no barro, com lápis e pincéis, são as crianças que experimentam, ensaiam, procuram e, o que é mais importante, encontram suas próprias soluções». Quando a história da Escolinha criada por Augusto Rodrigues e professôras como a srta. Lúcia Alencastro Guimarães estiver entre as histórias de Andersen, as crianças vão ficar indignadas de saber que houve um tempo em que foi preciso muito trabalho, muito suor e muita lágrima para o reconhecimento da validade e da importância de suas formas de expressão. Nesse dia, Augusto e sua equipe de professôras estarão no céu, passeando com os títeres do fabuloso homem que era o poeta argentino Javier Villafene.



Algumas vêzes é necessário abandonar o pincel e procurar com os próprios dedos a forma idealizada em liberdade.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO ESTADO DO RIO
(GARANTIDA PELO GOVERNO FEDERAL)

UMA INSTITUIÇÃO A SERVIÇO DA GRANDEZA FLUMINENSE

MATRIZ:

AV. AMARAL PEIXOTO, N.º 178 — 3.º ANDAR — NITERÓI

AGÊNCIAS:

Bom Jesus, Itaperuna, São Fidelis, Pádua, Campos, Santa Maria Madalena, Três Rios, Paraíba do Sul, Valença, Vassouras, Friburgo, Macaé, Resende, Volta Redonda, Barra do Piraí, Petrópolis, Teresópolis, Cascatinha, Barra Mansa, Magé, Nova Iguaçu, Caxias, São João do Meriti, São Gonçalo, Nilópolis, Barreto, Cabo Frio, Niterói.



TABELAS DE JUROS

Depósitos populares:	
Até o limite de Cr$ 100.000,00, juros capitalizados semestralmente	4½ % a/a
Depósitos limitados:	
Por meio de cheques, até Cr$ 200 000,00	4½ % a/a
Até o limite de Cr$ 500.000,00 movimentados por cheques ou carteiras	4 % a/a
Depósitos sem limites:	
À vista, sem limite, juros capitalizados semestralmente	3 % a/a
Depósitos a prazo fixo:	
Sem limite — Entrada inicial a partir de Cr$ 10.000,00; juros:	
Prazo de seis meses	5 % a/a
Prazo de doze e mais meses	6 % a/a
Depósitos de Aviso Prévio:	
Sem limite, juros capitalizados semestralmente:	
Aviso de 60 dias	3½ % a/a
« « 90 dias	4 % a/a
« « 120 dias	4½ % a/a

Depósitos Escolares:	
Até o limite de Cr$ 50.000,00, juros capitalizados semestralmente	4½ % a/a

A Caixa Econômica Federal do Estado do Rio, além de seus empréstimos de caráter assistencial, como por exemplo, financiamento de residência própria, empréstimos sob consignação de vencimentos, financiamento às prefeituras para execução de obras de interêsse coletivo, etc., etc., está promovendo, atualmente, a execução de um vasto plano de construções populares, para venda ao público, a preço razoável e longo prazo.

Informações no Serviço Hipotecário, à rua José Clemente, n. 37 — 2.º andar, fone 2-22-45, em Niterói, ou com os gerentes das agências do interior.

SABÃO RUSSO

LABORATÓRIO INDUSTRIAL FUNDADO EM 1830

Super-higiênico e balsâmico, indispensável nos BANHOS, TOUCADOR E PARA A BARBA. Contra ESPINHAS, PANOS, CRAVOS, SARDA, RUGAS, ERUPÇÃO DA PELE.

IMPÉRIA

(Conclusão do número anterior)

As últimas palavras ela as balbuciou. Tinha o rosto pálido e desmaiava; cairia, se Navagero, que estama vais perto, não lhe tomasse o braço e a levasse até o leito do aposento vizinho, enquanto os outros olhavam petrificados. Bembo murmura consternado: «Deliberata morte ferocior» (A morte procurada é a mais cruel).

Como uma rainha, de pé, até mesmo na morte!

★

Os acontecimentos se precipitam. No dia 13 de agôsto Chigi, imediatamente avisado, acorre desesperado, e leva-lhe os dois médicos mais famosos de Roma. Em vão, porém, tentam salvá-la. Durante dois dias ela agoniza. Uma agonia dilacerante, mas lúcida. Chama o tabelião Cesi e entrega-lhe pessoalmente o seu testamento, no qual deixa os bens à mãe e à filha Lucrécia. Nada deiva à outra filha, Margarida, que recomenda solenemente a Chigi. Êste lhe obedecerá, legitimando-a em 1515. Deixa, ainda, muitos donativos às suas camareiras e aos servos espanhóis, que choram na antecâmara. Assim que se divulga em Roma que Impéria morre, a multidão cerca sua casa, consternadamente. A linda mulher é uma das jóias de Roma. A maravilha romana, da qual se fala em todo o mundo, o orgulho de todo o povo, está morrendo.

Durante dois dias se pede e se dão notícias, fazem-se conjeturas, até que se chega ao 15 de agôsto. Lá pela hora sexta, começa a chover. Chove torrencialmente, postes são derrubados, telhados arrancados, animais fulminados pelos raios. Roma está alagada; a enchente à pavorosa como nunca se vira igual.

Abençoada «in extremis» pelo Papa Júlio II, a pedido de Agostinho Chigi, e de muitos cardeais seus amigos, Impéria morre durante essa tempestade que escurece o céu e envolve tôda a cidade, numa tempestade de vento, trovões e raios. Quantas conclusões supersticiosas não tirará o povo dessa coincidência? Quantas frases líricas não motivará aos poetas?

«Nossos pais choram pelo Império «dirão», nós choramos por Impéria. Êles perderam o mundo, nós perdemos nosso coração e nós mesmos».

Um embaixador escreve a seu país sôbre a desaparição da deusa. «Tudo em Roma se comoveu, até mesmo os velhos muros».

Foram até decretados três dias de luto oficial.

«A vida é uma comédia, contanto que o último ato seja o mais belo» — disse uma grande dama de França. Para Impéria, se não foi o mais belo, foi, certamente, o mais espetacular, mesmo para ela que fôra, para tôda Roma, um contínuo espetáculo.

★

Foi enterrada em São Gregório, do Célio, porque expressara o romântico desejo de repousar no local em que pela primeira vez se encontrara com Ângelo. O fiel Chigi pagará 500 ducados para lhe erigir um monumento magnífico, no qual fará escrever estas palavras: «Impéria cortesana romana quae digna tanto nomina rarae inter hominus formae specimen dedit».

Um poeta exclama: «Não, ela não está sob êste mármore, está entre as estrêlas e guiará nossos navios».

Será retirada de seu sepulcro pela reforma, que porá no seu lugar um gordo cônego.

(Fim)

Enfrentando o problema da moradia



Edifício de apartamentos da rua Senador Vergueiro, 200.

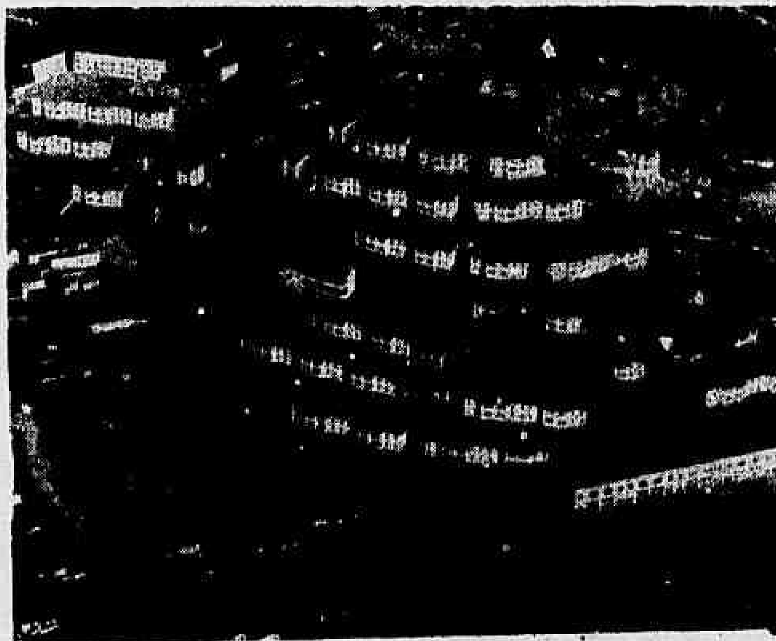


Edifício Presidente Vargas, no Flamengo (D.F.)

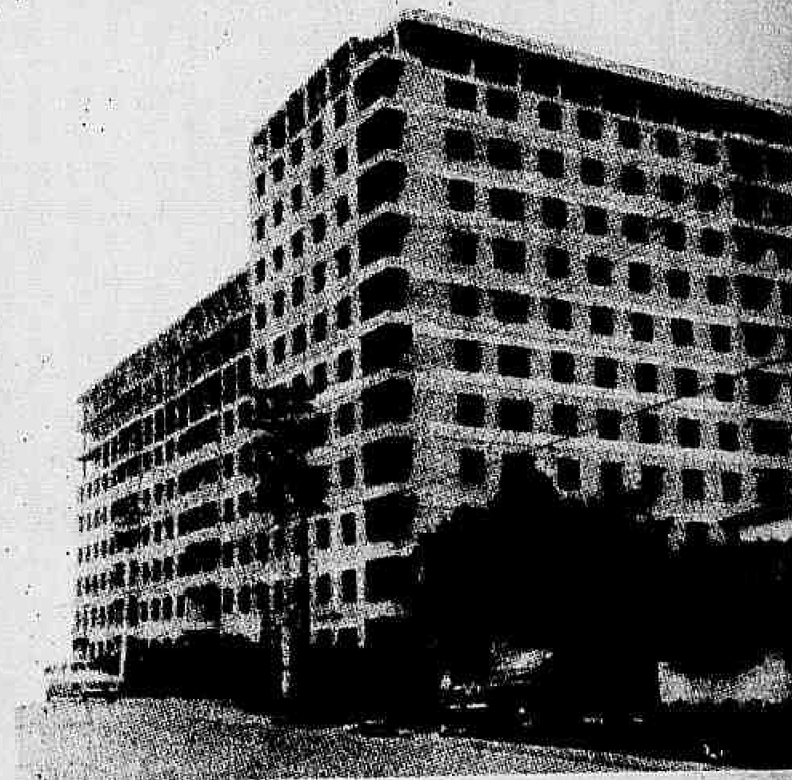
O INSTITUTO DOS BANCÁRIOS



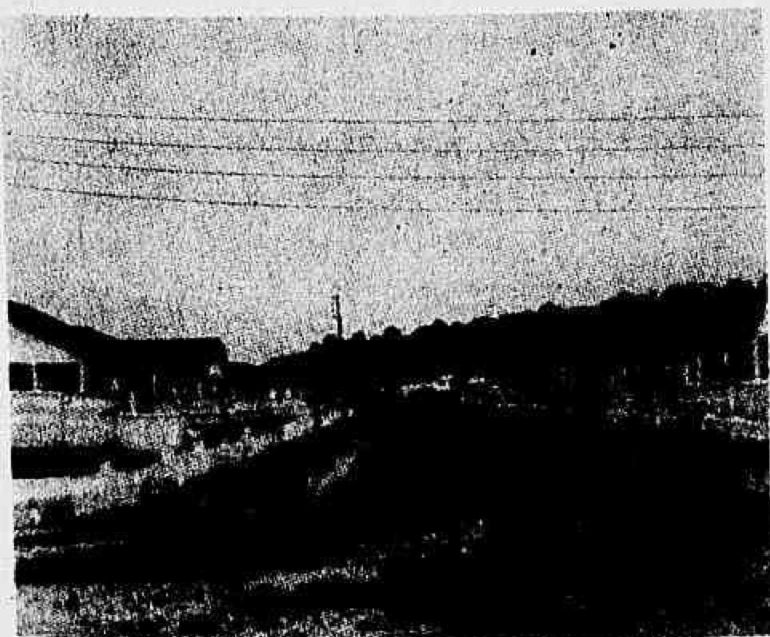
Edifício de apartamentos no Largo do Machado (D.F.)



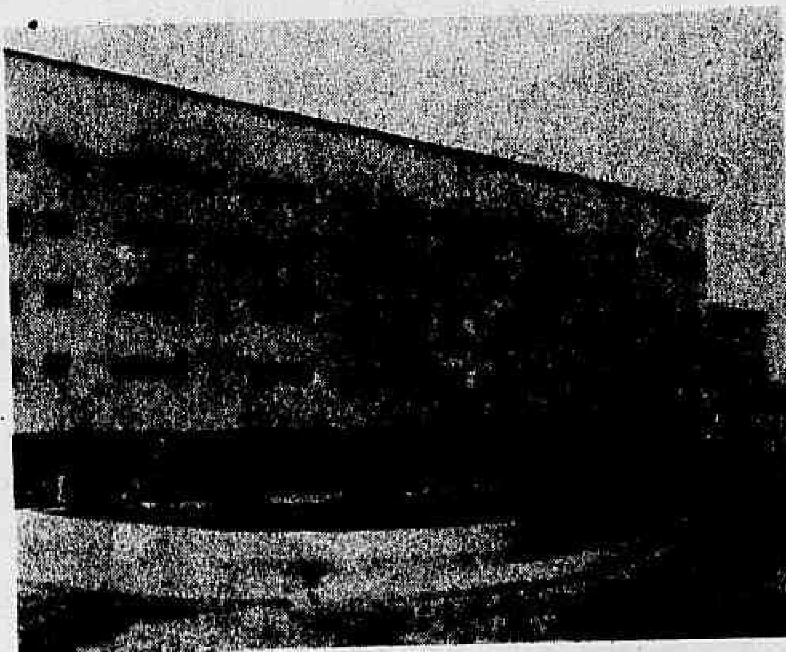
Bairro residencial de Cavalcânti



Edifício em construção em São Paulo.



Conjunto residencial Duas Praias, Ilha do Governador



Vista parcial do conjunto residencial em Madureira.



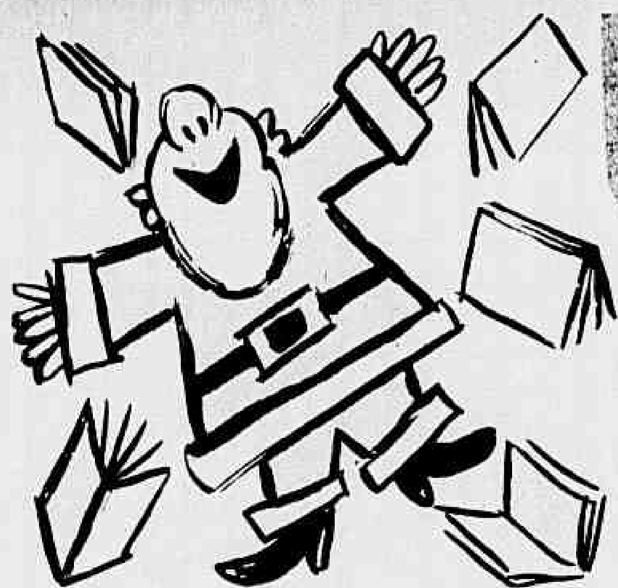
Vista parcial do Conjunto de Vila Inoso, na rua Marquês de Paranaguá, na cidade de Belo Horizonte.

Constrói residências em todo o Brasil

AUTO-RETRATO DE KOESTLER



● O escritor Arthur Koestler faz de si mesmo o seguinte retrato, numa reportagem publicada pela revista americana «New Herald Tribune Book Revue»: «Gosto de brincar; não gosto de escrever; mas me esforço com a maior aplicação em oito horas por dia. Se me abstenho de trabalhar durante mais de um dia, torno-me neurastênico e insuportável. Até os meus artigos de jornal são burilados exaustivamente. Creio num dogma: o do que o homem é responsável por seus atos, mesmo os inconscientes.»



Semana LITERÁRIA

UM POEMA POR SEMANA

As parcas



Mais um verão, mais um outono, ó Parcas,
Para amadurecimento do meu canto
Peço me concedais. Então, saciado
Do doce jôgo, o coração me morra.

Não sossegará no Orco a alma que em vida
Não teve a sua parte de divino.
Mas se em meu coração acontecesse
O sagrado, o que importa, o poema, um dia:

Teu silêncio entrarei, mundo das sombras,
Contente, ainda que as notas do meu canto
Não me acompanhem, que uma vez ao menos
Como os deuses vivi, nem mais desejo.

(Hoelderlin, tradução de Manuel Bandeira.)

ESPELHO DE ESCRITORES

● MURILO MENDES — Nasceu na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, no ano de 1902, e aí passou sua primeira infância, entre chaminés de fábricas e jaboticabeiras carregadas. Depois, transferiu-se para Niterói, e no Colégio Santa Rosa prosseguiu seus estudos, já antes iniciados na Academia do Verbo Divino, na boa terra mineira. Data dêsse «intermezzo» fluminense o seu primeiro contato com a poesia, a leitura deslumbrada das antologias escolares e a decisão de tornar-se escritor. Terminado o curso secundário, transferiu-se o poeta para o Rio de Janeiro, e aqui se instalou em definitivo, tendo antes abandonado qualquer veleidade bacharelesca. De fato, Murilo Mendes jamais se empenhou noutra atividade que não fôsse a poesia. Durante muitos anos foi inspetor de ensino, e dessa modesta ocupação tirava o seu sustento, dedicando todo o seu tempo disponível à criação literária. Chegou a ser também, durante alguns meses, funcionário de banco, mas logo incompatibilizou-se com o cargo, pois tinha o estranho hábito de saudar com efusão o cofre do banco, tôdas as vêzes que por êle passava. Interpelado pelo diretor sôbre a sua atitude, explicou-lhe que, ao saudar a burra, rendia apenas homenagem ao mundo capitalista, na pessoa de seu verdadeiro soberano. O diretor, reacionário e cauteloso, entreviu na conduta do poeta uma perigosa profissão de fé anarquista, e o dispensou sem mais demora. Ficou desta forma encerrada a carreira bancária de Murilo Mendes, e enriquecida a sua biografia de mais um saboroso episódio. Aliás, são numerosos os fatos pitorescos na vida do poeta e a seu respeito já se constituiu um verdadeiro folclore literário. Ninguém ignora, por exemplo, a proeza de Murilo em pleno Teatro Municipal, abrindo um enorme guarda-chuva em sinal de protesto contra a ruindade de um determinado cantor. Ou o seu desmaio ainda no Teatro Municipal,



por ter uma senhora enchapelada e gorducha lhe declarado que detestava o «ballet». Ou o telegrama por êle passado a Hitler, em nome de Mozart, quando as tropas nazistas invadiram a cidade natal do grande músico. Ou o seu gesto de ajoelhar-se, na rua, diante de uma carrocinha de pão, sob o pretexto de que ali se encontrava o Santíssimo Sacramento. Ou a sua declaração, num trem, a duas senhoras que acabavam de ligar um rádio portátil: «saí do hospício há dois dias, e detesto rádio» — ao mesmo tempo que ilustrava a revelação com formidáveis caretas. Não se pense, contudo, que Murilo Mendes é um espírito jocoso ou expansivo, por natureza inclinado à galhofa. Muito pelo contrário, trata-se de um homem extremamente concentrado, polido e discreto, dono de um método rigoroso e implacável em tudo o que faz. Tais características não lhe roubaram, no entanto, o senso de humor — apenas o transformaram num dom agudo e um tanto alucinado. E' Católico, Apostólico, Romano, convertido por influência de Ismael Nery, a quem considera um homem genial. Ama a música em geral, e Mozart em particular, e a ela dedica algumas horas de seu dia. Como poeta, construiu uma obra de grande importância para a literatura brasileira, tendo publicado os seguintes livros: «Poemas», «História do Brasil», «Tempo e Eternidade», «A Poesia em Pânico», «O Visionário», «As Metamorfoses», «Mundo Enigma» e «Poesia Liberdade». Sua mensagem é sêca, descarnada, explosiva, profundamente ligada ao tempo presente, sem prejuízo de sua carga metafísica, de alta voltagem. Foi expulso da Espanha, há poucos meses, pelo govêrno de Franco, e sentiu-se muito honrado com a medida. Leciona no momento assuntos brasileiros na Universidade de Bruxelas. Tem um livro de poesia inédito, sôbre Ouro Prêto. — H.P.



FIGURA DE FORA

● Giovanni Guareschi, autor do «Pequeno Mundo de D. Camilo», já traduzido para o português, escreveu para a vigésima sétima edição italiana do seu livro a seguinte e curiosa autobiografia:

«Agora lhes conto tudo a meu respeito. Chamo-me, em última análise, Giovannino Guareschi, e tenho a idade exata que se deve atribuir a um jovem n a s c i d o em 1908. Tenho dois filhos, para mim muito simpáticos. O primeiro se chama Alberto, o segundo se chama Carlota. Isto se deve ao fato de ser o primeiro do sexo feminino; também é do sexo feminino a mãe dêles, uma senhora que era muito mais simpática quando ainda era senhorita. Os meus filhos e minha mulher têm um total de 70 anos. A idade de minha filha mais a idade de sua mãe atingem 57. A idade de meu filho mais a idade de sua mãe alcançam, entretanto, 60. Eis tudo o que possa dizer-lhes a respeito da idade de minha mulher. Para maior facilidade, posso adiantar que minha filha tem 10 anos. Freqüentei com proveito o Liceu Clássico, onde aprendi como não deve escrever um jornalista. Depois freqüentei a Universidade, mas até hoje não encontrei suficiente tempo para bacharelar-me: o único inconveniente, agora, é que não me lembro mais se freqüentei o curso de Jurisprudência ou o de Medicina. O parecer dos meus colegas de estudo é discordante. Escrevo e desenho, mas não estou preparado para dizer-lhes se sou pior escritor ou desenhista. De qualquer maneira, vou levando, muito auxiliado pela circunstância de possuir dois notáveis bigodes, que me conferem alguma notoriedade. Vivo uma vida muito simples. Não gosto de viajar, não pratico nenhum esporte, não acredito nas vitaminas. Em compensação, creio em Deus. Sou um trabalhador tenaz e, sob êste aspecto, sou a consolação de minha família, e meus filhos me citam sempre como exemplo para sua mãe. De minha parte, sou profundamente grato aos meus pais de me terem pôsto no mundo. E gratíssimo ao Padre Eterno por não me ter feito nem pior nem melhor do que sou. Eu gostaria de ser exatamente como sou. Se fôsse diferente, sentir-me-ia meio largo ou meio apertado.»

A MORTE DE EUGENE O'NEILL

● Comentando o desaparecimento de Eugene O'Neill, há pouco tempo ocorrido nos EE. UU., o jornalista e teatrólogo Antônio Calado escreveu excelente nota, da qual extraímos alguns trechos: «Coube a Eugene O'Neill, ora morto aos 65 anos, levar ao teatro a maior revolução técnica da literatura contemporânea: a referente ao «stream of consciousness», que diríamos em português fluxo ou simplesmente «corrente da consciência». A expressão inglêsa foi criada pelo filósofo William James em 1884, que disse que «a consciência não aparece a si mesma picada em pedacinhos», mas, ao contrário, flui o tempo todo. Êsse fluxo «encharca e tinge tôdas as imagens definidas, formadas em nosso espírito. A significação, o valor da imagem, reside inteiro nessa auréola ou nessa penumbra que a rodeia e escolta». Antes do irlandês James Joyce e do seu «Ulysses», publicado em 1922, a corrente da consciência ainda não tinha penetrado na lite-



ratura, a menos que contemos pequenos ensaios como o do Dorothy Richardson, em 1915, ou o de Dujardin, mencionado pelo próprio Joyce. Joyce — seguido de perto e de maneira mais leve por Virginia Woolf — provou com seu livro que nossa consciência não tem lacunas e momentos de afirmação, que é, ao contrário, um processo contínuo, um r e g a t o. O'Neill, no seu imponente «Strange Interlude», inventou uma técnica teatral para a corrente de consciência: os «thougt-asides», uma espécie de sombra do pensamento. Todos os personagens do estranho interlúdio que é a peça dizem ao interlocutor o que querem dizer e, em seguida, o que realmente lhes vai pela cabeça». Terminando o seu artigo, assim se exprime Antônio Callado: «Com Eugene O'Neill morre o maior dramaturgo dêste século e a maior figura de artista que os Estados Unidos já deram».

Cineac literário

OTTO LARA RESENDE acaba de descobrir um contista, M. Cavalcânti Proença, autor de «Uniforme de Gala», editado pela «Editôra Opama». Num artigo excelente, o escritor mineiro comunica à praça a sua descoberta, e afirma que o novo ficcionista «trará para o moderno conto brasileiro uma contribuição substancial».

A «REVISTA BRANCA», numa homenagem a Jorge de Lima, dedicará seu próximo número à figura do grande poeta morto. Colaborarão nessa homenagem, além de muitos outros, os escritores José Lins do Rêgo, Eugênio Gomes, Augusto Meyer, Afrânio Coutinho, Herman Lima, Simeão Leal, Valdemar Cavalcânti, Eustáquio Duarte, Raul Lima, Brito Broca e Augusto Frederico Schmidt. Serão publicados também poemas de Jorge de Lima, alguns dêles em vários idiomas. Santa Rosa se encarregará das ilustrações.

RICARDO RAMOS, filho do romancista Graciliano Ramos, já tem pronto o seu livro de estréia, «Tempo de Espera», em que o jovem escritor reúne alguns de seus melhores contos.

ENCONTRA-SE no Rio o poeta mineiro Otávio Alvarenga, que aqui veio com o exclusivo intuito de tomar banhos de mar. O jovem poeta trabalha no serviço burocrático do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, e de tempos em tempos necessita lavar-se nas poderosas e férteis águas atlânticas, para que a vida lhe corra bem.

A EDITÔRA «HIPOCAMPO» pertence agora ao poeta Geir Campos, e obedecerá à sua direção exclusiva.

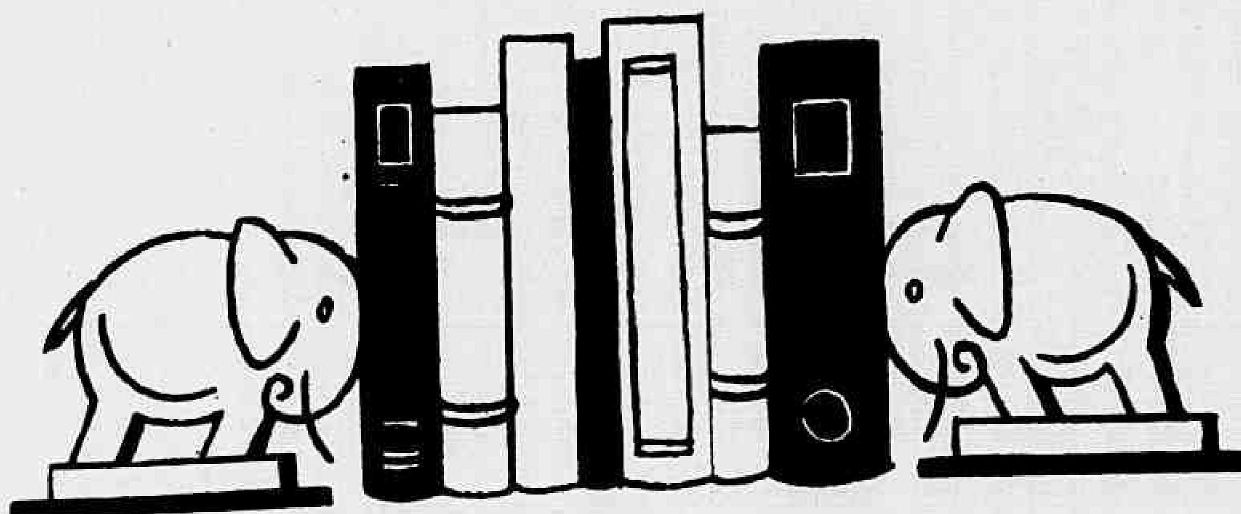
«CEMITÉRIO CAMPEIRO» é o título do novo livro de poemas de Augusto Meyer, há muito tempo afastado da atividade poética. Espera-se, por isto, com grande interêsse, o novo trabalho do autor de «Giraluz».

PAULO RONAI entregou à Editôra Globo o último volume da «Comédia Humana», de Balzac, por êle traduzida e comentada.

SERÃO MAIS uma vez editadas as poesias completas de Alphonsus de Guimaraens. A iniciativa cabe ao editor Simões, e as notas e comentários a respeito da poesia do grande simbolista ficarão a cargo de Alphonsus de Guimaraens Filho.

«LUMIÈRE ET MORALE» é o título da obra póstuma de Paul Eluard, que acaba de ser lançada como segundo volume da «Antologie des Écrits sur l'Art».

A BORBOLETA AMARELA, de Rubem Braga, que já saiu em edição de luxo (500 exemplares, para subscritores) vai sair em edição comum, pela José Olimpio, em janeiro próximo.





FAÇA UM TESTE. Compare suas atitudes costumeiras com as classificações abaixo:

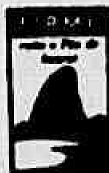
	CERTO	ERRADO
Quando seus filhos praticam travessuras	*Você os aconselha inicialmente*	*Você lhes aplica logo castigos corporais*
Quando seus filhos apresentam sintomas de enfermidade	*Você procura imediatamente um médico*	*Você deixa que os tratem com remédios caseiros*
Quando seus filhos fazem queixas de crianças vizinhas	*Você procura pacificá-los*	*Você vai ao vizinho levantar a questão*
Quando seus filhos o consultam sôbre qualquer assunto	*Você tem sempre um "tempinho" para responder-lhes*	*Você não lhes dá atenção*
Quando você pensa no futuro de seus filhos	*Você se lembra de que mantém um seguro de vida*	*Você pensa... apenas*

Mesmo que você ganhe CERTO nos 4 primeiros itens, se ganhar ERRADO no 5.° — ainda não estará cumprindo completamente o seu dever!

Por maiores que sejam os seus esforços, faltará tudo à sua família, se não tiver a segurança do futuro. Não basta cercar, hoje apenas, de atenções e cuidados sua espôsa e seus filhos. É preciso impedir que se alterem a tranquilidade e o bem-estar atuais de sua gente, *aconteça o que acontecer*. Institua desde logo um seguro de vida. Um agente da Sul America lhe indicará, sem compromisso, qual o plano de seguro de vida mais adequado a seu caso.

Sul America
Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

Ouça, como a voz de um amigo, a palavra do Agente da Sul America.



À Sul America Companhia Nacional de Seguros de Vida, Caixa Postal 971, Rio de Janeiro
Queiram enviar-me um folheto com informações sôbre o seguro de vida.

Nome ____________________
Data do Nasc.: Dia ______ Mês ______ Ano ______
Profissão ______ Casado? ______ Tem filhos? ______
Rua ______ N.° ______ Bairro ______
Cidade ______ Estado ______

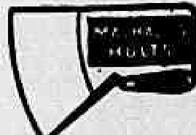
12-RRRR-1234567890

SUPERCOR
Tintas para impressão

PRODUTOS SUÉCOS DE ALTA QUALIDADE
FAMOSOS EM TODO O MUNDO
exijam estas marcas
À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Q U A L I D A D E

NAVALHAS PARA BARBA E TESOURAS TRÊS CORÔAS
MK
FOGAREIROS, COZINHAS, LANTERNAS, FERROS PARA SOLDAR, LAMPARINAS
PRI-MUS
SCANDIA-RELIANCE-HANDY
Polar Star
MAQUINAS PARA USO DOMÉSTICO
MAQUINAS PARA CORTAR GRAMA





DOBRADIÇAS, PARAFUSOS, ETC.
STENMAN







GESSO CRÉ
CAVALLO MARINHO



DE PAU GRANDE PARA A COPA DO MUNDO DE 1954

(Cont. da pág. 15)

Garrincha voltou foi para Pau-Grande, onde talvez o Brasil deixaria um dos seus bons jogadores de futebol se não fôsse o médio-direito do Botafogo. Em visita a Pau-Grande, Arati foi convidado pelos esportistas do lugar para apitar um jôgo local. E o apito lhe caíu da bôca três vêzes ao ver aquêle garôto de pernas estrábicas, controlando a bola com graça e perfeição, driblando com uma naturalidade incrível, marcando os tentos quando lhe dava vontade disso. Depois do jôgo, Garrincha já estava «conversado», vindo para o Botafogo.

NADA DE COMPLEXOS

No domingo seguinte, estreava no quadro de aspirantes, onde fêz «misérias» mas passou desapercebido. Já no segundo jôgo, entrou na ponta-direita dos titulares. Alguma espectativa em tôrno do estreante, em jôgo no campo do Botafogo contra o Bonsucesso. Vinte minutos de jôgo e, no setor das cadeiras numeradas, onde permanecem os «técnicos» diletantes do Botafogo, registrava-se acentuado pessimismo.

— Êsse menino não vai, não — diziam.

— Vai, gritou o cronista Sandro Moreira com autoridade. Vocês não vêem que o garôto ainda está cheio de complexos?

— Complexos?

— E' claro: então, um menino que sempre jogou no time de um lugar

(Cont. na pág. 62)

A INCOMPREENDIDA

COITADA! como falavam dela! como procuravam desmoralizá-la, como tentavam denegri-la, chegando até a inventar fatos para diminuí-la aos olhos do povo! Os jornais, durante muito tempo, dela se ocuparam. Por aí se vê, quanto ela é importante! Mas nenhuma voz se erguia para reconhecer-lhe as qualidades, as virtudes, o aspecto bom, ou melhor, os muitos aspectos bons que possui. Não. Parece que ficou em moda falar dela.

Não se lembravam do seu passado ilustre, dos serviços prestados por ela a tanta gente, durante tanto tempo! Esqueciam a sua estirpe, os seus esforços para ajudar o povo, tudo. Quando precisavam dela, não lhe admitiam a menor falha. Estava sempre pronta para servir, no seu pôsto, dedicada, afanosa, sempre apressada, correndo, correndo, cumprindo seu dever. Uma trabalhadora, enfim!

Mas se chegava atrasada aos encontros marcados, ninguém queria desculpá-la, a culpa era tão sòmente dela! Se soubessem como se multiplicava para estar ao mesmo tempo em tôda parte, se vissem a quanta gente atendia, como se dividia para poder ser útil a todos! E apesar de tôda a sua boa vontade, não a perdoavam.

Tornou-se até um pouco hábito falarem dessa dama tão conhecida. A quanta gente ela beneficiou, deu a ganhar! E porque alguns se aproveitaram dêsses benefícios, tirando mais do que deviam, ela ficou sendo a grande culpada. Culpados foram os aproveitadores, não ela.

Ùltimamente, há uma como que pausa regeneradora. Um silêncio muito tranqüilizador em tôrno do seu nome. Uma pausa para meditação de seus inimigos gratuitos. Diziam antigamente que ela nem pagava as dívidas. Agora, tudo mudou. O silêncio em tôrno do seu nome significa uma alteração digna de nota, uma mudança para melhor. Já ninguém tem do que se queixar. Ela compreendeu a situação desfavorável em que a tinham colocado e resolveu reagir. Para isso, felizmente, conta com bons e dedicados amigos. Amigos que trabalham para sua reabilitação.

E já daqui, dali, começam a reconhecer-lhe os bons préstimos, a sua dedicação, os sacrifícios que ela se impõe para que a ninguém falte nada. Uma boa senhora, em suma: é o que já se diz por aí.

E ela vai levando... gente, embarcando, desembarcando, sempre correndo, coitada, porque ai dela se chegar atrasada! As línguas voltam a funcionar, e vai-se por água abaixo a sua boa reputação atual.

No entanto, ninguém, ou quase ninguém, fala das suas companheiras, das outras que por êste longo Brasil andam, por aí... E essas têm os mesmíssimos defeitos, e talvez tenham também as mesmíssimas virtudes. Mas é que a boa criatura é nossa, e as outras não o são... São «galinhas do vizinho», mais gordas do que a nossa...

Seria preciso ver como ela está cuidando das pessoas que dela dependem! Como se esforça em resolver todos os problemas a contento!

Façam-lhe uma visita. Ela mora num enorme prédio, em ponto bem central da cidade. Vários andares. Sempre cheios. Sua casa é uma colmeia laboriosa. Como trabalha ali! Sempre gente chegando e saindo. Ela atende a todos. É infatigável.

Maternal, cuida também das criancinhas, filhas de suas empregadas, que em sua casa encontram carinho de mãe, cuidados médicos, assistência permanente. Enquanto as mães trabalham, seus filhinhos têm na casa da patroa sustento e o mais carinhoso dos tratamentos. A boa senhora chegou a dedicar-lhes um andar de sua residência.

Madame viaja muito, está sempre indo do Rio para S. Paulo e Belo Horizonte. Visita as menores cidadezinhas do interior, sempre pronta a servir, a tornar-se útil. É uma mulher extraordinária, moderna, dinâmica. Ultra-dinâmica. Quem a conhece de perto, ama-a, gosta dela, pois é tão amável e tão esforçada!

● Há pouco tempo deu um coquetel em sua casa. Dedicada à imprensa. Pois é amiga dos jornalistas, e chega a esquecer mesmo aquêles que falaram dela. Uma reunião cordialíssima. Recebeu a todos com a mesma efusidade e ofereceu uma boa oportunidade para que lhe vissem as ótimas intenções. Suas amigas e amigos estavam cheios de satisfação. Uma grande dama, enfim!

Se ela um dia parasse... se um dia cansasse de se movimentar... que seria da cidade? que seria das inúmeras pessoas a quem ela serve?

Uns minutos que parasse, e estariam milhares de interêsses prejudicados. A vida dêste e de outros importantes centros paralisada. Seria como se a circulação do sangue cessasse num corpo humano. Não reconhecem isso nela os seus denegridores?

Mas será que ainda êstes existem? Creio que já hoje se renderam à evidência, ao seu valor, ao seu passado de inestimáveis serviços prestados.

Todo mundo, quando acontece um acidente, e sofre alguma coisa, pode mais ou menos contar com a simpatia e a solidariedade dos outros. Ela, não. Quando lhe andavam mal as coisas, e algo de desagradável lhe acontecia, era uma grita infernal! Os jornais caíam-lhe em cima! Ela sofria mais do que todos, e acusavam-na como se fôsse a grande culpada!

Muitas vêzes mal servida, sem que lhe fornecessem o material indispensável ao seu bom funcionamento, era vilipendiada, mal julgada, incompreendida!

No entanto, ela continuou... e continuará sempre. É indispensável à vida do Rio.

● Lá vai ela, sempre apressada, vocês não a viram passar? Um pouquinho barulhenta, sim, talvez... não há outro remédio. Avisa, sempre que passa. De longe se ouve a sua voz forte e esguia.

É acessível, não trata bem apenas aos ricos. Os pobres encontram sempre nela acolhimento. Com a mesma boa vontade serve a todos os que dela precisam.

Não se cansa nunca! Não pára de servir, de atender, de correr dum lado para o outro. Em sua casa sente-se essa atmosfera de febril operosidade.

Os defeitos que lhe apontaram no passado, foram, afinal, os defeitos a ela emprestados pelos seus amigos. Não eram dela. E com que bons e eminentes amigos ela contou no passado! Em sua casa, vêem-se os retratos e bustos dos homens ilustres que a honram com a sua amizade. Hoje conta também com homens de valor, que a influenciam, que a apoiam.

Mas não pensem mal dessa senhora! Não pensem que tantas amizades masculinas possam embaciar-lhe a honra! Muito ao contrário! São honrosas para ela essas amizades, essas dedicações.

Pois essa ilustre dama, todos vocês já devem ter visto perfeitamente quem é.

Mora na Praça da República e se chama Estrada de Ferro Central do Brasil.

Confeitaria Colombo

A COLOMBO caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs, e «cocktaills» acolhem diàriamente o escol da sociedade carioca para os sutis prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LIQUIDOS, COMESTIVEIS FINOS E FRUTAS ★ FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS ALIMENTICIAS MARCA «COLOMBO» ★ ESPECIALIDADE EM DOCES, GELÉIAS, ETC., ETC.

MATRIZ: **Rua Gonçalves Dias, 32/36 ★ Anexo à Rua 7 de Setembro, 94/96 ★ Tel.: 22-7650 — Rêde**

FILIAL: **Avenida N. S. Copacabana, 890 ★ Tels.: 47-5565/47-5566**

FABRICA: **Rua do Livramento, 174/184 ★ Tel.: 43-6925 — RIO**

FRANÇA & CIA. LTDA.

DE PAU GRANDE PARA A COPA DO MUNDO DE 1954

(Cont. da pág. 60)

chamado Pau-Grande, pode jogar bem em seu primeiro jôgo em um time chamado Botafogo?

Estava com a razão o experiente cronista. Mais uns dez minutos de jôgo e os «complexos» de Garrincha saíram no suor. Manoel Francisco dos Santos, já antes de terminar o primeiro tempo, tomou conta da posição com a responsabilidade de um chefe de família. Aquêle lugar era dêle, ali é que precisava trabalhar para sustentar a mulher e a filha. E para garantir o emprêgo começou a fazer o que sabia: correr como um potro; chutar com os dois pés; demonstrar sua pontaria; fintar com uma elegância que deixa mal visto o adversário; bater escanteios dos dois lados, sendo que do lado esquerdo a bola faz invariàvelmente uma curva não prevista pela geometria e pelos arqueiros; em suma, Garrincha começou a jogar um futebol de classe.

Veio o segundo tempo, o Botafogo perdia de 2 a 1. Pênalti contra o Bonsucesso. Há um desagrado geral quando os torcedores alvi-negros verificam que justamente o estreante de Pau-Grande tinha sido designado para cobrar a falta. Mas Garrincha revelou que tem ainda menos complexos do que o sr. Pedro Calmon: chutou com uma calma de jogador antigo, um chute forte e indefensável. Fêz ainda dois «goals» nessa partida.

O ARTILHEIRO

Depois dêsse primeiro jôgo, Garrincha, como se diz, tornou-se o ídolo da torcida botafoguense. Um dos líderes dos artilheiros do campeonato tem em seu «dossier» uma variada coleção de «goals», de longe, de virada, de infiltração, de penàlidades fora da área, pe pênaltis, de cabeça, de escanteios, de raça (como o que marcou em sua última partida contra o Vasco). Tornou-se também o espantalho de médios esquerdos e zagueiros que não querem se desmoralizar com o «baile» que o menino às vêzes proporciona. Sem dúvida, Garrincha ainda tem muito que aprender mas, de qualquer forma, o garôto de Pau-Grande já apresenta futebol suficiente para ser pelo menos convocado entre os jogadores que vão participar da Copa do Mundo, na Suíça.

SÓ TRÊS MIL CRUZEIROS

Pessoalmente, Manoel Francisco é um rapaz simples e modesto. Seu divertimento é o próprio futebol, no Botafogo ou em um arranca-toco de qualquer natureza. Está satisfeito em seu atual clube, embora ganhando apenas 3 mil cruzeiros por mês, fazendo a mesma coisa que o jogador Pinga faz por trinta e cinco mil cruzeiros mensais. Garrincha tem, no entanto, a certeza de que o Botafogo reconhecerá os seus préstimos, equiparando seu salário ao dos demais titulares. E' fã ardoroso de «seu» Carlito, que, segundo êle mesmo diz, «anima muito a gente». Assistiu a poucos jogos do campeonato: seu maior entusiasmo é por Zizinho, a quem considera «o maior». Fora do gramado, gosta do mato, para caçadas. Considera o seu melhor «goal» o que fêz contra o Fluminense, no returno. Mora até hoje em Pau-Grande.

CASA MARQUES

ARMARINHO E CONFECÇÕES

ESPECIALISTA EM MEIAS, RENDAS, BORDADOS, FITAS E ARTIGOS PARA PRESENTES

Marques, Irmãos & Cia. Ltda.

Rua Arquias Cordeiro, 283

TELEFONE: 29-2681

MÉIER

Teleg.: MARQUINHO

Rio de Janeiro

VITÓRIA DA FIBRA E...

(Cont. da pág. 69)

do seu retôrno ao Vasco logo no início da presente temporada.

A diretoria da agremiação achou que assim o clube ficava livre do complexo Flávio Costa. Vários nomes foram estudados e o presidente Gilberto Cardoso optou pelo treinador paraguaio Fleitas Solich. O técnico guarani respondeu que só poderia aceitar o convite depois do sul-americano. Venceu o Paraguai, sob o comando de Solich.

Houve pelejas como a do turno, em Niterói, em que o goal da vitória sôbre o Canto do Rio só foi conseguido no último minuto, e como as do returno, que depois de estar perdendo até os últimos dez minutos, conseguiu espetaculares viradas superando o Olaria por 3x1, o Bonsucesso por 3x1, e logrando empatar por 3 pontos com o Vasco, após estar apanhando de 3x1.

De primeiro colocado nas oito primeiras rodadas do turno, passou no 2º pôsto outras oito rodadas, depois 3 rodadas em terceiro lugar, finalmente duas em 2º, e na 11ª rodada do returno, primeiro colocado.

A artilharia rubro-negra marcou em 22 jogos nada menos que 66 goals, que lhe proporcionou a liderança das ofensivas, sete goals à frente do 2º colocado neste setor, o Vasco. A sua defesa foi vazada vinte cinco vêzes, o que lhe deu a 2ª colocação. Assim o Flamengo marcou uma média de 3 goals por partida no campeonato, e sua defesa foi batida numa média de 1 goal, vírgula 13.

Os seus melhores chutadores foram Benitez com 17 goals, Índio e Rubens, com 16, Esquerdinha e Joel, com 5, Dequinha com 3.

Foram êstes os resultados dos 22 jogos disputados pelo Flamengo na parte de classificação: TURNO — Flamengo 4 x Madureira 0 — Flamengo 3 x Olaria 1 — Flamengo 1 x Portuguêsa 0 — Flamengo 5 x 4 x Bonsucesso 0 — Fluminense 3 x Flamengo 2 — Flamengo 2 x S. Cristóvão 2 — Flamengo 3 x América 1 — Botafogo 3 x Flamengo 0 — Flamengo 1 x Canto do Rio 0 — Flamengo 3 x Vasco 3. RETURNO: Flamengo 7 x Bangu 2 — Flamengo 3 x Olaria 1 — Flamengo 2 x Canto do Rio 1 — Flamengo 3 x Bonsucesso 1 — Flamengo 3 x Vasco 3 — Flamengo 1 x Botafogo 1 — Flamengo 5 x Portuguêsa 0 — Flamengo 3 x América 2 — Flamengo 5 x Madureira 0 — Flamengo 4 x São Cristóvão 0 — Flamengo 2 x Fluminense 1. Como se verifica em 22 pelejas, o rubro-negro venceu 16, empatou quatro, e perdeu apenas duas vêzes.

O trabalho de Fleitas Solich, dando personalidade ao time, fazendo-o jogar de primeira, sem dribles de fantasia, já lhe garantiu a possibilidade de disputar o título máximo decisivo, com o 1º colocado nesximo de 53, caso não vença o turte super-campeonato. Na pior das hipóteses já é vice-campeão.

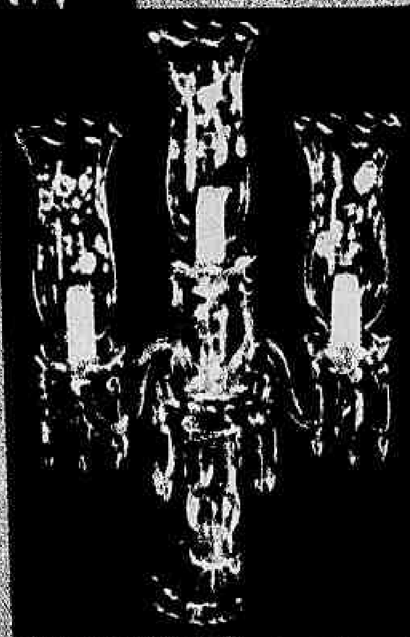
Artigos finos
• PORCELANAS
• CRISTAIS
• LOUÇAS
• FAQUEIROS
• BAIXELAS
• UTENSÍLIOS
• DOMÉSTICOS



LUSTRES DE CRISTAL



Lustre com 6 luzes B. D. — 4" Especial 4/G



Candelabro com 3 luzes pingentes B. D. com mangas 14/D





Apliques com pirolitos com espelho / 2 braços com mangas 8/A

GRANDE VENDA DE FESTAS

DESCONTOS ESPECIAIS

PELO CREDILUSTRE EM 12 MESES

CASA ALBERTO SILVA VASCONCELLOS

Rua do Senado, 67 — Sobrado

TELEFONE: 42-7450 — Rio

ACREDITO EM DEUS...

(Cont. da pág. 21)

19 — Acredita em Deus?

R — Acredito. Não acredito é que Deus acredite em mim.

20 — Se Pedro Alvares descobriu o Brasil, quem foi que o cobriu?

R — Getúlio Vargas.

21 — O cinema brasileiro existe?

R — A piada é sua. Ahá, ahá, ahá...

22 — Você se considera uma autoridade em humorismo?

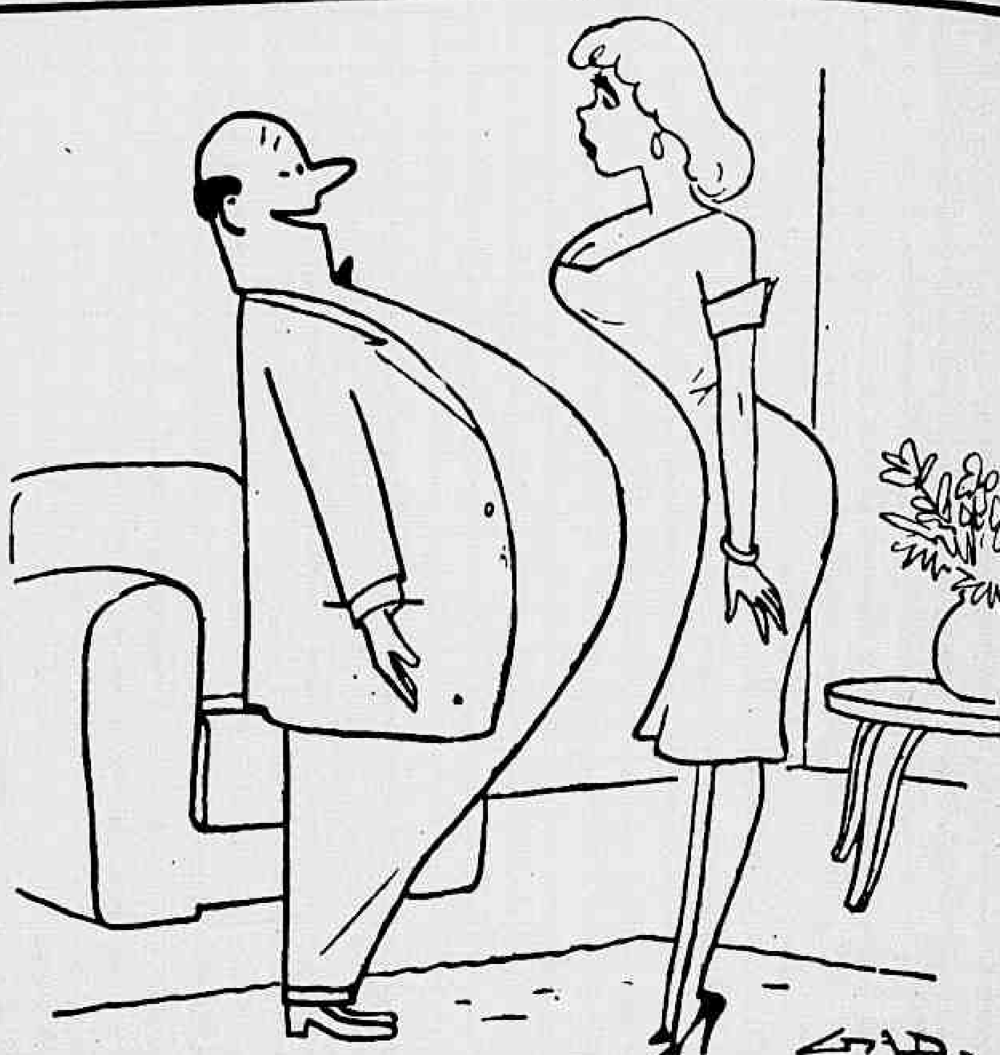
R — Tenho a última palavra. Já mandei até registrá-la no Ministério do Trabalho: é a palavra «zurzir».

23 — E que quer dizer do casamento?

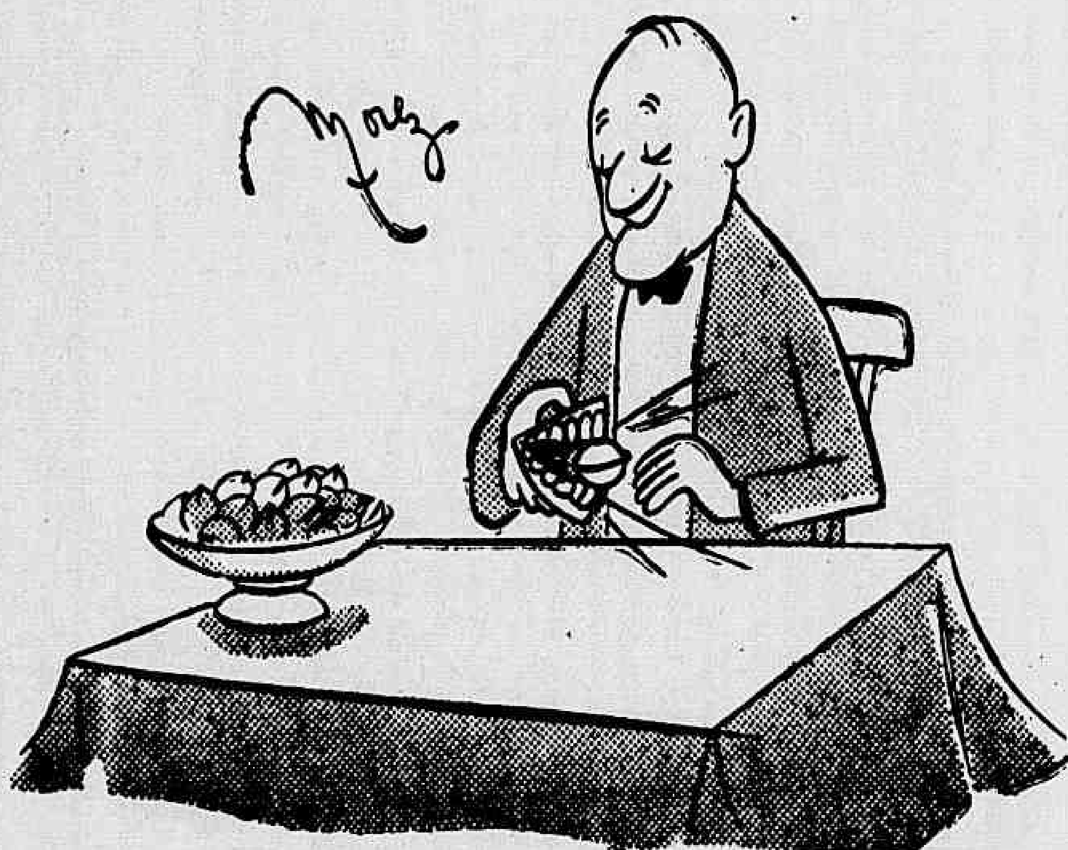
R — Uma instituição tão admirável como as gaiolas de passarinhos. O amor foi feito para viver de galho em galho, pipilando pelas árvores, fagueiro e primaveril. Se o condicionam a oito horas de trabalho diário e marcar cartão de ponto, êle sucumbe de tuberculose óssea.



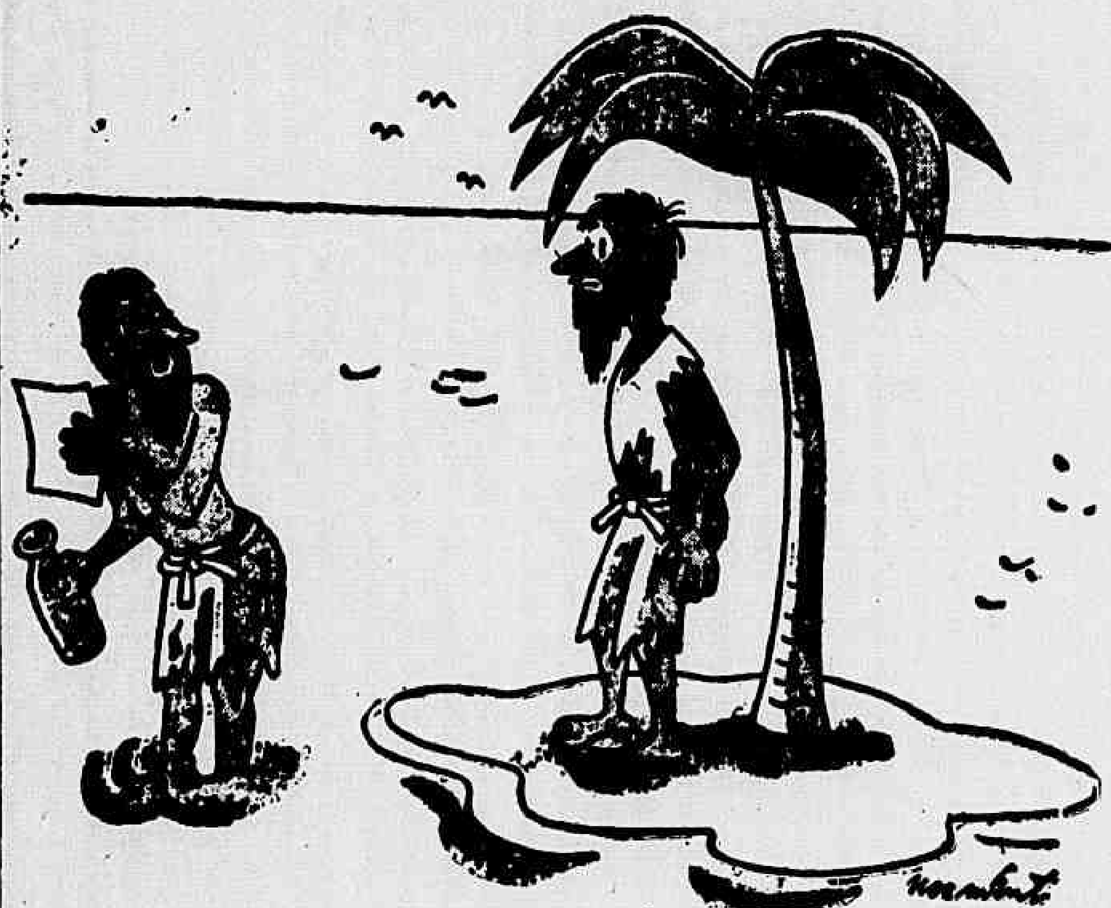
— Vamos, um pequeno «round» para decidir qual dos dois vai lavar a louça.



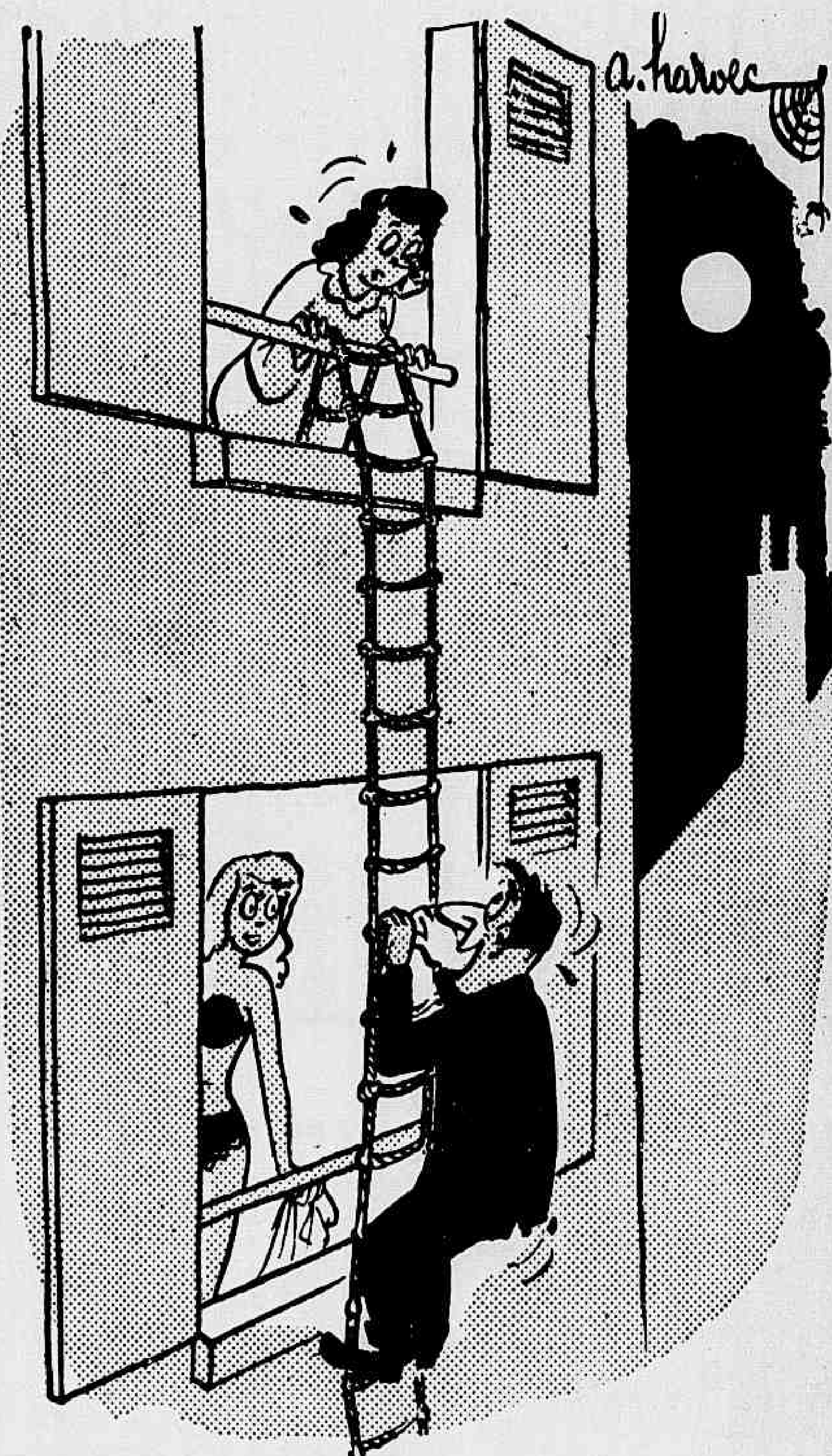
— Eu lhe asseguro, querida, que fomos feitos um para o outro...



SEM PALAVRAS



SEM PALAVRAS



— Estou fatigado, minha cara. Vou parar aqui um pouquinho.

O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS



— É o faquir que vai saltar...



SEM PALAVRAS



— E então? Você continua com mêdo de me mostrar o chapéu?



SEM PALAVRAS



— Mas, Alfredo, você não poderia deixar a gorgeta para depois?



— Êles são inseparáveis...

O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS

Lingerie fina



EXIJA EM TÔDAS AS BOAS LOJAS

A MARCA

Lingerie F.M.

O MAIS FINO ACABAMENTO

O NATAL TAMBÉM SE RENOVA

(Cont. da pág. 39)

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, dirigido com muitas palmas e foguetes pela sra. Niomar Muniz Sodré, instituiu, ano passado, uma série, também original, de cartões de boas-festas.

Os cartões do Museu de Arte Moderna, que são objeto desta reportagem, têm a vantagem sôbre os outros de haverem disfarçado o caráter comercial da iniciativa, enquanto que valorizam ainda o seu lado puramente artístico. Para muita gente, as reproduções que estampamos nestas páginas, de alguns cartões espostos a venda pelo Museu de Arte Moderna, parecerão absurdos já que nenhuma relação possuem com a estrêla, os bois, as neves ou os versos da cronista Eneida.

Para êsses leitores apressamo-nos em adiantar que êsses cartões foram ilustrados por um grupo de pintores pertencentes, com excessão de Carlos Val, ao chamado movimento concretista. Quanto mais, portanto, se desagradarem os leitores que não encontram nesses desenhos uma relação ou uma alusão aos elementos da receita do Natal, tanto mais satisfeitos estarão êstes pintores que trabalham sôbre elementos da geometria e não sôbre elementos da natureza como estrêla, menino, neve, trenó, etc. Um dêsses pintores, falando ao autor desta reportagem, espôs, em têrmos que nos parecem definitivos, os fundamentos da arte concreta, através dos quais ficamos sabendo que a pintura, mesmo quando faz alusão a objetos do mundo natural como neve, trenó, menino, etc., nunca deixa de ser côres ou linhas. Assim sendo, o mais honesto é fazer com que uma linha faça alusão apenas à uma linha, ou uma côr à uma côr, tornando-se, destarte, os próprios objetos a que fazem alusão. Pela composição os concretistas aspiram apreender uma sucessão linear de ritmos. Em última análise, êles nada têm a ver com o Natal. Essa história de Natal foi inventada pela diretoria do Museu de Arte Moderna.

Os pintores que colaboram com o Museu de Arte Moderna nos cartões de boas-festas são Ivan Serpa, Abrahão Palatinik, Lígia Pape, João José Costa, Décio Luís Vieira, Aloísio Carvão e Carlos Val.

Ivan Serpa que foi o primeiro talvez, entre nós, a manifestar em seus trabalhos uma tendência para o concretismo, é considerado pela boa crítica de pintura como dono de uma técnica e uma lucidez decisivas para a renovação da pintura brasileira. Atualmente dirige, para o Museu de Arte Moderna, uma escola de pintura para crianças desde três a doze anos. O método empregado por Serpa na escola, que será objeto de próxima reportagem da REVISTA DA SEMANA, consiste em dar à criança a maior liberdade de trabalho forçando-a, assim, a procurar em si mesma os elementos de ordenação pictórica. Com excessão de Abrahão Palatinik, os pintores acima citados já foram ou são ainda alunos de Ivan Serpa.

Abrahão Palatinik, que se tornou famoso com a criação de uma máquina que projeta numa tela e dá movimento à pintura que realiza, é outro que não cuida também em seus trabalhos senão de formas e figuras geométricas puras.

Quem, assim, tendo adquirido um dos cartões de boas-festas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, se preocupe descobrir nas ilustrações (que são originais para cada cartão) uma correspondência com os elementos da receita do Natal, decerto que verá entrar o ano-novo com sérias dores de cabeça. De qualquer forma, o sonêto de Machado de Assis pouco ajudará. Isto porque não mudamos nós nem o Natal, mas os pintores.

Eu Era do CONTRA



... o ambiente estava sempre carregado. Hoje não, a vida transcorre calma. É que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar - Com o acúmulo de toxinas no organismo a digestão é imperfeita. Daí a prisão de ventre. Com Eno tudo se normaliza e se gosa bom humor diário. Não seja "do contra" tome Eno, laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa" ENO

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

TACOS DE PRIMEIRA QUALIDADE

COLOCAÇÃO ESMERADA

ALBINO MESQUITA & CIA.

Rua D. Manoel, 22 e 26

TELEFONE: 42-1427

RIO DE JANEIRO

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visconde Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

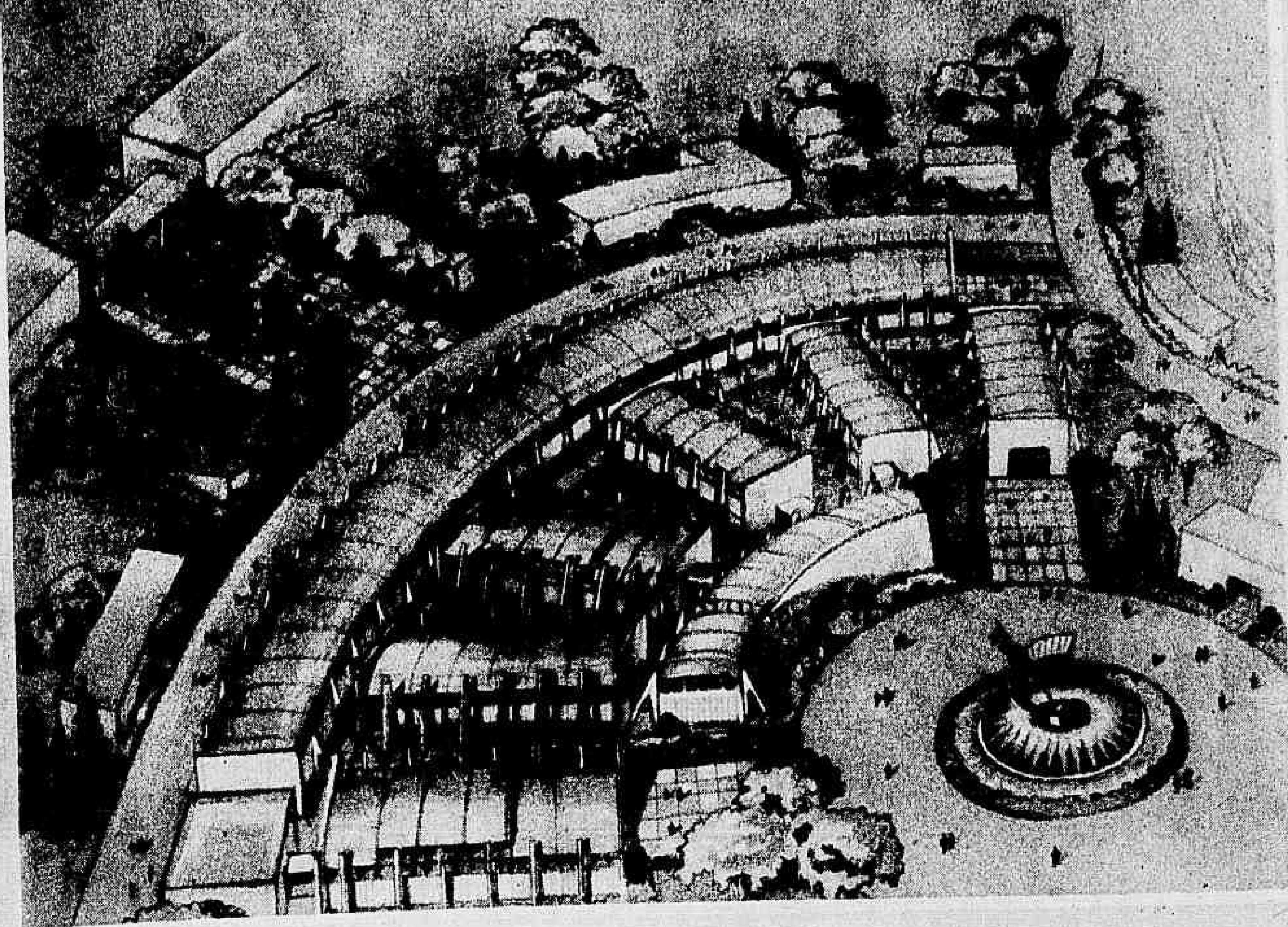
AGUA PURA

SAÚDE SEGURA

VELAS SENUN

ESTERILISANTE

FABRICADAS PELO PROCESSO SENUN



UM DOS CONJUNTOS DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ

1853 — 1953
PRIMEIRO CENTENÁRIO DO PARANÁ
•
CURITIBA VOS ESPERA!

VISITE A CIDADE SORRISO, DE 19 DE DEZEMBRO A 19 DE MARÇO, QUANDO ELA APRESENTARÁ AO MUNDO

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ e A FEIRA DE CURITIBA

UM MONUMENTO AO PRODUTO MAXIMO DO BRASIL, "O CAFÉ" E EMPOLGANTE PARADA DAS FÔRÇAS ECONÔMICAS DA NAÇÃO, COM A REPRESENTAÇÃO DAS MAIS IMPORTANTES INDÚSTRIAS NACIONAIS, NUM AMBIENTE DE GRANDIOSIDADE E ENCANTAMENTO. UM MUNDO DE DIVERSÕES E ATRAÇÕES VOS ACOLHERÁ!



VISTA PANORÂMICA DE CURITIBA

Vitória da fibra e da fôrça - de - vontade

FLAMENGO

O QUASE CAMPEÃO!

O drama de nove anos em busca de um título ★ Sete treinadores em busca de uma ilusão perdida no tri-campeonato ★ O campeão sul-americano quer ser campeão carioca ★ A campanha do campeão dos dois turnos.

Reportagem de LEVY KLEIMAN





BENITEZ, artilheiro do rubro-negro, com 17 goals no final do returno, um dos grandes da ofensiva.

O futebol tem dessas coisas. Promove um autêntico carnaval de cuíca e tamborim em pleno mês de dezembro. Única e simplesmente porque o Flamengo, o clube das massas, deu um grande passo para a conquista do título máximo do campeonato carioca de 1953. A torcida rubro-negra, a mais numerosa, a mais entusiástica, a mais fanática, a campeã das arrecadações nos campos da cidade, espera há longos nove anos por uma satisfação, a do seu time alcançar o campeonato. Foi em 1944 que o Flamengo conquistou pela última vez o galardão mais cobiçado, com aquêle célebre e discutido goal de Valido, pulando nas costas de Berascochéa, no jôgo decisivo ante o Vasco na Gávea. Naquela tarde o clube local alcançou também o tri-campeonato. Desde então é que a legião de apaixonados pelas côres rubro-negras aguarda o instante de cantar honradamente o seu hino.

Flamengo, Flamengo
Tua glória é lutar
Flamengo, Flamengo
Campeão de terra e mar.

Depois nada mais deu certo. O Flamengo experimentou uma porção de técnicos. Flávio Costa, Ernesto Santos, José Ferreira Lemos; Gentil Cardoso, o português Cândido de Oliveira, Togo Renan Soares (Kanela), e novamente Flávio Costa, foram os preparadores que par-



O TIME DO CLUBE DE REGATAS FLAMENGO, CREDENCIADO A SAGRAR-SE CAMPEÃO CARIOCA DE 1953, levando-se em conta suas últimas soberbas atuações. Em pé: Servílio, Chamarro, Pavão, Marinho, Dequinha e Jordan. Agachados: Joel, Rubens, Índio, Benitez e Esquerdinha.

saram pela Gávea, sem conseguir, por êste ou aquêle motivo, encontrar o caminho da vitória para o time rubro-negro. Falta de bons jogadores não foi, porque as diretorias nunca negaram os elementos solicitados pelos preparadores. Os adversários em melhores condições físicas e técnicas? Talvez. O certo é que o Flamengo não acertava apesar dos esforços dos jogadores. Não existia mais a mística das onze camisas, que jogavam sòzinhas pelo «mais querido».

O Flamengo depois do tri-campeonato de 1944 logrou as seguintes classificações nos campeonatos consecutivos até esta temporada:

1945 — Terceiro colocado juntamente com o América, com 11 pontos perdidos. O campeão foi o Vasco, com 5 pontos perdidos, e o vice-campeão, o Botafogo, com 9.

1946 — Terceiro colocado com 7 pontos perdidos, no super-campeonato, pois terminara o certame empatado em primeiro lugar juntamente com o Fluminense, América e Botafogo. O campeão, ou melhor o super-campeão foi o Fluminense, e o vice-campeão, o Botafogo.

1947 — 5º colocado, com 14 pontos perdidos. O Vasco foi o campeão, com 3 pontos perdidos. Vice-campeão, Botafogo, 10. 3º — América, 11. 4º — Fluminense, 12.

1948 — Terceiro colocado, juntamente com o Fluminense, com 12 pontos perdidos. Campeão, Botafogo, com 4, e vice-campeão, Vasco, com 6.

1949 — Terceiro colocado, com 13 pontos perdidos. O campeão foi o Vasco, com 2 pontos perdidos, e o vice-camepão, o Fluminense, com 9.

1950 — Sétimo lugar, com 23 pontos perdidos. Campeão Vasco, com 6. 2º — América, 9. 3º — Bangu, 10. 4º — Botafogo, 12. 5º — Olaria, 21. 6º — Fluminense, 22.

1951 — Terceiro colocado, com 15 pontos perdidos. Em 1º, Bangu e Fluminense, 9. Na decisão, o Fluminense conquistou o título. 2º — Botafogo, com 10.

1952 — Vice-campeão, com 10 pontos perdidos, em companhia do Fluminense. Campeão, Vasco da Gama, com 4.

Como se verifica o Flamengo foi em 8 anos cinco vêzes terceiro colocado, uma vez vice-campeão, uma vez quinto colocado, e uma vez obteve o sétimo lugar. O vice-campeonato foi conquistado sob a orientação de Flávio Costa, que retornara a Gávea em 51. A pior colocação foi obtida sob a supervisão do conhecido treinador lusitano Cândido de Oliveira, inúmeras vêzes técnico da seleção de Portugal.

Flávio Costa quando em 1951 voltou ao Flamengo trazia um plano quinquenal para a reabilitação do plantel rubro-negro, e por isto estourou feito uma «bomba atômica» no seio do «clube mais querido do Brasil» a notícia

(Cont. na pág. 63)



DEPOIS do jôgo contra o Vasco, Marinho e Esquerdinha sob o chuveiro, mesmo de uniforme.

A Semana EM REVISTA

BALLET

CONFORME PREVÍRAMOS, constituiu-se em lamentável fracasso a «tournée» do Corpo de Baile do Municipal a Montevídéu. Excursão organizada pelo arbitrário Barreto Pinto, mais interessado em tirar passaporte para os amigos do que pròpriamente no apuro da parte artística dos excursionistas, não se podia esperar outra coisa das apresentações dos brasileiros no Teatro Sodre. Embora o público presente tenha se manifestado favoràvelmente em alguns momentos, a crítica foi impiedosa, com raras exceções. Quanto ao êxito financeiro da empreitada, nem se podia cogitar de outro resultado tais e tantos foram os desmandos do empresário Barreto, que queimou o dinheiro da municipalidade para se divertir e divertir os seus amigos. Para que os leitores tenham uma idéia do que foi a «tournée» organizada pelo deputado das cuecas, basta dizer que até o cançonesista francês Jean Cartier (recente fracasso no Teatrinho Jardel, com a peça de Haroldo Barbosa «Vai da Valsa»), assim como as «bailarinas orientais Mata Hari», fizeram parte da delegação. Isso para citar nomes de artistas mais ou menos conhecidos do público, pois foram vários os amigos de Barreto Pinto que passearam a custa do Municipal, sem que para isso tenham jamais subido num palco, nem mesmo para um fracasso, que é a única bagagem artística do Cartier, por exemplo.

Uma lástima. E a gente fica sem compreender como é que deixam ainda Barreto Pinto dirigir o Municipal.

★



TAMARA GREGORIEVA

UM DOS GRANDES problemas do «ballet» do Municipal é a aquisição de um novo coreógrafo. Quando se fala nisso a comissão artística faz corpo mole, diz que os bons coreógrafos são caros, que não querem deixar a Europa, etc. Pois muito bem, porque não se consulta Tamara Grigorieva? Sabemos de fonte limpa que ela aceitaria um convite, ainda mais **porque está perto daqui, atuando com destaque no Sodre de Montevidéu.**

Além de dançarina extraordinária no seu estilo (mistura de moderno e clássico) criou diversas coreografias e possui uma fantástica memória para recordar passos e bailados. Artista inteligente, culta e bela, possui um recomendável «back ground», pois estudou em Paris com Preobajenska, fêz carreira no «Ballet Russe» de De Basil, onde dançou grandes papéis, como «Sheherazade», «Presagios» e «Filho Pródigo». Em 44 deixou o «Ballet Russe» e dançou no Brasil, no Colon de Buenos Aires, e no momento, como ficou dito, está brilhando no Sodre, de Montevidéu. Em 1954, durante os festejos do IV Centenário de S. Paulo, dançará ali o «Martírio de São Sebastião», de D'Annunzio, com música de Debussy e coreografia de sua própria autoria.

O FLA-FLU EMPOLGOU — O sensacional Fla-Flu de domingo, dia [illegible] último, reabilitou plenamente o famoso clássico do futebol brasileiro, Flamengo e Fluminense, os velhos rivais das canchas cariocas. Uma tarde brilhante, límpida e arejada, graças às chuvas que caíram pela manhã, levou ao Estádio do Maracanã, uma das maiores assistências desde os jogos do Campeonato Mundial de 1950. O público torcedor acorreu em massa para apreciar a partida que veio decidir o certame de dois turnos. Ali não compareceram apenas os milhares de fãs dos dois contendores mas também os torcedores de todos os demais clubes da cidade. E nesse dia também outros tantos milhares de ouvidos em todo o Brasil estiveram com os dials dos seus receptores ligados para as emissoras que irradiavam do Maracanã o jôgo espetacular. Os marcadores na partida que deu a vitória ao Flamengo sôbre o Fluminense, foram Índio e Rubens (Fla) e Marinho (Flu). A renda, que apesar de apreciável não superou o «record», foi de Cr$ ..... 1.795.704,90. Na manhã seguinte, definindo o estado de ânimo dos técnicos de ambos os esquadrões, um jornal estampava a seguinte manchete esportiva: «Fleitas Solich (Fla) para as alturas e Zezé Moreira para o Infernos. No flagrante acima, aparece Pavão, do Flamengo, exibindo feliz, o resultado da peleja.



PAVÃO

Cartazer

● *Quando saiu do Rio os ditos da moda eram "sossega leão", "tereré não resolve" e outros mais. Foi para a Europa, passou muitos anos lá e agora, de volta, sente-se profundamente desambientado. Não — explica — com os lugares e as coisas, mas com a linguagem popular, com as expressões usadas pelos daqui que, para êle, são difíceis de entender. No dia seguinte à sua chegada já reclamava contra aquilo que chamou de dialeto carioca. Do hotel em que se hospedara, telefonou reclamando a presença do amigo para matar saudades e tomar um "drink" (noutros tempos "matar o bicho"). Como o outro quisesse saber em que hotel estava, começou o seu drama:*

— Estou no Ambassador, Embassador, Ambaxador, Eimbaixa...

E explodindo a sua raiva: — Mas que diabo de língua vocês estão falando agora?

O amigo adivinhou que estava no "Ambassador" e partiu para lá, disposto a acalmá-lo. Pouco depois, sentados no bar, armados de uísque e soda, contava o seu roteiro da véspera. Almoçara, lá mesmo, perto da praça Mauá, num lugar chamado "Sub-way"; depois viera para aquêle "Embassador".

— "Ambassador" — corrigiu o amigo.

Pois é, viera para o "Ambassador", à tarde tomara um "mata bicho" num tal de "Night and Day", jantara no "Le Provençal" e acabara num lugar chamado "Siroco", ou coisa parecida. Sòmente de volta ao seu quarto é que começara a pensar em todos êsses nomes complicados e ficara com saudades dos bares e cafés do seu tempo: Café Simpatia, Praia Bar, Joá, Bar Alpino e alguns outros, a maioria com nomes de santos. O amigo consolou-o como pôde, citou o progresso, o que, aliás, deixou-o um pouco encabulado, e passou a outros assuntos.

● *Três meses passaram, desde o dia em que os dois se encontraram; três meses em que o viajante aproveitou para matar saudades de tudo e de todos. Volta e meia tomava um susto ou tinha uma surprêsa. No dia em que lhe disseram que a Tereza empurrava papel na CEXIM, ficou contrariadíssimo. Não podia admitir que sua antiga namorada acabasse assim, fazendo faxina em repartição pública. Foi preciso que lhe explicassem que empurrar papel na CEXIM tem feito a fortuna de muita gente e não tem nada a ver com faxina.*

De outra feita, o "dialeta carioca" pregou-lhe uma peça em plena rua. Esbarrou por acaso num sujeito e, apressado, pediu desculpas. O outro sorriu e limitou-se a responder: — Vai levando! E estaria insultado até hoje se, mais tarde, alguém não lhe contasse que "vai levando" corresponde mais ou menos a "deixa pra lá".

E assim viveu êle os seus três meses de visita, perdido num amontoado de expressões, ditos e gírias. Mas alguma coisa aprendeu, pelo menos é a dedução que se tira do bilhete que deixou para o amigo, quando conseguiu um novo negócio no estrangeiro. Antes de partir escreveu uma rápida despedida: "O Papai vai todo. Arranjei um jabaculê de penacho e parto amanhã. Tá?"



MARLENE

TEATRO

DOIS NOVOS teatros foram inaugurados na zona sul da cidade. O primeiro, onde era o Cassino Atlântico, estreou com a revista «Casa da Viúva Costa», tendo a frente do elenco o luso João Vilaret. Mas Vilaret estará por poucos dias, porém. Depois de dois longos anos no Brasil, onde atuou nos mais variados espetáculos, desde recitais de poesia; teatro sério, como «A Ceia dos Cardeais»; «shows» de «boite», como aquêle «Como é diferente o amor em Portugal»; ou revistas, tal como «Olha o Pixe», e esta em que figura agora, passando pelos programas de rádio e até de televisão, volta o ator a Portugal onde, ao que se anuncia vai contratado para representar um dos principais papéis da «Antigona», de Anouilh.

Quanto ao outro teatro inaugurado na zona sul, trata-se do Danúbio, situado no Leme, que também apresenta espetáculos de variedades e anuncia como grande atração a senhora Sandra Montez, aquela mesma que dança com um gorila e que a censura não permitiu que atuasse na extinta companhia de Joanna D'Arc, quando a empresária encenou a discutida e malfadada revista «Bomba da Paz».

Sandra, depois de algum tempo conseguiu fazer o seu número na «Boite 3B», e alegou-se que ali era mais razoável um espetáculo impróprio para menores.

Mas... e agora? Como se explica que apareça numa revista em teatro de bairro? Enfim há mais coisas com essa censura teatral do que supõe a nossa vã filosofia.

★

MARLENE E LUIS DELFINO mudaram afinal o cartaz do Rival. Estão agora representando a peça «Jeu de Dame», traduzida por Brício de Abreu e batizada com o nome de «Maya». Como os leitores devem saber, «Maya» é o título de uma outra peça, de retumbante êxito em Paris e, para pegar os incautos passou a ser o apelido desta outra, que o sr. Brício traduziu, e que é anunciada também como grande sucesso em Paris. Não seria mais honesto explicar que não se trata da mesma? Não seria, dona Marlene? Não seria «seu» Delfino? Hein, «dr.» Brício?

PARA UMA RAPIDA temporada de fim de ano, estreou, na semana que passou, a atriz Eva Tudor, com sua companhia, no Serrador, deixado nas vésperas por Silveira Sampaio, que ali permanecera seis longos meses, na sua primeira experiência da Cinelândia. Eva, que tem seu público certo, apresenta «A Costela de Adão».

★

EM COPACABANA dois teatros de revista e, pendente, um de teatro sério. São êles o Follies e o Jardel e o Teatro de Bôlso, respectivamente.

★

O «Follies» ainda sob o comando do empresário Zilco Ribeiro, apresenta «O. K. Baby», um original do próprio Zilco e de Mário Guimarães Ribeiro. O elenco, comandado por Virgínia Lane, está cheio de nomes conhecidos do público, como as bailarinas Sandra Dickens e Gene de Marco, o cômico Pituca, o bailarino Denis Gray e belas coristas, como Consuelo Leandro, Helena Martins e outras.

No Jardel está «Botando azeite é melhor». Há os números de canto da espirituosa Déo Maia e o resto não chega a impressionar favoràvelmente a uma platéia, já não dizemos exigente, mas, pelo menos, um pouco mais «esclarecida» do que essas que costumam lotar os auditórios da Rádio Nacional.

★

Quanto ao Teatro de Bôlso, depois da surpreendente atuação do «Studio 53», que brilhou por mais de um mês num palco onde devia se apresentar sòmente uma semana, foi ocupado pelo «Teatro dos Novos», de Maria Matos, que encenou três peças de um ato, sob a direção de José Maria Monteiro.

Não foi feliz, porém, a nova companhia e ao contrário da outra, viu-se obrigada a fechar definitivamente o pano, muito antes do que esperava.

★

No momento, enquanto estudam-se propostas de outros pretendentes, o Teatro de Bôlso permanece fechado.

DISCOS

★ ÂNGELA MARIA — «Orgulho» e «E' Ilusão» — Ângela mudou de fábrica, saindo da Victor e firmando contrato com a Copacabana, mas não mudou de gôsto. Canta bem sempre, sem dúvida, mas escolhe cada bolero... (Copacabana).

★ JORGE VEIGA — «Turco Malandro» e «Sambista no Céu» — Jorge, «o caricaturista do samba», em sambas de breque, estilo que o transformou num nome famoso. Ouçam com atenção êsse «Turco Malandro», é um número cheio de bossa. (Copacabana).

★ CARMEN COSTA — «Eu sou a outra» e «Não pode mexer» — A grande sambista Carmen Costa, nome esquecido da fama, mas sempre em atividade e sempre cantando mais do que qualquer esganiçada de auditório. Êste ano ela lançou um excelente samba — «Busto Calado» — que passou desapercebido por dois motivos: 1º) foi gravado na Star; 2º) O acompanhamento do autor — o saxtenorista Cipó — estava péssimo. Nos dois números em epígrafe ela está bem e as gravações são tècnicamente melhores do que a de «Busto Calado». (Copacabana).

★ TIA AMÉLIA — «Meu poeta» e «Chuvisco» — A velhinha de Goiás, a Tia Amélia, descoberta de Carmélia Alves, que deixou os entendidos federais maravilhados com suas saborosas composições genuinamente brasileiras. Tia Amélia é tôda aquela brejeirisse que Nazareth criou, Pixinguinha seguiu e os «bobocas modernos» estragaram. «Meu poeta» é uma homenagem a Vinicius de Morais que é, aliás, o padrinho do «Chuvisco». Este é um disco imprescindível na discoteca dos colecionadores de música regional brasileira. (Continental).

OS DISCOS DO MÊS:

«São Paulo Quatrocentão» — Garôto e sua bandinha (Odeon). «A bandinha do Zé Caititu» — Guio de Morais e seus Parentes (Todamérica). «Meu Poeta» e «Chuvisco» — Tia Amélia em solo de piano (Continental). «A mulher que é mulher» — Dircinha Batista e orquestra (Odeon). «Sapeca» — Jacob e seu bandolim (Victor).



ÂNGELA MARIA



SÚZAN HAYWARD

CINEMA

OS DISTRIBUIDORES de filmes no Brasil, tôdas as vêzes que tentam nova investida para o aumento nos ingressos, vem com a batida cantilena de que é em nosso país que os espetáculos cinematográficos custam mais barato. É. De fato é mais barato o ingresso de cinemas em nossa terra, mas é também uma insofismável verdade que em nenhum lugar é tratado com tão pouco caso é freqüentador das salas de projeção.

Os cinemas do Rio não tem refrigeração. Com raríssimas exceções não são refrigerados os nossos cinemas; apenas fingem ser, mantendo um aviso à entrada. Ainda na semana passada pudemos constatar isso em alguns cinemas da zona sul, como o Leblon, o Miramar e o Roxi, assim como o Vitória e o Plaza, na Cinelândia. Em matéria de higiene, sòmente os três Cines Metro apresentam instalações satisfatórias, o resto é uma lástima. Que o leitor constate pessoalmente, visitando o Astória, ou o Presidente, ou o Roxi, ou o Miramar, por exemplo, o monstrengo Miramar que inexplicàvelmente recebeu permissão para funcionar na praia do Leblon, embora atentando contra a estética e embora não tendo água, refrigeração e estando, sistemàticamente superlotado.

Últimamente, algumas emprêsas inauguraram uma nova modalidade de enganar o público, ou seja, exibem filmes antigos sem qualquer aviso, sem explicar que se trata de uma reprise. E' claro que ninguém é obrigado a se lembrar dos nomes das centenas de fitas que passam pelas telas da cidade durante o ano e é, talvez, apoiados nesta certeza, que os exibidores lançam mão dêsse processo pouco recomendável para ludibriar mais uma vez o pagante. Ainda na semana passada, diversos cinemas do Rio exibiram uma fita chamada «Paixão Selvagem», dirigida por Jacques Tourner, e interpretada por Dana Andrews, Susan Hayword, Hoagy Carmichael, Brian Donlevy e Ward Bond. Pois muito bem, tal fita foi feita em 1946 e passada pela primeira vez no Brasil em 1948, há cinco anos pois. E' uma boa fita, não resta dúvida, mas também é uma boa sujeira exibi-la novamente disfarçando a reprise.

REBENTA O TUMOR DA CEXIM

ERA NOS CORREDORES A A DANÇA DOS MILHÕES

CORIOLANO E VIRGÍLIO DE GÓIS ENFRENTAM, NA CÂMARA, ACUSAÇÕES TREMENDAS QUE ESTÃO ABALANDO O PAÍS, DE NORTE A SUL ★ E O DEPUTADO PADILHA PROMETE REVELAÇÕES AINDA MAIS ESTARRECEDORAS.

Reportagem de HÉLIO ABREU

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Perante um parlamento estarrecido, leu o deputado Raimundo Padilha a carta-denúncia do industrial Severino Taciano da Costa Barros, na qual era apontado um filho do diretor da Cexim como responsável pela tentativa de extorsão de Cr$ 20.000.000,00 levada a efeito contra a firma Mc Coy, representada pelo industrial.

A história da Cexim é, tôda ela, cercada de mistérios e suspeitas. Desde a sua criação, pesa sôbre os seus negócios a sombra das maiores desconfianças que se podem conceber em relação a um órgão de sua responsabilidade. O que agora acontece e que tanta celeúma vem levantando, é coisa velha e há muito esperada. Ninguém, neste país, tem dúvidas sôbre a gravidade das declarações do sr. Taciano da Costa Barros, que, com uma serenidade impressionante, narra em detalhes o drama de sua firma nos corredores da Cexim, buscando licenças de importação, drama que culminou com a proposta do sr. Virgílio de Góis, filho do sr. Coriolano de Góis, antigo diretor da Carteira, sugerindo uma propina de 20 milhões de cruzeiros (com a qual a princípio concordou o industrial) como maneira única, no dizer de Góis, de se liberar as licenças ali pendentes. O negócio terminou com o desaparecimento do processo da firma Mc Coy, do qual constava importantes documentos de difícil recomposição. Foi aí que o industrial estrilou e foi buscar na Câmara o remédio para o assunto. Escolheu o deputado Raimundo Padilha como seu porta voz.

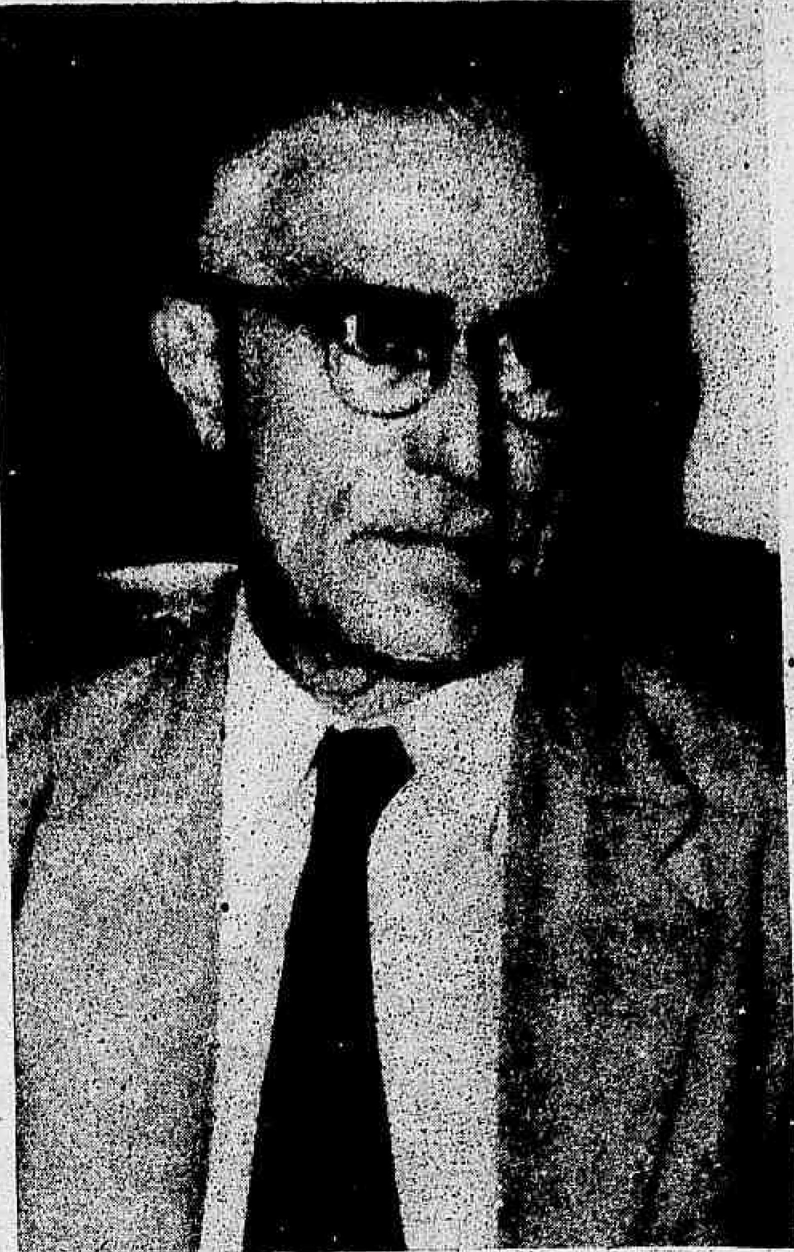
O parlamentar fluminense é um antigo funcionário do Banco do Brasil, dono de reconhecida coragem e cuja linha política, na atualidade, vem merecendo elogios apesar de suas responsabilidades como antigo chefe do «Sigma» na velha província. Com o estouro do escândalo, o sr. Coriolano de Góis, que agora vinha dirigindo a Carteira de Crédito do Banco do Brasil, renunciou o seu pôsto antes mesmo que a Comissão Parlamentar que investiga os negócios da Cexim assim o sugerisse, como mais tarde sugeriu.

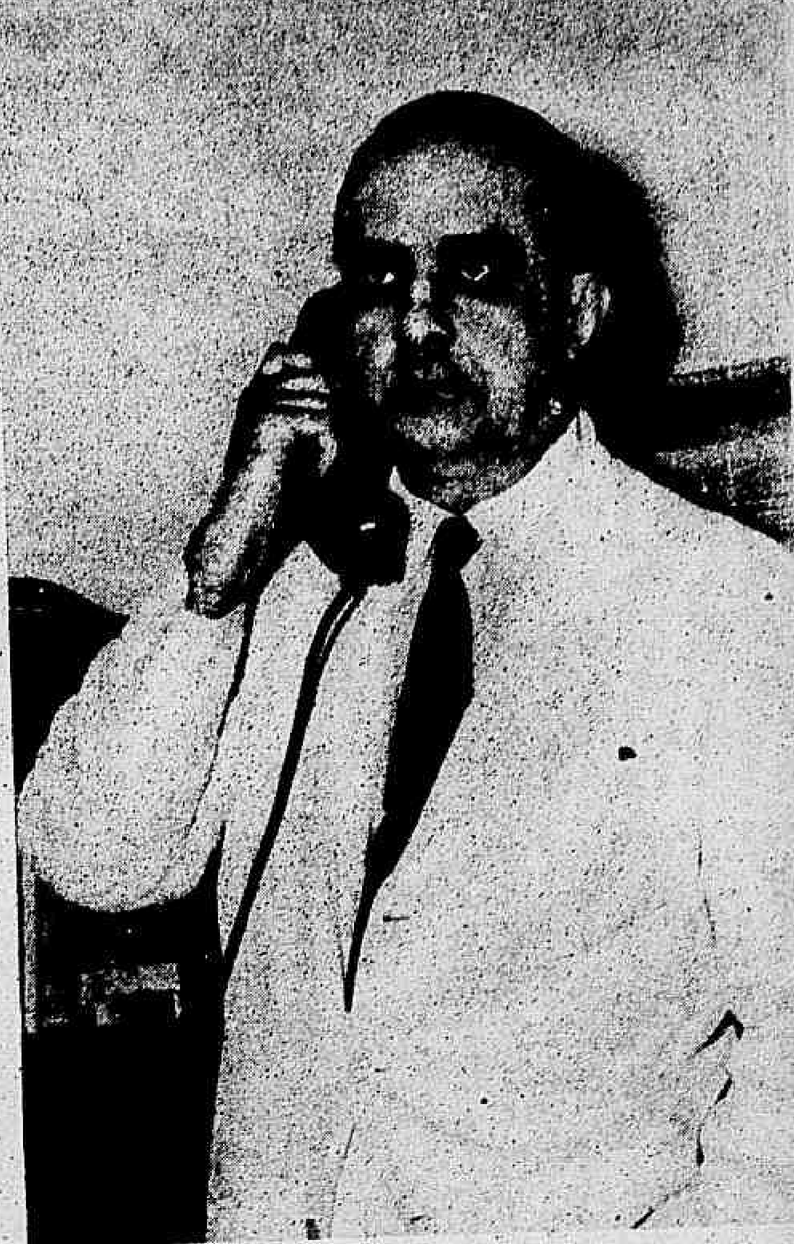


PADILHA: «CONHEÇO TODOS OS LADRÕES DA C.E.X.I.M.»

Assim, temos o escândalo nas ruas e, para imprimir maior fôrça às acusações do industrial Costa Barros, fêz o deputado Raimundo Padilha minucioso levantamento da vida pregressa e atual de todos os funcionários da Carteira de Exportação e Importação (Cexim), e o resultado dêsse trabalho foi revelado pelo parlamentar ao microfone e pela televisão, onde afirmou conhecer «todos os ladrões» daquele setor oficial, nominando, mesmo, alguns servidores (ontem pobres) da Cexim que hoje andam montados em carros de alto preço. Na sindicância que empreendeu, utilizou o deputado elementos de sua família, inclusive suas irmãs, primas e sobrinhos. Como prêmio (é êle quem afirma) obteve farta documentação capaz de comprometer não só o sr. Coriolano de Góis e seus auxiliares imediatos, como também a grande número de militantes daquela Carteira. A nação espera que o Parlamento cumpra, mais uma vez, o seu dever, e aponte os prevaricadores à execração pública.







Virgílio de Góis

«Nunca vi êste homem! (referindo-se ao seu acusador). O que desejam é atingir meu pai e isto já conseguiram, pois êle renunciou ao cargo que ocupava no Banco do Brasil. Nunca, durante o tempo em que secretariei meu pai na Cexim, ou em qualquer tempo, tive a menor responsabilidade na marcha de processos de importação. Posso convidar um homem da probidade de um Aliomar Baleeiro para fazer o levantamento de minha vida. Nada tenho e nada tive. No Banco do Brasil, de onde sou funcionário, sempre recebi vencimentos modestos e jamais qualquer sombra de dúvida pairou sôbre minha conduta. Vamos processar criminalmente o autor da calúnia. Já contratamos o causídico Evandro Lins e Silva para êste fim. Considero levianas as acusações que me fazem. Nunca vi, repito, o sr. Severino Taciano da Costa Barros, que insiste em afirmar coisas a meu respeito absolutamente inverídicas. Disse êle que, de certa feita, almoçamos juntos no restaurante «Cabaça Grande», o que é uma inverdade. Não temo acareações; não temo absolutamente coisa alguma, pois sou inocente. Repito: não é a mim que desejam atingir, e sim a meu pai. Êle (Severino) disse ter sido procurado por um suplente de senador. Qual o nome dêste suplente? Não sabe. Disse também que no almôço no «Cabaça Grande» levei comigo um companheiro. Qual o nome dêste companheiro? Não sabe. O que sabe então o sr. Severino Taciano da Costa Barros? Nada. Mostra apenas o desejo de atirar leviandades sôbre pessoas honestas que, nas posições que detiveram, nunca tergiversaram sôbre a verdade. Vamos aguardar a evolução dos acontecimentos e, no fim, a justiça triunfará». Ao encerrarmos os trabalhos desta reportagem, a Comissão de Inquérito da Câmara dos Deputados já havia colhido o depoimento do sr. Virgílio de Góis, que negou tôdas as rumurosas acusações de Severino Taciano da Costa Barros. O caso, entretanto, prossegue, e o deputado Padilha promete revelações ainda mais sensacionais.

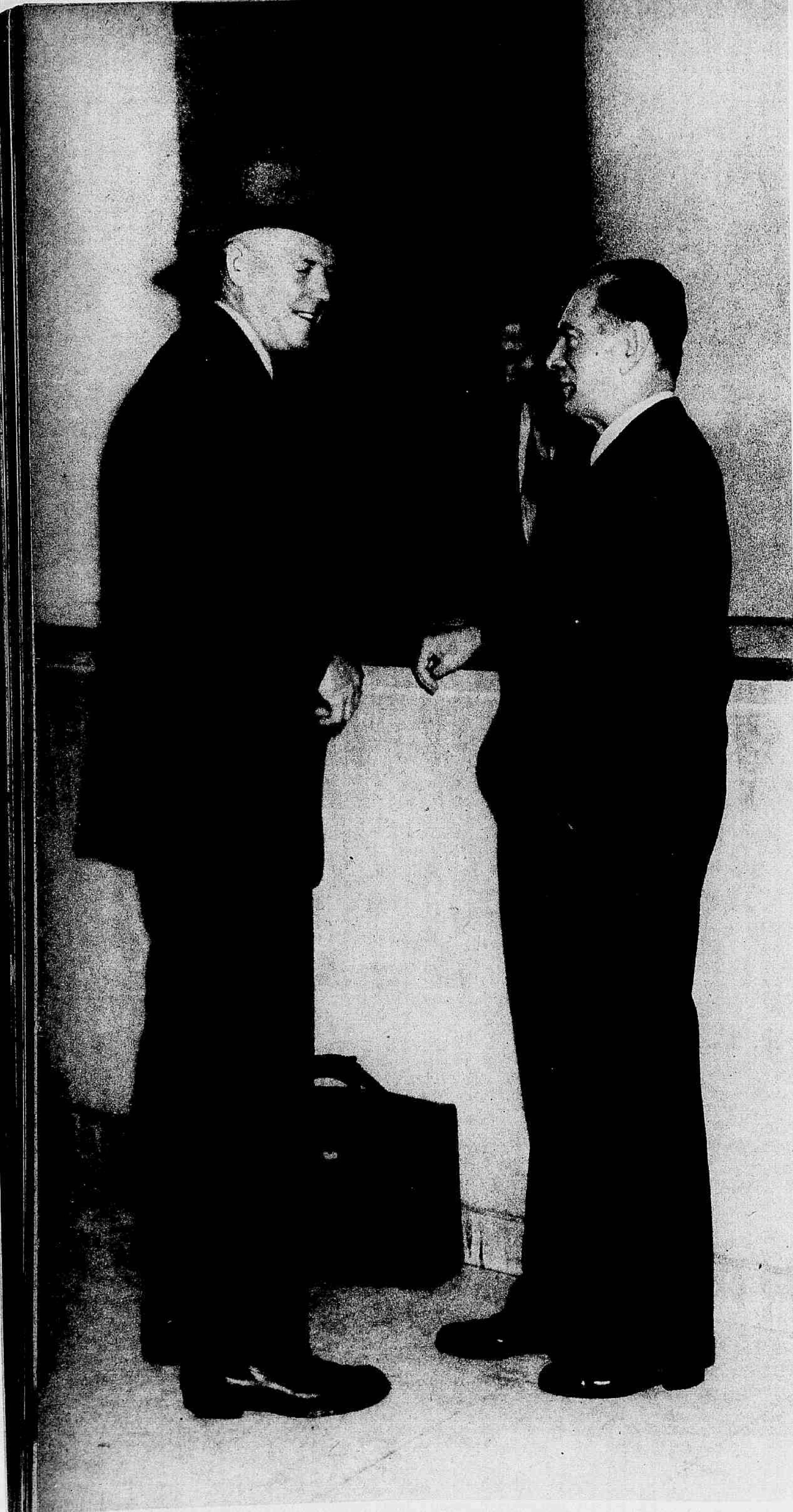
Costa Barros

O industrial-bomba Serevino Taciano da Costa Barros que vem, através de impressionantes declarações, demolindo reputações e tabus. A seu respeito nossa reportagem realizou demoradas sindicâncias e a conclusão obtida foi de que se trata mesmo de um homem honesto, cujo passado nada tem de desabonador. E' paraibano de nascimento e, embora residindo em São Paulo, onde tem seus negócios, possui aquela têmpera que faz do nordestino um forte. «Quando um homem da minha idade e da minha experiência vai à liça num caso de tal gravidade — disse-nos o industrial — é porque sabe que, em assim procedendo, estará prestando um benefício à coletividade. Não ignoro que mobilizei contra mim enormes influências mas, por que não dizer, tenho certeza que o lado sadio da nação me fará justiça. Não sou um leviano. Na minha idade o que se quer é um fim de vida tranqüilo, e nada mais. Por que, então, fiz a denúncia ao deputado Raimundo Padilha? As razões são muitas, mas, a principal, está consubstanciada no fato de ter sido eu vilmente enganado durante meses a fio para, no fim, ter ainda extraviado o próprio processo da firma «Mc Coy Company», que represento, e ter ficado sem 300 mil cruzeiros que forneci a funcionários da Cexim, por exigência dêles, em troca de documentos que mais tarde soube ilegítimos. Não temo uma acareação com o sr. Virgílio de Góis, pois não acredito que êste moço tenha a desfaçatez de negar, em minha presença, a verdade sôbre o fato. Não fôsse o criminoso extravio de meus documentos e eu talvez me submetesse à chantagem de que fui vítima. Advirto que os referidos documentos desapareceram sòmente depois de ter eu discordado de aquinhoar o sr. Virgílio de Góis e o seu amigo com os 20 milhões. Não faço, diretamente, nenhuma acusação ao sr. Coriolano de Góis, uma vez que, com êle, nos diversos encontros que tivemos, não se falou em propinas».

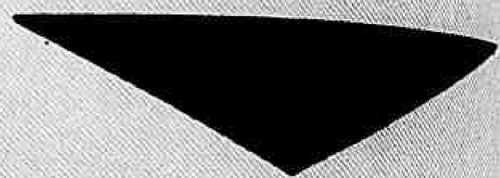
Coriolano de Góis

Repele as acusações e afirma não passar tudo de maquinações do sr. Osvaldo Aranha para lhe tomar o cargo... Mas, quando tratou de ditar as linhas que abaixo publicamos, omitiu o que antes revelara sôbre a intervenção do Ministro da Fazenda no caso que vem abalando o país. Estas foram as declarações do sr. Coriolano de Góis:

«Êste caso, em qualquer país, não seria tomado a sério dada a fragilidade das acusações. De que, afinal, sou eu acusado? De ter dado alguma licença a esta firma? (Mc Coy). De não ter dada a mesma licença alguma? Sim. Mas, porque não dei? Não dei porque a mesma já tinha sido indeferida pelo sr. Simões Lopes e o assunto estava, portanto, encerrado. Mas, segundo o autor da denúncia, alguns intermediários se propunham conseguir o licenciamento mediante o pagamento de Cr$ 20 milhões. Portanto, para que houvesse de minha parte uma prevaricação era necessário que eu concedesse a mesma licença. Mas eu a concedi? Não. Onde está, pois, a prevaricação? Onde está a desonestidade? A que têrmos fica, assim, reduzida a denúncia que contra mim fêz meu acusador? — A um trapo imundo que deve servir de sudário para quem maquinou tamanha miséria e para quem a executa com tanta frieza e mesmo até com tanta desumanidade. Sou um crente em Deus e só Lhe peço que faça justiça aos meus detratores. Era o que eu tinha a dizer em relação ao assunto». Assim concluiu o sr. Coriolano de Góis que, apesar de sua reputação de homem honesto não é, entretanto, simpático. Cremos ter êle herdado um pouco da vasta impopularidade que vem cercando a Cexim desde o seu aparecimento. Tem a mania de ensinar o b-a bá a jornalistas (apesar de ser fraco em português) e se diz paulista, se bem que tenha nascido na Bahia, sòmente porque foi para Piratininga aos 45 dias de idade.



ÚLTIMO FLASH



O homem comprido e magro, que chegara de Buenos Aires pelo avião da carreira, entrou no hotel, onde não reservara quarto, e encheu a ficha.

Nome: Charles Lindbergh; profissão: aviador e inspetor geral da Pan American Airways. Calcule-se o espanto do homem da portaria. Seria êle mesmo, o famoso Lindbergh, o herói do «Sprit of St. Louis»? Sim, era.

Logo a notícia espalhou-se. Advertidos, os secretários dos jornais puseram em campo, para a caça ao famoso «ás», equipes completas dos seus melhores fotógrafos e repórteres.

Mas Lindbergh não falou, ou falou pouco. Disse apenas que viera a serviço de sua emprêsa; que só se demoraria dois ou três dias; que ainda não achara tempo de tomar banho de mar; e que mais tarde, se fôsse possível, voltaria com a família para uma estada mais demorada. E já na segunda-feira tomava o avião de volta e sumia, esquivo e «anônimo» como chegou. No flagrante (tomado emprestado aos nossos confrades de «O Globo»), Charles Lindbergh aparece na portaria do Hotel Regente, em Copacabana, quando era abordado pelo repórter que o «cercou» durante horas seguidas, na busca de uma sensacional entrevista que não chegou a haver.

LOJA-2 *Lojas da Perfumaria Meyer* LOJA-1

LOUÇAS — CRISTAIS — PORCELANAS
PRATARIAS — ARTIGOS PARA PRESENTES

SALÃO DE CABELEIREIROS
PERFUMES — BIJUTERIAS





LOJA-3

CALÇADOS PARA
SENHORAS E
CRIANÇAS







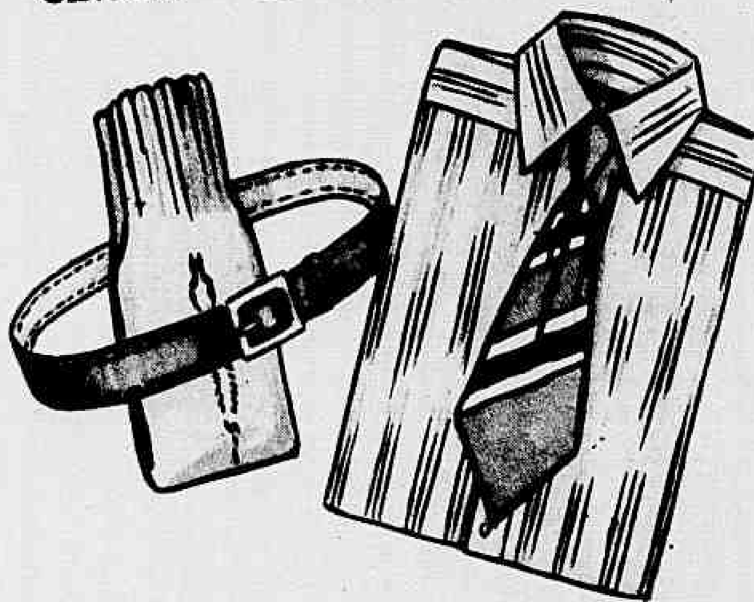
LOJA-4

CALÇADOS E CHAPÉUS
PARA HOMENS
ARTIGOS PARA ESPORTES



LOJA-5

CAMISAS — PIJAMAS — LENÇOS
CINTOS — GRAVATAS — ETC.



VIEIRAS DE CASTRO & CIA LTDA. — RIO

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — 29-1850 — 29-1479 e 29 1786

FABRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756

Uma tradição de bom gôsto





CIGARROS

hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.913